Tudo por um pop star - Thalita Rebouças

Contracapa:

Galera, fiquei muito feliz por estar participando desse livro. Eu e minha irmã (Sandy) temos um grande carinho pelos nossos fãs. E um grande respeito por todos que dedicam parte do seu tempo acompanhando a carreara daqueles que escolheram como ídolos. Acho que a Thalita acertou em cheio. Tanto no clima da história, quanto na idéia de fazer essa homenagem superjusta a essa galera.

Mas, voltando ao livro... Uma das coisas mais deliciosas é a forma divertida de retratar as aventuras das meninas Manu, Gabi e Ritinha. Sou suspeito, mas acho que Tudo por em pop star saca com sensibilidade o bom humor o clima dos megashows e os percalços a que os fãs estão sujeitos.

No início, como numa verdadeira mágica, tudo parece caminhar para um final feliz... Todos os problemas parecem ter solução, desde o transporte para a cidade até o acompanhante adulto para levá-las ao show Mas, de repente, as coisas começam a mudar de rumo. E aí a historia envolve o leitor e se torna surpreendente.

Tudo por um pop star é uma aventura da melhor qualidade. Quem sabe um dia encontro com Manu, Gabi e Ritinha em um dos nossos shows? Como os nossos outros fãs, será um prazer recebê-las.

“(Junior é músico e produtor musical. Começou a cantar com sua irmã, Sandy, aos cinco anos de idade. Hoje, com 19, pode ser considerado um veterano do show business. Em 13 anos de estrada, a dupla já vendeu 13 milhões de cópias de seus álbuns.)"

Informações:

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel: (21) 3525-2000

WWW.rocco.com.br

Impresso no Brasil

2003

Preparações de originais

LAURA VAN BOEKEL CHEOLA

Rebouças, Thalita, 1974

Tudo por um pop star/thalita Rebouças – Rio de Janeiro

Rocco, 2003, Primeira edição

"Jovens leitores"

ISBN 85-325-1643-2

A notícia

Manuela estava tão, mas tão eufórica, que não conseguia nem falar direito. Respiração ofegante, coração nas alturas, mãos suando, estômago revirando. Tudo por conta de uma notícia que ela acreditava ser a mais importante da sua vida. Talvez não a mais importante, vá lá, porém a mais empolgante, com certeza. Já tinha ido à Disney duas vezes, mas nada se comparava ao que sentia naquele momento. Nem a primeira bicicleta. E olha que bicicleta em Resende, onde morava desde sempre, numa casa ampla com os pais e os empregados, é muito mais que diversão sobre rodas. É o meio de transporte de nove entre dez adolescentes e, mais ainda, a primeira sensação de independência, de liberdade.

Apressou-se em ligar para Gabi e Ritinha. Não para fofocar, mas para convocar uma reunião de emergência. Precisava confabular com suas melhores amigas sobre o que acabara de descobrir.

Quando as duas chegaram à casa de Manu, como ela era carinhosamente chamada pelos íntimos, ouviram logo de cara:

- Vocês leram o jornal hoje?

- Jornal? Nem sabia que você lia jornal, Manu.

Natural de Belém, Gabi, ou melhor, Gabriela, tinha 13 anos, pele morena e cabelos longos, bem escuros. Os olhos, grandes e pretíssimos, pareciam duas bolas de gude, de tanto que brilhavam. Mística ao extremo, do tipo que acredita em duendes, forças ocultas e fantasmas, foi morar em Resende, no estado do Rio de Janeiro, aos três anos, depois que seu pai foi promovido a gerente de uma das maiores revendedoras de carros da cidade. Suas curvas e simpatia na medida certa deixavam os meninos do colégio enlouquecidos. Babando. É. Era linda. E ainda tinha o narizinho arrebitado a danada.

Gostava de inventar sua própria moda. Costurava (a máquina de costura era seu objeto preferido desde os sete anos) bordava, rasgava, transformava, pintava. Tinha um guarda-roupa para lá de originai, com peças criadas e confeccionadas por ela mesma, com muito orgulho. Craque em combinar acessórios, nunca errava na escolha das cores. Do grupo de amigas, era de longe a que melhor se dava com os pais - separados havia pouco mais de dois anos. Conversava com eles sobre tudo. Tinham uma relação saudável, descomplicada, madura e cheia de companheirismo.

- Eu só leio o horóscopo, e olhe lá! A gente vai ler jornal durante toda a nossa vida adulta, por isso eu prometi para mim mesma que aquelas letrinhas e manchetes todas só vão entrar na minha cabeça por livre e espontânea vontade depois que eu completar dezoito - manifestou-se a caçula do trio, Ritinha.

Rita de Cássia, ou Ritinha, seu apelido desde pequena, era aquele tipo de menina que toda sala de aula tem. Estudava pra caramba, mas quando tirava nota dez fazia tipo e falava "Geeente! Como eu tirei essa nota? Não estudei nada!...", com um sorrisinho todo satisfeito no canto da boca. A filha que todo pai gostaria de ter: obediente, inteligente e comportada. Baixinha, vivia tentando domar os cabelos cacheados. Queria

que fossem lisos e escorridos como os de Manu - que era loirinha dos olhos azuis. descendente de alemães. Sabe como é menina, sempre implica com as madeixas. Se Ritinha tivesse cabelo liso, certamente sonharia com cachos e mais cachos.

Fera no skate e craque em esportes com bola, era sempre a primeira a ser escalada para os times de queimado e handebol. Temporã, acabou sendo criada como filha única. Morria de medo do pai, seu Onofre, um senhor alto de pele morena, magro, austero e impaciente, nada chegado a uma conversa. Seu irmão mais velho, o Fred, morava fora do Brasil, mas o carinho que nutriam um pelo outro era mantido pelo telefone (em ocasiões especiais como aniversário e Natal!) e e-mail.

- Pois é, mas, graças ao meu pai, eu tenho o hábito de ler jornal todos os dias. Aliás, acho um mico vocês não fazerem muito isso também. E se no colégio rolar uma redação sobre um tema atual? O que vocês fazem? Sentam e choram, né? – Discursou Manu.

- Minha mãe me conta as novidades, ué – explicou-se Ritinha.

- E eu tenho preguiça. É tanta coisa pra ler...

- Preguiça?! De ler? Pois eu leio, ainda bem! Exatamente por isso, só eu soube da notícia que vai mudar nossas vidas – bronqueou Manu.

- Nossas vidas? – perguntou Gabi.

- Você disse “mudar nossas vidas”? – duvidou Ritinha.

- Claro. Afinal, nos três estamos juntas nesse sonho!

- Que sonho, Manu? Deixe de suspense! Não gosto disso – declarou Gabi.

Manu deu um sorrisinho maroto e fez a grande revelação:

- Sabem quem está vindo ao Brasil, com direito a uns dias de férias em Búzios entre um show e outro? Os Slavabody Disco-Disco Boys!

Olhos arregalados, gritinhos do tipo montanha-russa e um começo de chororô tomaram conta do quarto. Mas calma, meninas, não era só isso. A matéria dizia mais.

- Eles chegam daqui a vinte dias. Vinte dias! E vão se apresentar no Rio e em São Paulo! – completou Manuela.

Um sorriso meio desacreditado a estampar os rostos de Gabi e Ritinha. Parecia mentira. Como assim?! Finalmente teriam a oportunidade de ver bem de perto os caras mais gatos, mais famosos, mais maravilhosos, mais apaixonantes, mais tudo de bom e mais vitaminados da musica pop internacional. Eles estariam no Brasil respirando o mesmo ar que elas!

Após mais alguns pouquíssimos segundos de estupefação, as três se entreolharam, suspiraram e estouraram num grito histérico, infindável, para logo depois traduzir em palavras tudo o que estavam sentindo, numa só voz, num só coração, numa só alma, como se tivessem ensaiado.

- É um, é dois, é três! É quatro, é cinco mil Os Slavabody Disco-Disco Boys estão vindo ao Brasil! – Seguido do não menos pavoroso. – É o Slavabody, o-ba! É o Slavabody, o-ba!

Tudo bem, tudo bem... elas são fofas e coisa e tal, mas ninguém é perfeito.

- A gente é brega, hein? – atestou Gabi, rindo.

- Mas quem não é brega numa hora dessas? Nossas paixões, nossos gringuinhos preferidos estão vindo para perto da gente! – retrucou Manu.

- Ai, ai, eu já perdi a conta de quantas caixas com fotos e recortes com o maravilhoso Julius Tiger eu tenho no meu armário... – suspirou Ritinha.

- E a quantidade de coisa que eu tenho sobre o Stack Tom Tompson! Mas isso não importa agora! A questão é como vamos fazer para ir ao show – cortou Manu.

- Eu vi num filme que, nos anos 70, várias meninas conseguiam, não sei como, viajar dentro de um ônibus com as melhores bandas durante suas turnês. Não sei do lado do Slack Tom Tompson, do Alexander Ray Boff, do Julius Tiger e do Michael Laztakion? É só a gente descobrir como elas faziam e fazer igual. Deve ter como na internet. Nos Estados Unidos essas fãs são chamadas de groupies. Sabia que no tempo das nossas avós, nós seriamos chamadas de macacas-de-auditório! Horrível, né? – tagarelou Gabi.

- Que ótimo, Gabriela também é cultura, vejam vocês! – debochou Ritinha. – Mas vamos voltar á vaca-fria. Como é que a gente faz para ver o show! Minha mãe nunca vai me deixar ir para o Rio de Janeiro sem ela! Nunca! E ficar tietando pelo Rio com mãe a tiracolo não tem nada a ver. Sem contar que ela acha essa coisa de ser fã completamente idiota e vai me botar para baixo, tenho certeza. Conheço a peça. Se for para viajar com ela, prefiro nem ir.

- Com a minha mãe e o meu pai, nem pensar também. Meu pai trabalha todos os sábados desde que eu me entendo por gente. E minha mãe, agora que virou voluntária, nem cogita faltar ás aulas de pintura que ela e umas amigas dão, nos fins de semana em comunidades carentes. Só sobraram seus pais, Gabi.

- Pode esquecer! Meu pai odeia multidão. Não vejo a menor possibilidade de ele topar levar a gente. E minha mãe, vocês conhecem. Agora que a Kika teve sete filhotes, só pensa em cuidar deles. Não sai de casa para nada. Acha que os bichinhos são frágeis e precisam dela: está se sentindo a própria veterinária.

- Que ótimo! Perdemos o show – ironizou Ritinha.

- Lá vem você! Que mania de sofrer por antecipação! – contestou Manu. – Deve haver uma maneira de convencer nossos pais a nos deixar ver o show. Não pode ser tão difícil. Vamos botar a cabeça para trabalhar.

As três viviam esperando os meninos do Slavabody Disco-Disco Boys anunciarem sua vinda ao Brasil. Rezavam por isso. Só pensavam nisso. Choravam e esgoelavam-se por isso. E esse dia finalmente havia chegado. Merecia um esforço.

- Que tal fazermos uma campanha? Podemos insistir exaustivamente e vencer pelo cansaço – sugeriu Manu.

- Boa idéia. Eu faço a camiseta da nossa campanha, que pode ser chamar "Slavabody já"

- E eu posso implorar e fazer drama todos os dias, várias vezes por dia, durante uma semana. Quando eu precisei trocar meu skate velhinho por um novo, usei a tática e deu certo – lembrou-se Ritinha.

- Abrir o berreiro e usar a camiseta da campanha vinte e quatro horas por dia. Será que só isso basta? – ponderou Gabi.

Talvez sim. Talvez não. Vamos nos botar no lugar dos nossos pais e tentar prever a reação deles – palpitou Manu.

- Xi, não acho bom... sabe como me vejo no lugar deles? "Rita de Cássia Simião da Silva, você percebeu o juízo de vez? Show do Slavabody no Rio, era só o que faltava! Nossa resposta é CLARO QUE NÃO! Vá estudar para ser alguém na vida e esqueça esses meninos sem graça. E já para o quarto!" – estourou Ritinha imitando a voz meio gasguita de sua mãe.

Uui! Que balde de água fria!

- Ai, Ritinha, seu pessimismo me irrita! –disse Manu.

- Acho que o melhor a fazer é chegar para eles com uma solução, não com um problema. Para isso, precisamos resolver muita coisa antes de botar a campanha e nossas mais sinceras lágrimas em ação. Um: os outros custos da viagem serão pagos com a nossa mesada ou com um extra que eles dariam? Dois: e os ingressos? Três: como vamos para o Rio? Quatro: onde a gente vai se hospedar? Melhor ter todas essas respostas na ponto da língua na hora de falar com eles – Observou Gabi.

- Ai, tudo bem! Tudo bem! Rita de Cássia e Gabriela, vocês são tããão chatas. Eu ainda não pensei nesses detalhes! É só parar e pensar, então. Se o problema é só esse, vamos pensar. É pensando que a gente resolve as coisas. A gente tem de pensar, pensar, pensar.

Aos poucos os rostos se fecharam num expressão desolada, triste, de desapontamento. No fundo, no fundo, sabiam que nenhum pai encararia com sorrisos e naturalidade a idéia de ter a filha adolescente andando pela Cidade Maravilhosa por conta de um show internacional. E ainda tinha uma agravante: Gabi e Manu eram filhas únicas e, portanto, superprotegidas.

Mesmo assim, pesaram em diversas "técnicas de insistência". Gabi cogitou comprar, ou alugar, um berrante para tocá-lo uma hora por dia, depois do jantar, mas as

três concluíram que isso só irritaria as mães, e a intenção era amaciar os pais, agradá-los. Atos como bajular, dar mais beijos que o normal, limpar o prato em todas as refeições, comportar-se melhor e coisas do gênero também foram descartados. Eles se sentiriam enganados e não deixariam. Para piorar, faltava muito para o período das provas. Logo, notas boas não poderiam ser usadas como argumento. Hummm...

Manuela ficou desapontada, achou que seria bem mais fácil. O Rio e o Slavabody, antes mesmo de se aproximarem delas, começaram a ficar looonge.

Mas... espera aí!

Claro! Manu lembrou-se da prima, Babete, também conhecida como Babete Labareda. Ela era ídolo de dez entre dez meninas de Resende desde que foi pega ficando com o primeiro dos quatro atores lindos e famosos que beijou no período recorde de dois meses.

- Já sei! Vamos agora para a casa de Babete! – Gritou Manu.

- Aquela sua prima doidinha?- quis saber Ritinha.

- Ela pode até ser doidinha, mas é uma ótima resolvedora de problemas. Vamos logo?

Pegaram suas bicicletas e partiram.

Babete precisava fazer algo. Era a última esperança do trio de macacas-de-auditório, ops! De fãs ardorosas. Babete era experiente em relação a "assuntos da vida", como ela mesma dizia. Era tudo o que elas queriam ser: esperta, poderosa, charmosa e independente – já tinha até morado sozinha em Nova York e Paris. Uau!

Quando chegaram lá, Labareda meditava, compenetradíssima ao som de "Os melhores mantras de todos os tempos, volume 7". Ao abrir a porta, olhou por dois segundos para as meninas e disparou:

- Que caras de enterro são essas? Vocês não vão entrar aqui em casa com essa energia pesada, não! Vamos respirar, todo mundo respirando, respirando... pensem no nirvana, mas não aquele grupo de rock, pelo amor de Deus!... rio azul, na casca do pêssego, no mar, na água da chuva, na cachoeira. Visualizem uma luz intensa numa

floresta cheia de pássaros com o bico grande e asas vermelhas, isso... Por fim, imaginem a aura de vocês se purificando, melhor, imaginem um espanador astral que bote para fora toda a poeirinha ruim e estragada, óóótimo... – disse Labareda, de olhos fechados e mexendo as mãos suavemente como se estivesse limpando mesmo ás três, embora não tenha sequer encostado o dedo nelas.

Manu, Ritinha e Gabi ficaram paralisadas. Não sabiam se riam ou choravam. Não esperavam um recepção assim, tão esotérica.

- Não saiam daí! – completou Babete antes de bater a porta com toda força na cara das meninas, que continuavam se entreolhando sem entender nada.

- Essa doida tinha de ser da sua família, né, Manu? Não pode ser um prima normalzinha, que estuda para ser médica, malha três vezes por semana e sonha com o casamento desde o dia em que se vestiu de noiva na festa junina da escola? – resmungou Ritinha.

- Deixa de ser antipática, Rita de Cássia! – berrou Manu. Era assim que as amigas e os pais chamavam Ritinha quando estavam enfezados com ela.

-Não vê que ela só está querendo ajudar? Minha avó sempre diz para eu cuidar muito bem da minha aura. Já tomei banho de sal grosso e tudo. Não vejo nada de doido nisso, tá? – bradou Gabi.

- Pois quer saber? A única Áurea que eu conheço é a prima da manicure da mulher do meu vizinho! - esbravejou Ritinha, demonstrando total desconhecimento do assunto.

A porta se abriu. Era Babete de novo. Dessa vez vestia uma túnica branca meio amassada e segurava alguns galhos de arruda numa mão e um defumador na outra. Começou a bater forte com os galhos em cada uma das três, dizendo palavras ininteligíveis. Batia de verdade. Pancadão mesmo. Para "espantar as forças do mal", segundo ela. Depois de purificá-las, deixou-as finalmente entrar

- Agora sim! Tirem os sapatos, por favor, meninas, e façam sua a minha casa, o meu espaço terrestre. E não se preocupem com chulé! Meu defumador é poderoso e capaz de eliminar qualquer fedor: Entrem!

- Gente não sei mais se eu quero tanto ir a esse show, viu? Está dando muito trabalho... — sussurrou Ritinha às amigas antes de entrar.

- Shhhh! - censuraram, em coro, as outras duas.

- Cadê seus pais, Babete? - puxou assunto Manu.

- Foram procurar um substituto para o Douglas, que já está muito rodado. Ele anda dando problema direto, o cano de descarga soltou pela nona vez. Agora não tem mais jeito, os velhos vão ter de vender o Douglinhas. Mas meu Maneco está firme e forte. Tem até direção hidráulica! Sabe lá o que é isso? Você já andou no Maneco, né, Manu? Vocês querem beber alguma coisa? Coca, guaraná, cerveja, vodca... estou brincando, óbvio! Só tem água. Gelada e sem ser gelada. É que mamãe anda desleixada e ainda não fez supermercado este mês. Peraí que eu vou pegar. Querem biscoito? Acho que tem biscoito. Biscoito de aveia, vocês gostam? Tem um pacote, se não me engano, vou pegar também. Fica á vontade, gente!

Babete falava sem parar. Falava, falava, falava demais. Pelos cotovelos. Sequer respirava. E era toda zen, imagina se não fosse. Ah, sim. Dava nome aos carros e não era raro vê-la trocando dedos de prosa com eles. Era muito alto-astral. E beeeeem maluca á primeira vista.

Aquela alegria infindável tirou as meninas do sério. E quem disse que elas queriam água com biscoito de aveia? "Argh! Que doida!", pensaram as três. Quando ela chegou, em vez de biscoitos, tinha bolo de cenoura e em vez de água, suco de laranja com beterraba.

- Olha o que eu trooooouxe! Hora do lanche, que hora tão feliz! O suco de laranja ta vermelho por causa da beterraba. Faz um bem danado misturar os dois! Dá força, vigor, energia, vocês nem imaginam!

- A gente imagina, sim, Babete. E como! – ironizou Manu.

- Mas digam: a que devo a honra desta tripla visita?

- É que... bem, a história é a seguinte: os Slavabody Disco-Disco Boys estão vindo para cá e...

- Para Resende?! Gente, que legal! Olhem Resende crescendo no cenário pop mundial! Iu-huu! – interveio Babete, cheia de felicidade.

- Claro que não, Babete! Quis dizer que eles estão vindo para o Brasil e que...

Manu contou a história toda. Tintim por tintim. Desde a hora em que acordou e leu o jornal.

- É claro que eu ajudo vocês, meninas! Fui fã fanática por muitos e muitos anos, sei bem o que é isso. Já invadi o palco no show do U2 em Paris e quando dei por mim estava beijando o Bono na boca. Também já entrei na área VIP de um concerto do Elton John em Nova York e rompi a grade de proteção num show da Madonna em Londres.

- Você beijou o Bono Vox? – quis saber Manu, levantando as sobrancelhas.

- Do U2? – perguntou Ritinha, os olhos arregalados.

- Na boca? – completou Gabi, de queixo caído.

- Bom, não foi exatamente n boca. Foi, assim, bem perto do cantinho da boca, mas eu considero boca, obviamente. E não foi assim um beeijo, beeijo... foi um meio-beijo, praticamente uma lambida, porque em dois segundos eu fui obrigada a trocar o braço musculoso do Bono pelo ombro de um segurança nada educado, que me tirou á força do palco – explicou Babete.

- E seus pais não fizeram nada com você depois disso? – indagou Ritinha.

- Que nada! Eu morava em Paris, sozinha, o que significa dizer que eu era meu pai e minha mãe. Como eu me entendi completamente, perdoei esse meu ato de, digamos, tietagem explícita, e nem precisei me deixar de castigo.

- Ai, que inveja! Como deve ser bom cuidar do próprio nariz – empolgou-se Gabi.

- É, e o mais legal é perceber que a gente consegue andar com as nossas próprias pernas, sabe? Por isso, por estar aprendendo tanto, achava um absurdo me punir, me deixar de castigo ou me dar bronca durante minhas andanças de mochila nas costas! Eu me dava um desconto, né, gente? Afinal, estava sozinha, mudando de país a cada dois meses, tendo de me virar com roupas, comida, sapato, tintura de cabelo, incenso... isso sem contar que cabia só a mim descobrir onde tinha carne de soja, que loja vendia o

melhor abajur azul com estrelinhas giratórias, pelo menor preço, em qual farmácia eu achava remédios á base de hamamélis e outras coisas essenciais para a vida. Não era nada fácil, eu ralava pra caramba! Fiz de tudo um pouco: fui ajudante de pedreiro, manobrista de boate badalada, assistente de mágico decadente, e por aí vai.

Os olhos das três faiscavam. Babete tinha morado bastante tempo sozinha, fora do país. Para elas, meninas de Resende, isso era moderno demais, independente demais, maravilhoso demais, fora do normal demais, encantador demais. Invejável demais, portanto.

Tudo bem, Babete era doidinha. Está bem, está bem... completamente doida. Mas quem não é?

- Podem contar comigo para o que vocês precisarem.

- Esse é o problema. A gente precisa de tudo – desabafou Gabi.

- Vejamos, vejamos. Qual a melhor tática para convencer seus pais a deixar vocês verem o show dos bofes do Rio? E se vocês falarem em casa que vão deixar de comer batata frita por um ano? Tudo o que os pais mais querem é ver os filhos com saúde, acho que pode colar. Se ele não deixarem, digam que vão pintar os cabelos de verde. Aposto que aí eles deixam. Que tal?

Vamos combinar que a famosa resolvedora de problemas não estava se saindo tão bem. Não resolveu nada, só complicou.

- Acho difícil. Minha mãe não vai dar a mínima bola para esse tipo de argumento. Vai falar que parar de comer fritura é ótimo e que isso não tem nada a ver com o Slavabody – soltou Gabi.

- E a minha mãe sabe que eu jamais pintaria o cabelo de verde – avisou Manu.

- Hum... então deixa eu pensar mais... por que vocês não dizem que vão ao Rio para cuidar, como voluntárias, da nova safra de filhotes do zoológico e vão aproveitar, já que estão lá mesmo, para ver o show dos Slavabody? Assim vocês deixam o show em segundo plano, minimizando, eles podem nem perceber.

Voluntários do zoológico? Que papo mais sem pé nem cabeça! Não que elas não gostassem de bichinhos, pelo contrario, mas nunca tinham ouvido falar que o zoológico aceita voluntários da idade delas para “cuidar de filhotes”. Filhotes precisam de cuidados especiais! Babete, Babete, cadê sua famosa facilidade para descascar pepinos? Será que foi para o ar junto com a fumacinha dos incensos?

- Como assim, não perceber?! Nossos pais não são burros, Babete! E já foram crianças, notariam na hora que aí tem coisa – estrilou Ritinha, com total apoio das amigas.

Xi... aquela visita não estava rendendo os frutos desejados. E Babete era a última esperança do trio de tietes.

- Não está fluindo, meninas, a energia não está fluindo. Peraí que eu já volto.

Em um minuto, reapareceu. Agora vestindo uma roupa azul-turquesa que a ajudaria a pensar melhor e a clarear as idéias. Sentou-se em postura de meditação, fechou os olhos para se concentrar e, em questão de segundos, chegou a uma conclusão.

- Tive uma idéia! – gritou Babete, enquanto se levantava num pulo e corria para pegar o telefone.

Ai, ai, ai, ai, ai. A palavra “idéia”, vinda dessa maluquete, não gerava todas as expectativas. Labareda era esforçada e cheia de boas intenções, mas suas últimas idéias foram desastrosas. As meninas se perguntaram “o que esta doida vai aprontar?”. Logo tiveram a resposta.

- Eu gostaria de falar com a tia Maclá, por favor... – pediu, enquanto dava uma piscadela marota para as meninas, que áquela altura sacudiam as mãos, com os olhos arregalados e cara de "sua maluca, pára com isso!".

- Tia, sou eu, Babete. É o seguinte: Manu e duas amigas dela, a Babi e a Vidinha...

- Gabi e Ritinha, Babete! - corrigiu-lhe a tia.

- Ah, é. Desculpe, tia. Bom, elas vieram aqui em casa me pedir ajuda. Queriam que eu bolasse uma forma de convencer você e os pais das outras a deixá-las ir ao show dos Slavabody Disco-Disco Boys, que vêm se apresentar no Rio.

Hã? Como? O quê? O que foi que ela disse? Não é possível! E pensar que Gabi, Manu e Ritinha foram até Babete na esperança de resolver um problema, mas, ao contrário, criaram um. Agora a mãe de Manu sabia do show, o que quer dizer que em pouco tempo todas as mães saberiam do show, e elas não tinham nada preparado. Nada! Babete ignorou a aflição do trio e prosseguiu:

- Lembrei de uma coisa que certamente vai convencê-la a deixar sua filha ir para o Rio ver o show. Sabe o Davi, aquele meu melhor amigo, que é diretor de fotografia? Então, ele mora num apê gigante em Copacabana. Elas podiam ficar hospedadas lá sem pagar nada. E eu me comprometo, com você e com os pais da Gabi e da Ritinha, a tomar conta das meninas e acompanhá-las ao show. O que você acha, tia?

Até que não era má idéia. Vamos e venhamos, ir para o Rio com uma pessoa mais velha, e da família de Manu, podia ser a solução para os pais permitirem que suas filhas realizassem o sonho de ver os atléticos meninos do Slavabody ao vivo e em cores.

- E quem disse que eu vou deixar a Manu ir para o Rio com você! Só se eu estivesse louca.

Ops! Pela cara de Babete, as meninas perceberam que Maria Clara não gostara muito da proposta.

- Ah, tia... deixe! Por favor. Eu sou responsável, pode não parecer, mas sou. Eu sei... eu sei... entendo tia, arrã, arrã...

Enquanto falava, ou melhor, ouvia. Babete pôs o polegar para baixo, para mostrar para as três que o bate-papo não ia nada bem. A desilusão voltou a tomar forma no rosto do trio. E no da própria maluquete, que parecia inconformada.

Mas nem tudo estava perdido. Num piscar de olhos, a prima de Manu lembrou-se de um detalhe que podia fazer toda a diferença naquela conversa. Antes de continuar com a tia, porém, afastou o telefone da boca e confirmou:

- O show cai em um fim de semana, não é meninas? Ai, que bom! – comemorou, observada por Gabi, Manu e Ritinha, todas com cara de interrogação. Apressou-se em explicar. – Seguinte, tia: Todo fim de semana a mãe do Davi, dona Eulália, que eu chamo

de Lalá, viaja de Ubá, onde mora, para o Rio. Vai matar a saudade do filho, passear pela Cidade Maravilhosa e dar um jeitinho no apartamento. É dona e professora de um dos colégios mais tradicionais de Ubá, a-do-ra crianças e aposto que vai amar a idéia de ir ao show com elas. Só preciso telefonar para checar. O que você acha?

Até que enfim, Babete acertou uma! Já não era sem tempo. Aquilo, sim, tinha pinta de idéia boa, coerente, pertinente, feita sob medida para agradar os pais e suas filhas, claro. Após um longo e inquietante silêncio, Maria Clara manifestou-se.

- Não sei, Babete, não sei... preciso pensar nisso com calma, discutir essa possibilidade com o Afonso, não dá para lhe dar uma resposta agora. E eu sei lá se essa mulher vai querer aturar três aborrescentes durante todo o fim de semana.

- Ah tia, pense com carinho, fale com o tio Afonso. Elas querem tanto ir a esse show. E merecem. São boas meninas, boas alunas... e quanto a Lalá, tenho certeza que vai adorar. Conheço a peça. Ela é animadíssima. Se bobear é mais fã do Slavabody do que a sua filha.

- Menos, Babete, menos. Está bem, sua garota chata e insistente, vou pensar, prometo.

- Com carinho! – enfatizou Babete, agora com o polegar para cima, para deleite das amigas mais novas.

- Está bem, com carinho. Agora preciso malhar. Beijo. Tchau. – desligou Maria Clara, com o humor bem melhor e uma voz que dava sinais de trégua.

As três não esperaram para voar em Babete e dar nela um abraço coletivo. Eufóricas, sabiam que agora tinham chances reais de conseguir convencer os pais. O show, a viagem ao Rio, o Slavabody... tudo começava a se aproximar delas de novo, como num passe de mágica.

A tesa franzida de Ritinha, entretanto, denotava uma certa preocupação.

- Mas... essa dona Eulália é legal, né? Porque ninguém merece ir ao show e passar o fim de semana inteiro com uma chatonilda.

- Legal?! Ela é ótima, Ritoca! Moderníssima, divertidíssima, bem informadíssima, cultíssima; só usa sapatos divertidos, ama picolé de limão e toca contrabaixo acústico como ninguém. Vocês vão pirar com a Lalá – descreveu Babete.

Ouvir isso foi um alivio para Ritinha. Ela já não era a personificação do bom humor, se encontrasse pela frente uma senhora mala, implicante e com pinta de general seria o fim, sabia que ficaria mal-humorada e resmungona durante todo o tempo.

- E o apartamento do Davi? É bacana? – animou-se Gabi.

- Vocês não têm noção de como é maneiro. E o apê mais maravilhoso, translúcido e transcendental de Copacabana. Um mundo de portas e paredes. A vista é tão linda que ele, em vez de cortina, botou uma moldura em volta da janela. Aí ficou parecendo um quadro, só que com movimento. Não é o máximo.

- Nossa, que idéia boa! Muito criativo o seu amigo. Mas a gente não vai incomodar?

- Incomodar? De jeito nenhum! E tem lugar de sobra para vocês e mais vinte amigas, se quiserem. Com direito a barracas no meio da saia e tudo. Vocês vão comigo e o Maneco, meu carrinho. Já fui dirigindo várias vezes para o Rio; estou craque na estrada, vocês não precisam se preocupar. Uma vez lá é só a gente aproveitar o restinho de sexta e esperar pelo sábado, quando a Lalá costuma chegar ao Rio - tranqüilizou Babete.

Em seguida, passou a mão no telefone e ligou para a mãe de Davi, que conhecia há mais de dez anos. Conversa vai, conversa vem, anda para um lado, anda para o outro (ela nunca conseguia ficar parada ou sentada com o telefone sem fio na mão), Babete abriu um sorriso, Sorrisão. Bingo! Dona Eulália estava cheia de disposição (e empolgação) para voltar no tempo e virar criança em solo carioca ao lado das três resendenses.

A prima de Manu pediu que ela ligasse á noite para as casas das tietes, a fim de interceder por elas e acalmar os pais.

- Combinado. Depois ligo para dizer-lhe o resultado da minha conversa com eles. Mas fique sossegada, vai dar tudo certo, lido bem com pais. Você sabe, faço isso há mais de 30 anos.

- Aí, que bom! Então ta. A gente volta a se falar mais tarde. Obrigadíssima, Lalá. E pode deixar que, como agradecimento, eu levo de presente pra você um baú cheinho de incenso!

- Valeu dona Eulália! – berrou Manu.

- É dona Eulália, o-ba! É dona Eulália, o-ba! – puxou Ritinha.

Babete desligou, virou para as meninas e decretou:

- Beleza, galera! Tudo nos trinques. Agora é só cruzar os vinte dedos e rezar. Mas estou sentindo que essa história vai ter um final feliz. Torçam bastante, com todas as suas forças.

- Pode deixar! Torcida é o que não vai faltar! – Empolgou-se Manu.

Em êxtase com a possibilidade de realizarem um baita sonho, as três começaram a pular, gritar, gargalhar e chorar feito loucas, uma cafonice só. Agora era só esperar e fazer pensamentos positivos, como sugeriu a maluquete mais gente boa de Resende.

Ao se despedir de Babete, não resistiram e deram nela um abraço apertado, demorado, cheio de gratidão. Saíram do apartamento sem conseguir parar de sorrir, com as pernas bobas, o corpo leve, o coração molenga. Que tarde! Quantas emoções!

Deixaram suas bicicletas na garagem da prima de Manu e fizeram o caminho de volta de mãos dadas, caminhando devagar, sem pressa nenhuma. Em total silêncio – coisa que só deve ter acontecido essa única vez, já que estamos falando desse trio de meninas fofas e falantes.

Dona Eulália caíra do céu! Até Ritinha parecia mais tranqüila. Seu pai jamais seria duto com uma professora, ouviria pacientemente cada argumento – o que nunca faria com a filha.

Em menos de cinco minutos de caminhada, o silêncio foi quebrado e deu lugar a uma série de sons histéricos e indescritíveis, gritados enquanto pulavam em círculo

abraçadas, ás lágrimas como se tivessem acabado de ver o Slavabody em carne e osso. Não, não era comemoração antes da vitória. Comemoravam apenas o fato de correrem o sério risco de assistir ao show do grupo no Rio. Isso, por si só, já era um motivo e tanto para vibrar, berrar, chorar!

Depois, aquietaram-se novamente. Sossegaram o facho como costumava dizer a mãe de Gabi quando via as três mocinhas comportando-se como tal. Podiam chamar de fútil, ridículo, sem nexo, do que fosse. Mas aquele amor de fã era tão incondicional, tão verdadeiro, que só mesmo fãs fanáticos conseguem entender. Um amor misturado com admiração, respeito, idolatria

Estavam vivendo intensamente a vida; e a vida, naquele momento, só tinha uma razão de ser: Slavabody Disco-Disco Boys - nome doido e comprido que elas amavam repetir embora desconhecessem o significado (como se tivesse um significado!).

Para elas, os quatro meninos saltitantes, sarados, acrobáticos e com roupas esquisitas formavam simplesmente a melhor banda de todos os tempos. E ai de quem discordasse ou falasse que eram do tipo caça-níqueis, sem um pingo de talento. Os caras eram tudo de bom e ponto final.

À noite, como combinado, dona Eulália telefonou para a casa das meninas. Passou cerca de uma hora com cada um dos pais, falando do seu jeito com crianças, do seu amor pela profissão de mestre, respondendo a todas as perguntas maternas, entendendo as preocupações e os medos dos pais em deixar as filhas irem para uma cidade grande como o Rio, comentando a novela, o preço da gasolina e ouvindo, ouvindo, ouvindo à beça.

Ritinha, Gabi e Manu aguardavam ansiosas o parecer dos pais sobre a mãe de Davi ao fim dos telefonemas. Todos, sem exceção pareceram gostar muito dela, mas, para desilusão do trio, nenhum deu o aval para a viagem. Ficaram de pensar.

- Pensar em quê, mãe? O que é que você e o papai tanto pensam? Não vejo motivo para vocês não deixarem a gente ir. Temos onde ficar e com quem ir. Ai, pelo amor de Deus! – implorou Manu.

A resposta não veio. Nem em uma hora, muito menos em um dia. Os seis pais em questão achavam o assunto importantíssimo, e assuntos importantíssimos não são resolvidos de uma hora para outra. No dia seguinte ao telefonema, reuniram-se, as portas fechadas, na casa de Manu. Em pauta: deixar ou não deixar as filhas irem ao show (cruel questão). Preocupavam-se com a idade delas, o tamanho, a fragilidade, o fato de nunca terem viajado sem eles... coisas de pais. Mas nessa reunião nada foi decidido.

Passou outro dia.

Ai, meu Deus!

Mais outro.

A ansiedade imperava.

Mais um.

E elas gritavam por dentro: "Decidam logo!"

Um suspense danado, e tome de pensar.

- Nada ainda, mãe? - perguntavam várias vezes por dia.

- Não, querida, ainda estamos pensando. - Era a frase que ouviam de resposta.

Ao fim do quinto dia de espera, uma nova reunião na casa de Manu. Dessa vez com a promessa de uma resposta definitiva ao apelo das filhas.

- Nós pensamos bem... - começou Afonso, pai de Manu, como se elas não soubessem.

- Vocês pensaram para caramba, tio! Demais da conta, estão matando a gente de curiosidade - reclamou Gabi.

- O assunto exigia, querida. Um dia você será mãe e vai entender o que estou dizendo. Bom, sei que vocês estão ansiosas e não farei mistério. Vocês...

Nesse momento, quando os corações das três batiam mais rápido que bateria de escola de samba, Afonso teve um acesso de tosse. Acesso daqueles em que o povo em volta precisa ajudar, dar tapinhas nas costas, dar conselhos. Seu Onofre, pai de Ritinha, logo gritou:

- Bote os braços para cima, Afonso, bote os braços para cima!

Iara, mãe de Gabi, acrescentou:

- Agora balance, balance forte, para frente e para trás, isso!

Maria Clara seguiu outra linha:

-Tussa com força, amor. Mais. Assim!

Enquanto isso. Ritinha era o retrato da ansiedade e soltou em voz alta o pensamento que ocupava sua cabeça;

-Ai,tio Afonso, deixe disso, vá logo tomar um xarope! Quer que eu pegue?

Puxa vida, que tosse mais fora de hora! Tosse chata que não passava. Só o tempo passava e elas continuavam indóceis, sem saber a decisão de seus progenitores. A tosse, enfim, cessou, depois de mais alguns longos e intermináveis minutos, e Afonso pôde continuar:

- Bem, meninas... vocês podem ir ao show do Slavabody! - determinou o pai de Manu, com um sorriso no rosto ainda vermelho.

Diante de tamanha revelação, as três não se contiveram. Entreolharam-se, prepararam-se, respiraram fundo e soltaram, aos pulos, aos berros e aos soluços a originalíssima musiquinha (se é que podemos chamar isso de música);

- Órí, óri, óri, vamos ver o Slavabody! Óri, óri, óri, vamos ver

Slavabody U-huuuuuu!

Ai, ai...

- Três vivas para a dona Eulália! - puxou Gabi

-Viva! Viva! Viva!- responderam as outras duas em coro.

Agora era só contar nos dedos para o grande dia. E tentar não enlouquecer com a queima de fogos que acontecia dentro de suas barrigas. A viagem finalmente tomava forma, ganhava vida, cores. Aos poucos, o trio começava a dar asas à imaginação e a voar para bem longe de casa. Traduzindo: para pertinho do cultuado Slavabody Disco-Disco Boys.

Meninas de sorte...

Na estrada

O ponto de encontro foi a casa de Babete, claro. O show aconteceria no sábado e elas saíram de Resende no começo da tarde de sesta-feira rumo ao Rio. Cada uma ganhou dinheiro dos pais para alimentação e ingressos, que custavam umas cinqüenta pratas.

Na bagagem: biquínis, o binóculo do pai de Manu, gloss, glitter, rímel, protetor solar, cangas, shorts, tênis, band-aid, camisetas, livros, gibis, meias e um casaquinho caso esfriasse. Gabi levou um perfume para cada dia, além de uma maleta natureba de primeiros socorros, cheia de remédios alternativos e cheirosos, uns feitos de ervas naturais, outros a base de flores. Ritinha pôs na mala os livros de exercícios de matemática, geografia, português e história. Manu, por sua vez, resolveu acrescentar ás roupas umas fotos bacanas. Tinha esperança de esbarrar com o "olheiro" de uma agência de modelos disposta a investir nela e a pagar o book que seu pai vinha se negando a patrocinar há anos – só por achar que a filha tinha de seguir seus passos de empresário de sucesso.

No mais, foram munidas de Cds variados e de um bom humor fora do normal. Tudo para enfrentar numa boa o trajeto Resende-Rio, de duas horas.

- Oi, meniiiiinaaaaaassss! Mandei dar um banho gostoso no Maneco para ele ficar cheirosinho para vocês! Aliás, vocês já deram bom-dia para o Maneco? – perguntou Babete, enquanto acomodava a bagagem no porta-malas.

- Bom-dia, Maneco! – disseram as três em uníssono.

- As mães de vocês estão enlouquecidas. Preocupadas que só elas – puxou papo Babete.

- E a gente não sabe? Antes de sair, eu ouvi umas 576 recomendações – comentou Gabi.

- A minha, então?! Se eu contar o que ela fez, vocês não acreditam. Disse que eu estava tão agitada por causa da viagem, do show, de tudo, que resolveu me dar por escrito sua lista imensa de recomendação. Aqui, ó, vou ler pra vocês:

"Coisas para fazer na viagem: obedecer á dona Eulália, escovar os dentes, não comer bobagens, não comer entre as refeições, não comer massa antes de deitar, não comer muito, beber leite no café da manhã, obedecer á dona Eulália, tomar banho diariamente (uma vez, pelo menos), botar o casaco quando estiver frio, não dormir tarde, não fazer bagunça no apartamento, não dar trabalho para a dona Eulália, não entrar no mar sozinha, não ficar sozinha, não fazer nada sozinha (o Rio é uma cidade perigosa, isso vale para as três), não se perder da dona Eulália, não conversar com a Babete enquanto ela estiver dirigindo, não repetir coisas que a Babete fez, faz e/ou falou, não beber nada que um estranho ofereça no Maracanã, obedecer á dona Eulália, não falar com estranhos, não fazer besteiras, não tietar em excesso e não chorar durante o show (muito cafona). Por último... obedecer á dona Eulália, essa pobre doida varrida que aceitou vocês três por um fim de semana inteirinho. Coitada, não sabe onde se meteu. Te amo. Se cuida! Beijos, mamãe.

PS: OBEDEÇA Á DONA EULÁLIA!"

As meninas rolaram de rir. Mãe é mãe, tudo igual mesmo.

- Só a Cecília, Ritoca, me ligou seis vezes. Pediu para eu ir bem devagar e disse que você enjoa em estrada. Eu trouxe até esses cristais coloridos e esses incensos à base de limão, são ótimos para enjôo. Se o estômago embrulhar, bota os cristais colados na barriga e cheira com força o incenso limão, apagado, claro. É tiro e queda. Se mesmo assim você continuar enjoada, o que é difícil, mas pode acontecer, trouxe esses saquinhos plásticos de avião que comprei num leilão na internet. Não são fofos?

Os tais saquinhos eram da década de 60, de companhias aéreas de todo o mundo. A maluquete não batia bem, mas era adorável. Apesar de mais velha, conversava com as meninas de igual para igual, falava a língua delas naturalmente. As três, por sua vez, estavam para lá de agradecidas, sabiam que a viagem só saíra por obra e esforço de Babete.

- O que seria de nós sem você, hein, prima? Nós só vamos ver o show porque você apareceu na nossa vida como uma luz. Estamos prestes a realizar nosso sonho por sua causa. Você é o nosso anjo. Obrigada por tudo, em nome de todas - agradeceu Manu.

- É a Babete, o-ba! É a Babete, o-ba! - puxou o coro Ritinha, seguida imediatamente pelas outras.

- Obrigada pelas palavras, mas não, gente! PeloamordeDeus, corinho não, né? Fico superfeliz por vocês estarem realizando um sonho, viajando para a Cidade Maravilhosa, e coisa e tal, mas não precisam transformar o que estão sentindo em música com coreografia, tá? - implorou Babete.

Dava para perceber que seria uma viagem engraçada. E com a menina mais velha mais legal que elas conheciam. Só com ela, sem pai, sem mãe.

Quanto à sempre-empolgada-Labareda, estava visivelmente feliz, revivendo seus bons tempos, ficando com treze, catorze anos de novo, lembrando o tempo em que foi tiete profissional. Mas sem nostalgia ou saudosismo. Isso não combinava nada com ela.

- O que vocês querem ouvir? - perguntou Maneco, que só havia imposto uma condição: nada de Slavabody na viagem, senão elas não conseguiriam conversar.

- Sandy e Júnior! Sandy e Júnior! - berrou Ritinha

- Sandy e Júnior? Eu também adoro eles, mas ia sugerir Beatles, só para variar um pouco - cortou Gabi.

- Beatles? Por que é que a gente ia querer ouvir Beatles? Não acredito que você trouxe um CD dos Beatles! Beatles? Eu, hein! - manifestou-se Manu.

- Talvez porque suas músicas sejam geniais e eles sejam até hoje um dos grupos mais criativos e populares de todos os tempos! - rebateu Gabi.

- Desculpe, mas o que é que deu em você, hein? É fome, Gabi? Eu tenho biscoito recheado, quer? - debochou Ritinha.

- Desculpe decepcionar a beatlemaníaca, mas o quarteto de Liverpool não é para sempre. O tal do John Lennon não morreu tempo? - espetou Manu, cruel, perdendo uma excelente oportunidade de ficar calada.

- Nossa, Manu, como você consegue falar assim daquele gênio? É alienação, falta do que fazer ou o quê? Que absurdo! Fiquei preocupada com a senhora agora! Ontem, antes de dormir, pensei o seguinte: na juventude, nossas mães eram fãs do Chico, do Caetano, do Roberto Carlos. E eles continuam aí, com força total, vendendo disco à beça e com a popularidade intacta, até maior do que a de tempos atrás, mantendo um sucesso que não vai acabar nunca. Nossas filhas vão dizer o que da gente? Será que elas vão saber quem foram e o que cantavam os Slavabody Disco-Disco Boys? - discursou Gabi, para total irritação das outras duas.

O silêncio desconfortável não durou muito tempo

- Iiihh! Eu só queria causar uma pequena polêmica! Vocês têm idéia de quanto tempo a gente vai ficar trancada neste carro quer dizer, no Maneco? Resolvi criar uma pequena discussão. Mas vocês são chatas, não sabem nem brigar direito! Sem contar que, me desculpem, são duas antas em matéria de música boa. Francamente! - disse Gabi.

- Gente, gente! Acho bom vocês tratarem de ficar mais amigas do que nunca. Se ficar pintando climinha ruim entre vocês, essa viagem vai ser uma porcaria. Imagina que coisa chata vocês três sem aproveitar direito o Rio, que é ma-ra-vi-lho-so, só porque estão emburradas uma com a outra? Não sejam crianças! Não agora, que vocês estão prestes a conhecer os caras que são considerados os mais famosos do planeta - discursou Babete, para logo entrar em outro assunto: - Vocês vão bater ponto no hotel deles? Pergunto isso porque estratégias de aproximação são importantíssimas. Uma

vez, por exemplo, num hotel em Roma, eu me disfarcei de copeira só para entrar no quarto do Eric Clapton - contou, com a cara sapeca, como quem passa adiante uma fofoca daquelas.

- Eric quem? - sussurrou Ritinha.

- Clépito, eu acho. Foi isso que eu escutei, pelo menos - respondeu Manu, também baixinho, para não atrapalhar o desenrolar do episódio que seria narrado a seguir.

Fingindo não ouvir a ignorância musical das amigas mais novas, Babete pigarreou e continuou a contar sua história para lá de peculiar, cheia de recordações de tiete:

- Lembro como se fosse hoje. Da janela do quarto dava para ver aquela piscina enorme, aquele céu cheio de estrelinhas italianas e aquele jardim, com as flores mais cheirosas do mundo. Era assim o cenário da minha conversa com deus. O deus da guitarra. Parecia um conto de fadas. Ele de jeans e camiseta branca, super simples e superchique, eu vestida com uma réplica idêntica aos uniformes das copeiras do hotel, feito por uma amiga belga, ótima costureira e que também fazia uma massagem espiritual simplesmente maravilhosa.

- Não acredito, Babete! Você era fanática por ele? – embasbacou-se Gabi.

- Era louca por ele. Sou até hoje, admiro demais o cara.

- E o que vocês conversaram? Ele deu um autógrafo para você? – interessou-se completamente Manu.

- Muito melhor do que conversa e autógrafo, ele tocou Tears in Heaven e Layla só pra mim. Podem morrem de inveja. Precisei insistir muito, é verdade, mas como eu tinha ensaiado tudo antes, acabei me saindo muitíssimo bem. Depois do concerto eu já era praticamente amiga do É, como eu o chamo até hoje. Fiquei tão a vontade que até pedi para apertar a bochecha dele. Sou louca por bochechas. Imagina a do É, fofa até dizer chega. Foi um dos dias mais lindos da minha vida. Saí de lá com um autógrafo divino. “Ba, beijo do E.” – concluiu com um suspiro. – E vocês? O que vão fazer quando chegar o grande momento com o Slavabody?

Babete tinha tanta certeza de que o encontro entre os Disco Boys e o trio chegaria que assustou as meninas. Ainda mais depois dessa história. "E se acontecer algo parecido?", pensaram. Engoliram em seco. Nenhuma havia cogitado isso. Cada uma tinha, sim, viajado alto, se imaginando com pulseirinhas de livre acesso ao camarim e aos bastidores, assistindo ao show de camarote e demais coisas fantásticas do gênero, típico sonho de fã. Mas contar a idéia de realmente encontrá-los, de um "grande momento", não, isso não. era uma coisa que preferiam nem pensar. Não queriam se machucar, sabe como é menina, né? Preparavam-se apenas para assistir o show e berrar – as músicas e "Slavabody, eu te amo!" – o máximo que suas gargantas permitissem. Nada mais.

- Vices não vão me dizer que simplesmente não sabem o que fazer quando forem apresentadas para eles! Meninas do Brasil, isso VAI acontecer! Mais cedo ou mais tarde! E já era para estar tudo pronto na cabeça de vocês, como uma dessas musiquinhas irritantes que vocês cantarolam todo o tempo, com diálogos inteiros decorados, movimentos exaustivamente ensaiados, olhares praticados até altas horas da madrugada...

- Mas... – tentou defender-se Manu.

- Peraí, gente! Vocês gostam ou não dos caras? São fãs mesmo ou dizem que "amam de paixão" esses garotos só porque eles estão na mídia o tempo todo? Não me digam que vocês adoram os Slavabody só porque todas as meninas do mundo são apaixonadas por eles! Achei que o amor de vocês pelo grupo era coisa de fã de verdade, sabe? Fã na essência... – discursou Babete.

Minuto de silêncio. Era a primeira bronca que levavam de Babete. Uma bronca disfarçada de bronquinha, vá lá. Mas foi um pito de primeira categoria. Para ela, ser fã era coisa séria, não podia ser levado na brincadeira. Mas, afinal de contas, como era realmente esse amor do trio pela banda mais famosa dos últimos anos?

- Eu sou fã de verdade deles! – levantou o dedo Ritinha.

- Eu também! – exclamou Manu e Gabi.

- Então comecem a pensar seriamente em o que fazer para conhecê-los quando chegarmos ao Rio, porque ainda dá tempo de inventar pelo menos umas sete ou oito estratégias de aproximação. Mas, como ainda falta muita estrada, por que não falamos sobre coisas mais, assim, femininas? Todas já deram bitoquinhas e selinhos nos bofes de Resende, lógico! Estou errada? – indagou Babete. – É para a viagem ficar mais animada, meninas! Conte aí, galera! – disse, na maior empolgação.

Ritinha quase teve um treco. "Não acredito que ainda falta mais de uma hora de viagem e ela vai começar a fazer esse tipo de pergunta, a puxar esse papo íntimo! Estou ficando vermelha - droga! -, lilás, roxa, laranja, verde de vergonha! Alguém precisa impedir essa maluca de sair perguntando coisas que me deixam sem graça!"

Na cabeça de Manu, a preocupação era parecida "Se este banco de trás tivesse um buraco que desse na China, eu me enfiaria nele. Não acredito que a Babete fez esse tipo de pergunta para as minhas amigas! E eu ainda não quero dizer que já dei selinho porque todos só rolaram quando eu brinquei de 'Verdade ou Conseqüência'. Não quero que meu primeiro beijo 'divulgável' tenha sido dado por um garoto bobo, numa situação esdrúxula, por causa de uma brincadeira estúpida. Aliás, não entendo os meninos! Dizem que me acham linda, mas quando se aproximam de mim ficam todos bobões, querendo se mostrar, chutando uns aos outros. Sempre precisam de um joguinho desses para tomar coragem. Será que eles um dia crescem? Ai, alguém pode fazer o favor de mudar de assunto?"

- Claro que já - anunciou Gabi, sem nenhum sinal de constrangimento.

- Eu também, mas foi muito sem gosto - respondeu Manu, meio sem graça.

- E beijo de língua? Já deram? Contem tudo, contem tudo!

Babete parecia interessada mesmo no tema.

- Eu já: no Tito, no Kleiton, no Machadinho, no Dagoberto, no Vina, no Kevin, no Careca e no Jonatan, com quem eu namorei mais tempo, uns três, quatro dias - enumerou Gabi, para desespero das outras duas, que seriam as próximas a abrir a boca em questão de segundos.

- É você treinou na mão ou no espelho?

Babete demonstrava interesse em debater o assunto, só que com Gabi, para alivio de Ritinha e Manu. Ambas eram mais reservadas do que a amiga no quesito "meninos", portanto não estavam nem um pouco a fim de conversar sobre isso.

- Treinei, claro. Mas não adiantou muito, não. O meu primeiro beijo de língua foi um desastre, muito babado. Meio gosmento, sabe?

O comentário nojento foi devidamente ignorado por Gabi e Babete, que se deram bem de cara. A prima maluquete de Manu era uma espécie de deusa, de musa inspiradora para Gabi, já que seu sonho sempre fora morar por um período em outro país antes de completar dezoito anos. Para isso. economizava ao máximo a mesada e só ia ao cinema com a mãe, para não ter de pagar o ingresso. Mas Iara não ficava nada zangada com o desejo da filha de patrocinar seu próprio sonho. Gabi lhe dava orgulho agindo assim, com maturidade, em prol de um único objetivo: sua viagem a Londres, na Inglaterra, cidade à qual nunca tinha ido, mas que adorava incondicionalmente - mesmo sem saber o porquê.

Ritinha parecia em estado de graça com essa afinidade toda entre as duas, torcendo para que as beijoqueiras esquecessem que ela estava ali. Começou, então, a pensar no plano que as levava ao "grande momento" quando uma questão a tirou do sério.

- E uma boa fungada no cangote, gente? Daquela no capricho que arrepia todos os pêlos da nuca? Ui, ui, ui... já rolou?

- Ei, ei! Alto lá! Eu sou muito nova, Babete! Pô, tenho só treze anos! Acho um absurdo você fazer essas perguntas para uma menina da minha idade! Até o ano passado eu brincava de Barbie, fique você sabendo, ô sua moderninha! – desabafou a caçula do trio.

- E vai me dizer que suas Barbies nunca beijaram o Ken, namoraram bastante com ele e acabaram casando com aquele pedaço de mau caminho? E tem mais, aposto que eles tiveram vários filhos e foram felizes para sempre – instigou Babete.

- Como você sabe que minhas Barbies têm filhos? Ou melhor, tinham. Eu não brinco mais de boneca. Quer dizer, ás vezes eu brinco, quando me dá saudade delas. Mas as duas são mães solteiras, porque eu só brinco com o Ken quando a minha vizinha vai lá em casa, ela é que tem um. Então sempre que ele aparece na brincadeira, eles discutem à beca, porque ele vive atrasando a pensão das crianças, não dá a devida atenção a elas, não aparece nunca... é muito relapso esse rapaz, quer dizer boneco, como pai. De vez em quando eles se beijam e fazem as pazes. Não quando eu estou mal-humorada. Aí sai de baixo, o coitado ouve pra caramba.

- Barbie mãe solteira... tô boba. Essa eu nunca vi. Mas e aí? O Ken atrasa a pensão, mas pelo menos acompanha a educação dos filhos? - brincou Babete.

- Mas você é insistente mesmo. Eu não gosto de falar sobre esses assuntos. Deixa a gente ter um pouquinho mais de intimidade que aí eu converso sobre tudo com você, tá? - estrilou Ritinha, num acesso de sinceridade.

- Ai, que coisa mais fofa! Olhe, Ritoca, eu entendo totalmente o seu incômodo porque sou igualzinha a você. Falo, falo, mas não sei se você percebeu que eu não respondo nada, fico na minha o tempo todo. Desculpe se fiz você se sentir desconfortável, não era mesmo a minha intenção... você precisa de quanto tempo para se abrir com uma pessoa? - contemporizou a prima maluquete de Malu.

- Uns oito, dez anos, né, Ritinha? – implicou Gabi.

- Tudo isso? Pois eu só preciso de sete meses, tem pó que pode ser imediatamente encurtado se os meus anjinhos aparecerem e me jogarem um pó dourado, o que quer dizer que eu posso confiar naquela pessoa de olhos fechados – explicou Babete, como se aquela declaração fosse a coisa mais natural do mundo.

- Anjinhos? Puxa vida, meus anjos da guarda não devem gostar de mim, então. Nunca vi nenhum... como eles estão? – perguntou Manu.

- Eu não os vejo, não! eu fecho os olhos e penso neles, que sempre aparecem quando eu mais preciso. Como, por exemplo, no dia em que eu, num acampamento no

Mato grosso, tive de fazer acrobacias em cima de uma cadeira. E não era qualquer cadeira, era uma pregada no teto de um avião a dez mil pés de altura.

Hããã?!

- Ah Babete! Tá cheirando a mentira. Fala sério! – duvidou Manu.

- Estou falando, ué. Tenho fotos, várias. Quando voltarmos para Resende me peçam que eu mostro – rebateu. E continuou: - Pedi força e coragem para conseguir fazer o mortal triplo e eles me deram. Moral da história: ganhei a aposta.

- Aposta?! – chocou-se Ritinha.

- É, afinal, não é todo dia que me oferecem dois jacarés para hipnotizar. Dois! E isso era tudo o que eu mais queria na vida quando tinha quatorze anos. Sempre tive paixão por jacaré. Esses admiráveis répteis eram, para mim, o que os Disco-Disco Boys são pra vocês. Vencendo essa apostinha, tive a chance de provar para o mundo que tudo o que os jacarés precisam é de amor, de canto, de energia legal... não dos piores predadores do mundo: os homens, que só estão interessados no couro deles, mais nada.

A hipnose durou poucos minutos, mas eles ficaram tão relaxados que pude até botar a minha mão dentro da boca do mais marrom, que apelidei de Samba. Sei que daqui a uns trinta anos vai me dar o maior orgulho pregar nas roupas um broche com os dizeres "Eu ajudei o Pantanal. E você?"

- Uau! E como foi essa acrobacia em cima de um avião? Você não morreu de medo? - perguntou Gabi.

- Foi facílimo. Medo nenhum, é só se concentrar. E rezar mais do que se concentrar, viu?

- Você hipnotizou mesmo os jacarés? Eles não partiram para cima de você? - continuava Gabi, curiosa.

- Hipnotizei, claro. Jacarés são super-hipnotizáveis. O propósito da hipnose era, além de acalmá-los, instalar neles, com o poder da mente e da energia terrestre, uma espécie de radar metafísico. Através dele, os jacarés passariam a perceber a presença

do homem a quilômetros de distância e não morreriam mais para virar bolsa, cinto e sapato - respondeu Babete, com a naturalidade de sempre.

As três amigas emudeceram. Por completo. O silêncio foi quebrado apenas pela pergunta de Ritinha, feita ao pé do ouvido de Manu:

- Você tem certeza de que é seguro ir para o Rio com essa... essa hipnotizadora de répteis com um parafuso a menos?

Apesar das briguinhas, a viagem transcorria bem. Não era a toa: a alegre Labareda exercia uma espécie de fascínio sobre as elas. E já que ela estava tão falante e serelepe, Gabi teve coragem de fazer a pequena pergunta que não queria calar:

- Babete, conte para gente como foi?

- Como foi o quê?

- A noite em que você beijou o Teófilo Bruno, o louro mais louro, o gato mais gato da televisão brasileira. E na frente de todo mundo! A cidade inteira viu. O que nós achamos, é que você simplesmente tem o dom espetacular de conquistar atores famosos e lindos em festas de debutantes, ou pensa que não percebemos?! - provocou Gabi.

- Ah, conte aí, Babete! Com detalhinhos! – implorou Manu.

A prima de Manu tinha ficado com quatro atores (Quatro! Nem dois, nem três, mas quatro!), desses que fazem novelas, partidas de futebol beneficentes, bailes de debutantes e presença VIP em eventos. Quando ela era convidada para festas de quinze anos, todo mundo sabia que, depois de dançar com duzentas meninas, o cobiçado estaria atracado com a enigmática e magnética Babete em questão de segundos. Não demorou muito para ela parar de receber convites.

Mas Babete não ligava nada para os beijos dos moçoilos televisivos, fez um discurso que dava zero importância aos astros e à fama, principalmente à passageira, à fama pela fama que rola solta atualmente. Eram apenas jovens de carne e osso,

absolutamente iguais a todos os outros, que "fazem 'número 2' fedorento e soltam pum que nem a gente!", para usar suas doces, meigas e sutis palavras.

Tudo correu bem até o Rio, com direito a soneca para Manu e Ritinha e bate-papo animado sobre o mundo e seus últimos acontecimentos pop-rock realmente relevantes entre Gabi e Babete, que decidiu acordar as outras duas bem no meio do Túnel Rebouças. Fazia questão de que vissem a Lagoa ao cair da noite. As duas abriram os olhos num susto, meio atordoadas com o barulho dos carros, sem entender por que cargas d'água Babete as acordara se estavam dentro de um túnel.

- Meninas, já, já vamos dar de cara com a Lagoa Rodrigo de Freitas, um dos cartões-postais mais lindos dessa cidade. Preparem-se... agora! - anunciou Babete.

Ao avistarem a bela paisagem, as três, encantadas, soltaram um "Caraça!" embasbacado. Era de babar aquele espelho d'água que refletia a luz dos prédios em volta e mais parecia uma enorme pintura ao ar livre.

- Olhe a gente no Rio - comentou Gabi, entrelaçando as mãos com as melhores amigas, boba com tanta beleza.

Estavam todas boquiabertas. Até Manu, que já tinha ido ao Rio de Janeiro - um colírio mesmo para os olhos de quem vive lá - algumas poucas vezes, mas não era nenhuma grande conhecedora da cidade. As três concluíram que tudo ali era muito mais bonito do que pela tevê, definitivamente. O queixo caiu e caído permaneceu por um bom tempo. O céu arroxeado deixava ainda mais majestoso o Corcovado já iluminado, o Jóquei, o pessoal do remo, a silhueta dos morros. Aliás, será que daria tempo de visitar o Cristo?

- Deve ser ainda mais bonito lá de cima - pensou em voz alta Gabi.

- Carioca tinha mesmo de viver rindo, né não? Eta cidade mais linda! - suspirou Ritinha, ainda babando.

Quando chegaram a Copacabana, seus olhos soltaram faísca. Aquela praia em forma de arco merecia mesmo ser famosa no mundo inteiro. Era especial, como o mais belo cartão-postal nunca conseguira retratar. As pessoas se exercitando no calçadão,

os quiosques vendendo água-de-coco, o mar calmo, as luzes dos prédios antigos da avenida Atlântica...

Chegando ao Posto 6, Manu avistou o hotel Sofitel, endereço quase certo de nove entre dez celebridades quando viajam para o Rio. Sofitel, Sofitel... espera aí! Era o lugar onde os Slavabody Disco-Disco Boys estavam hospedados!

Quando ela percebeu que passavam em frente ao hotel e posicionou-se para dividir a descoberta com as amigas, Babete diminuiu a marcha do carro e embicou na garagem de um prédio na esquina da Joaquim Nabuco com a avenida Atlântica. Não! Não era possível! Será que o apartamento do Davi era naquele edifício? Praticamente dentro do Sofitel? Era sorte demais! Era irado demais!

- O Davi mora aqui, Babete? – perguntou Manu, ansiosa.

- Mora. Pertinho da praia, né?

Ah, ainda tinha isso: era a alguns passos de uma das praias mais conhecidas do mundo, embora elas não estivesses tão interessadas nas ondas quanto no Slack Tom Tompson, Alexandre Ray Bolf, Michael Lazdakson e Julius Tiger.

- Babete, o nome desse hotel aqui é Sofitel, né? – perguntou Manu, só para confirmar, o coração palpitante.

- Não sei, deixa eu ver. É sim! Olha lá: Sofitel! Não sabe ler não, é, Manuela?

- Não é isso! É que... meu Deus, meninas, não é onde os meninos do Slavabody estão hospedados? Aí, acho que vou desmaiar... – gaguejou Manu, repleta de alegria.

Antes que ela terminasse a frase, as outras duas já davam sinais de um ataque histérico. Em dois tempos, Manu esqueceu o "desmaio" (frescura desnecessária, vamos combinar) e se uniu ás amigas na histeria. As três começaram a pular feito pipocas no banco de trás, o carro todo sacudia. Berravam, choravam, sorriam... quase perderam o controle.

- Você não sabia, Babete? Os Slavabody Disco-Disco Boys estão no Sofitel! Côo assim você não nos avisou? É emoção demais da conta – deslumbrou-se Manu.

- Eu? E você acha que eu me ligo nisso? Meus dias de fã fanática ficaram no passado. Hoje estão só na minha memória. Mas, olha, eu acho que isso é um sinal, sabia? Percebam comigo: o meu melhor amigo mora em frente ao hotel do Slavabody! Sei não... esquisito... - opinou Babete, pensativa.

- Sinal? Você acha que isso é um sinal de que nós vamos conhecer o Michael? Tocar nele? Sentir o cheiro do couro na jaqueta dele? Trocar olhares com ele? - gritou Gabi, referindo-se ao menos popular do grupo de dançarinos, acrobatas e, ah, sim, cantores.

- Não, não é nada disso. Acho que o sinal é para vocês não comerem carne vermelha de jeito nenhum durante o tempo em que ficarem aqui no Rio. De hoje a domingo, só peixe meninas. No máximo, um franguinho básico - completou Babete, enquanto saía do carro para pegar a bagagem na mala, já dentro da garagem.

- Por que isso? - interessou-se Manu.

- Porque além de a banda estar hospedada em um hotel de frente para o mar, esta área vive lotada de pescadores, né, gente? Mar, pescadores que pescam peixinhos, os peixões graúdos do Slavabody... não entenderam a conexão?! - tentou explicar Babete.

- Claro que não, sua doidinha - respondeu Ritinha. - Mas peixe? Argh! Por que essa maldade com a gente? - estrilou.

- Que maldade? Peixe é uma delícia e supersaudável – meteu-se Gabi.

- Não sou chegada a coisas do mar, não. Gosto mesmo é de feijão, arroz, bife e batata frita. Ou de qualquer sanduíche - disse Ritinha, emburrada.

Pegaram o elevador e, quando chegaram ao nono andar Babete, que tinha a chave, abriu a porta e convidou as amigas entrar. As três viram que o apê era muito mais que enorme. Era quatro vezes maior que o campo de futebol onde os meninos do colégio jogavam pelada. Com aquela vista toda nem precisava de móveis, mas o moderninho soube decorar muito bem o espaço, que, aliás, tinha cinco suítes e era incrivelmente ocupado por uma pessoa só.

Um sofá laranja com almofadas de pelúcia dava o tom do humor do dono. Uma poltrona molenga e aconchegante também compunha o ambiente. Elas não sabiam exatamente o que diabos fazia um diretor de fotografia, mas que dava dinheiro, ah, isso dava!

Um apartamento de frente para a praia de Copa era um dos metros quadrados mais caros do Brasil. E elas estavam ali, muito perto dos Slavabody Disco-Disco Boys, o que é melhor! Para tentar ganhar um aceno dos ídolos, bastava pegar o elevador e atravessar a rua. Inacreditável que as coisas estivessem dando certo nesse nível, parecia até desenho animado, tudo sempre terminando bem.

Se a sorte continuasse dando esse mole para elas, não seria surpresa se o quarto do Slack fosse exatamente em frente á janela do Davi. Enquanto Babete foi lá dentro chamar o amigo, Manu rapidamente pegou o binóculo, ajustou o foco, mirou as janelas do hotel e começou a procurar. Localizou apenas gringos que mais pareciam camarões. Alguns rosas, outros roxos, nada de especial. Tudo bem. Na verdade, tudo ótimo! Reclamar nem pensar, fora de questão. Mais tarde tentaria novamente.

Não conseguiu ver os ídolos de pijaminha (ou de cueca), mas estava a poucos metros de distância, bem perto deles. Se esticasse os ouvidos á noite, poderia até captar o ronco do Slack (tinham lido numa revista que o líder da banda roncava alto. Muito alto), seu preferido. Era um tal de "Ai, ai..." pra cá, "Ai, ai..." pra lá, as três não cansavam de suspirar.

Davi finalmente apareceu na sala. Era moderno e descolado, vestia um jeans largos, bem escuros, tênis vermelho e uma camiseta branca. Babete apresentou as meninas.

- Esta aqui é a minha prima Manuela, está é a Gabi e está é a Ritinha. Elas vieram para o show do Slavabody Disco-Disco Boys e vão ficar aqui com a gente e com a sua mãe neste fim de semana, você lembra, não é?

- Claro que lembro! Muito prazer. Tudo bem? Bem-vindas ao Rio. Vou direto ao assunto: Babete, talvez tenhamos um pequeno problema. A Rebecca ligou ainda há pouco

e convidou a gente para uma festa-surpresa que ela resolveu aprontar para o Rubão na ilha da Sita em Angra.

- Ih, ele é rico mesmo. Só ouvi falar em Angra na novela das oito – murmurou Ritinha, sem entender direito o que estava acontecendo.

- Shhh! – fizeram Gabi e Manu, preocupadas, á fim de escutar a conversa dos amigos.

As duas congelaram. Será que Davi falara para o tal Rubão que elas iam á festa com eles? E ignorar o compromisso que tinham com os meninos do Slavabody? Imagine! Além disso, não estavam com um pingo de vontade de ir a Angra na véspera do show mais importante de suas vidas! Davi continuou, empolgadíssimo com a tal festa e decidido a convencer Babete a ir com ele.

- Vai uma galera boa: Magabi, Daniel, Aninha, Pedro Arthur, Amandita, Duda, Rafa, Bia, Edmarzinho, Marina e Maria Julia. E o rango vai estar ótimo; cachorro-quente de criança e as empadas da Renata, que vêm fazendo tanto sucesso que ela até abriu uma empresa para vendê-las para festas e eventos em todo o Brasil – disse. – estava só esperando por você; A Rebecca disse que não começa a festa sem a nossa presença. Pensei em sair daqui assim que você chegasse para não ter de dirigir muito tarde. Aquela estrada pra lá não é das melhores, você sabe...

Ele ignorou a presença das meninas. Descrevia a festa como um evento único, imperdível, Labareda transformou a dúvida do trio de Resende em palavras:

- E as minhas amigas, Davi?!

- Sinceramente! Nunca imaginei que suas amigas eram três... três crianças! Achei que elas tivessem 16, 17 anos.

Gabi se enfezou com o comentário e defendeu o grupo.

- Sem querer atrapalhar, quem é criança aqui? Eu não estou vendo criança nenhuma! Não mesmo. Cadê as crianças?

Babete também estava pronta para interceder por elas.

- É! Eu também não vejo nenhuma criança aqui! Nenhuminha. Cadê? Cadê? Elas são adolescentes, tá? Eu não te falei que sua mãe vinha ao Rio para ir ao show com elas?

- Falou, mas minha mãe VIVE vindo ao Rio e indo a shows. Não sabia que estava vez ela viria para tomar conta delas.

- Vá para Angra, então Davi. Eu encontro você lá amanhã, depois que a sua mãe chegar – sugeriu Babete.

O clima estava tenso. Davi coçou o queixo, abriu um chiclete e começou a mastigá-lo, fazendo um barulho insuportável. Parecia nervoso, agitado. Mesmo assim, tentou aliviar o clima.

- Três meninas lindas, de pé na sala até agora? Babete, você não convidou nenhuma delas para se sentar? – disse tentando ser agradável, fazendo as honras da casa e puxando a amiga para o corredor.

- Vocês querem alguma coisa para beber? Devem estar com sede. Querem...

- Elas estão bem, Babete, tenho certeza. Por que vocês não vão ver a vista? Olhem que linda é Copacabana á noitinha! – ele cortou a amiga para conversar com ela a sós. – E não cheguem muito perto da janela, hein?! Não tem grade...

- Nós somos adolescentes, não idiotas. Da próxima vez não precisa falar com a gente com voz de professor de jardim de infância, tá?

Depois de ouvir o enfezadissimo fora de Gabi, Davi sorriu amarelo, entrou com Babete pelo corredor e sumiu. As três não sabiam o que fazer, como agir, o que pensar. Sabiam, sim, que alguma coisa não cheirava bem. Estavam tão preocupadas que nem se encantaram com a vista particular.

- Não falei que não achava seguro vir para o Rio com essa doida? O amigo dela é doido também. Ó no que deu! – resmungou Ritinha.

- Não fale assim ela! A Babete pode ser doidinha mas é do bem, e é isso que importa – manifestou-se Gabi. – Vem cá, por que a gente não tenta escutar o que eles

tanto conversam? Eu daria uma boa espiã, tenho ouvido ótmi. Deixa que eu vou, fiquem aí. E não chore, Ritinha. Vai dar tudo certo, prometo! – tentou reanimá-las determinada.

Chegou perto do corredor e, em pouco tempo notou que dava mesmo para escutar tudo encostada na parede.

- Você está louco! Não posso deixá-las sozinhas, as mães vão fazer picadinho de Babete se descobrirem. Claro que eu acho que elas podem ficar sozinhas, são espertas, safas e tudo o mais, mas tenho certeza de que os pais delas não vão gostar nada dessa história. E vai sobrar pra mim.

Babete não estava exatamente calma com a situação.

- Que louco, que nada! Você mesma me falou que elas não são crianças, são adolescentes. Então, que mal pode ter em deixar três adolescentes uma noite e uma manhã sozinhas? Elas não vão sair, vão ficar aqui no apartamento.e minha mãe deve chegar amanhã por volta do meio-dia, como sempre. Vão ser poucas horas sem nenhum responsável por perto.

Babete quedou-se pensativa, a mão no queixo e os olhinhos piscando incessantemente. Festas-surpresa são sempre importantes, ainda mais as da Rebecca. Quanto às meninas... nada de errado poderia acontecer com elas naquele apartamento, estava fazendo uma tempestade num copo d'água.

- Você tem razão, Davi. Não pode haver nenhum mal em deixar três adolescentes passarem a noite sem adultos por perto. Depois eu me acerto com os pais delas. Além disso, a Rebecca é minha melhor amiga. Não posso faltar a uma festa dela. Ainda mais uma festa assim, decidida às pressas, na última hora. Ela certamente precisa da minha ajuda para organizar tudo.   - Ai, que coisa boa, Babete! Vamos falar com as meninas, então. Mas vamos dar uma sondada, agir como se não tivéssemos decidido, para ver a reação delas. Se reagirem mal, ficarem com medo, ou coisa assim, a gente vê o que faz.

- Certo. Vamos lá, então.

Ao perceber que o papo tinha acabado, a fã de ouvido ótimo... saiu correndo para onde estavam Manu e Ritinha, sentadas perto da janela. Afoita e ofegante, olhou para as amigas e ordenou baixinho, falando rápido:

- É só concordar! É só concordar!

- Quê? - perguntou Manu, assustada. - Concordar com o quê?

Gabi não teve tempo de explicar. Babete e Davi reapareceram do apartamento foi logo dizendo:

- Antes de tudo, desculpem a minha recepção, eu não sou sempre antipático assim. Eu só fiquei um pouco nervos...

- Pode deixar que eu falo! Manu, você vê algum problema em ficar aqui sozinha, só por esta noite e amanhã pela manhã, com a Gabi e a Ritinha? Eu não vejo problema nenhum obviamente... Confio plenamente em vocês e sei que podem passar tranquilamente algumas horas sem adultos por perto, o problema...

- O problema são os seus pais... será que eles vão odiar a Babete para o resto da vida? – completou Davi.

- Vocês decidem. Se quiserem, eu posso ficar aqui com vocês e me encontrar com o Davi amanhã em Angra, depois que a Lalá chegar.

Óbvio que elas adoraram a idéia de passar a noite e a manhã sozinhas. Que adolescentes não adoraria? Mas os pais... o que dizer a eles? Será que eles ligavam para casa para dizer o que estava acontecendo? Ou será que omitiam dos pais esse "pequeno detalhe" até domingo, para que eles não se preocupassem e arruinassem seu fim de semana? Afinal, uma noite é só uma noite, e uma manhã passa voando.

- Não sei, precisamos conversar. Vamos meninas – chamou Manu, enquanto levava as amigas para um Tetê-á-tête na cozinha.

Entre panelas, geladeira e fogão, foi um tal de cochicha daqui, cochicha dali, e pensa daqui, pensa dali... o que fazer?

- Se ligarmos para casa, minha mãe me manda voltar agora- sussurrou Ritinha.

- Pois é, também acho. O melhor a fazer é não ligar. Odeio isso, mas já estamos aqui, o show é amanhã e a dona Eulália está vindo ficar com a gente. Vamos apenas omitir isso dos nossos pais – sugeriu Manu.

- Concordo – disse Gabi.

- Mas vamos contar para eles assim que chegarmos em casa, não é? – quis saber Ritinha.

- Claro. Aí já vai ter acontecido, nós vamos estar felizes por conta do show e eles vão estar tão interessados em saber do nosso fim de semana quem nem vão querer brigar com a gente – respondeu Manu.

- Sem contar que vai ser super divertido ficar aqui sozinha com vocês. Este apartamento só para a gente? Fala sério! – exclamou Gabi.

- Não sei, tenho medo... – entregou Ritinha.

- Medo de quê? A gente está aqui, boba, nada de errado vai acontecer – disse Manu, tentando tranqüilizar a amiga.

Depois de mais alguns minutos de confabulação intensa, voltaram para a sala para anunciar sua decisão.

- Babete, nós podemos ficar aqui esta noite sozinhas, sim, não tem problema. Só pedimos a você para não contar para os nossos pais. Não agora. Nós mesmas queremos contar, mas quando chegarmos em casa, no domingo – revelou Manu. – Combinado?

Sem pestanejar, Labareda respondeu:

- Beleza, combinado. Mas não deixem meu filme queimado com os seus pais. Melhor dizer que foi o Davi que insistiu para vocês ficarem sozinhas, tá?

- Ah, que ótimo. Isso porque ela é minha amiga, hein? Imagina se não fosse! – descontraiu Davi. – Então está decidido. Vamos?

- Não saiam de casa hein? Só depois que a Lalá chegar, ok? – pediu Babete.

- Claro que não vamos sair, não conhecemos nada por aqui. Pode ficar tranqüila – respondeu Gabi.

- Vocês prometem? – insistiu Babete.

- Prometemos – respondeu Manu pelo trio.

- Maravilha, show de bola! Olhem, a geladeira está cheia de bobagens gostosas e os ingressos já estão comprados, não é, Davi? – avisou Babete.

- Claro, estão aqui comigo. E são por conta da casa.

Hã? O quê? Como? Dá pra repetir?!

Os ingressos aterrissariam em suas mãos muito em breve. Gratuitamente, vale frisar isso, sim, era emoção? Quando as três iam começar a cantarolar, bater palmas e saltitar pela casa, lembravam-se de que não podiam, em hipótese alguma, comemorar como de costume, porque pareciam crianças para o anfitrião copacabanense.

Quando Davi deus os ingressos para cada uma, nem percebeu que um vulcão dentro delas já estava em plena erupção. Era mais novidade junta! Tentando não parecer infantis, quiseram agradecer o mimo – e que mimo! – á altura da alegria que sentiam, com palavras que realmente expressassem o que passava pelas suas cabeças maravilhadas.

- Caraca, Davi, caraca! Tipo assim... você é i-ra-do! Mais irado mesmo, tipo assim, iradéééésimo, sabe? – desabafou Manu, sem desgrudar do ingresso, que chegou a ficar amassado de tanto que ela pegou, mexeu, beijou, dobrou,, cheirou, leu e releu.

- É isso aí! O Davi é a cara mais manis da parada! – acrescentou Ritinha, que não resistiu e deu um beijo na barriga do anfitrião.

Barriga, sim. Fazer o quê? Ela cismou que barriga era menos infantil do que bochecha. Explica-se: Davi era alto e seria difícil alcançar seu rosto sem ficar na ponta dos pés, né não? Como criança era tudo o que ela não queria ser naquele momento, tascou-lhe uma bitoca no umbigo.

É, faz sentido. Algum sentindo, pelo menos.

Dada a fisionomia de ponto de interrogação do melhor amigo de Babete, em relação ao beijo na barriga e também á nova gíria. Gabi tratou de explicar:

- Manis é mineiríssimo. É que mineiríssimo é uma palavra muito grande, cansativa de falar, Manis é muito mais prático – disse com os olhinhos faiscando, louca para voar

no Davi e tascar nele um abraço, que elas chamavam de upa, pra lá de apertado. – Quanto ao beijo na barriga... cara, é tudo de bom, pode acreditar. Dá sorte e atraí energia positiva – inventou, já se revelando uma discípula de Babete.

Davi era mesmo a encarnação do cara bacana. Em seu apartamento de frente para a praia, as meninas brincaram de "gente grande" por uma noite e uma manhã, longe de casa e sem adultos por perto.

- Quero que você saiba que eu não podia estar mais arrependida por ter sido grosseira com você – desculpou-se Gabi.

- Que é isso, linda? Acho que todo mundo ficou nervoso. Fico feliz por vocês terem entendido essa viagem de última hora. O Rubão é como um irmão para mim e a Rebecca e a Babete são grudadas.

- Ah, Davi, que eu saiba, pelo menos uns dez caras são como irmãos pra você – implicou Babete.

- Era para você ficar do meu lado, mas tudo bem – brincou o anfitrião. – Como eu ia dizendo? Ah, o cara é meu amigo desde quando eu nem lembro que existo, sabem? As nossas mães eram vizinhas havia mais de uma década quando engravidaram. O pai dele é piloto. Quando nós éramos pirralhos, ele nos levava para passear de...

Certamente saia algum som da boca do anfitrião, mas as três simplesmente não conseguiam ouvir. As palavras não faziam mais sentido. Estavam meio que em êxtase com a avalanche de coisas boas que haviam acabado de ser ditas. O que ecoava nas mentes do trio de Resende era trechos como "ingressos por conta da casa" e "bobagens gostosas", isso sim.

Para elas, o fato de ficarem sozinhas por uma noite e uma manhã em Copacabana era uma espécie de aventura. Como assim duas pessoas maiores e vacinadas estavam prestes a deixá-las sem nenhum responsável num lugar que não conheciam? Como assim elas ganharam os ingressos? Como assim elas estavam a alguns metros os Slavabody? E no Rio de Janeiro, uma das cidades mais lindas e conhecidas do mundo!

Como assim?!

Aos poucos, as palavras voltaram a fazer sentido.

- Beijos, meninas, foi um prazer, vocês são todas muito bo-ni-ti-nhas... – despediu-se Davi, enquanto apertava com força a bochecha de Ritinha, tão feliz que até fingia gostar daquele afago um tanto dolorido.

Babete não queria sair sem antes instruí-las.

- Vocês prometem que não vão falar com estranhos, nem aceitar coisa de estranhos? E, por favor, prometam por tudo o que é mais sagrado que não vão comer salada no bar aqui da esquina! Eu já achei uma mosca morta no meio da alface. A única coisa boa que consegui pensar foi "pelo menos a coitada morreu feliz, achando que passeava num lindo gramado verde". Não suporto estabelecimentos que matam indiscriminadamente insetos do bem com verduras e legumes apetitosos. Não suporto.

Insetos do bem? Arrã, vamos deixar essa parte pra lá.

- Esta aqui é a chave de casa e está e a da portaria. Por favor, não percam. A outra chave do apê está em Ubá com a minha mãe, mas ela sempre se esquece de trazer. Olha, eu costumo pôr o chaveiro em cima do móvel azul ao lado da porta. Façam isso também, ta? Vai ser mais prático, vocês nunca vão esquecer onde ele está.

- E não comam só bobagens! Atravessem a rua depois de olhar o sinal e para os lados. Por favor, não deixem de ceder lugar aos idosos nos transportes públicos, como metrô e ônibus e peçam informações apenas para pessoas que pareçam legais e engraçadas, isso é muito importante. E se algum homem atacar vocês, basta chutar, com a maior força, aquela parte do corpo masculino, que é, digamos, mais... sensível que as outras. Vocês sabem o que eu quero dizer. É tiro e queda, ou melhor, chute e queda.

- Babete! Por favor! Elas não vão precisar fazer nada disso! Minha mãe vai estar com elas! Vamos? – cortou Davi.

- Caramba! Ainda bem que você falou em mãe. Preciso ligar para as mães das gurias para dizer que chegamos bem. Todas me pediram para telefonar assim que chegássemos – lembrou-se Babete.

Iara, Maria Clara e Cecília conversaram com Babete e com suas filhotas – Gabi, Manu e Ritinha, respectivamente -, de quem já estavam "mortas de saudades" (normal, draminha de mãe). Perguntaram como foi a viagem, se estava frio, se elas tinham se alimentado, aquelas boas e velhas questões maternas. E fizeram as filhas prometerem que ligariam no dia seguinte. Antes de ir para o show e quando chegassem em casa, para contar como foi. Promessa feita, "omissão" cumprida, ligações terminadas. Babete estava livre para partir.

- Beijos, meninas! Cuidem-se! E não se esqueçam: tornem-se as melhores amigas dos seguranças do hotel e do pessoal brasileiro da equipe do Slavabody, eles podem ser uma boa fonte. Dica: sempre chamem todos pelos nomes. Eles adoram. Se não tiverem sucesso partam para o plano B, o de armar um desmaio na porta do Hotel, que é praticamente infalível. Se continuar não dando certo, desmaiem no show, como eu fiz no concerto dos Rolling Stones em Amsterdã. Se vocês estiverem perto do palco, então é batata! É só fingir que a multidão está espremendo e sufocando vocês. Eles vão botar as três na área reservada dos seguranças, a poucos passos dos músicos.

- Pertinho do Michael, jura? – pensou em voz alta Gabi.

- Deixa eu ver se tenho mais alguma coisa para alertar vocês... ah, sim! Por favor, se forem saltar de asa-delta ou pára-quedas escolham instrutores de cabelo escuro, que são bem mais compenetrados no trabalho e costumam ser os melhores fotógrafos dos ares.

- Vamos, Babete! Elas entenderam tudo direitinho, não é, meninas?

- Claro. Só gostaria de um minuto de sua atenção. Nós três somos bem maduras, apesar da pouca idade. Gostaria de agradecer-lhe em nome de todas, Davi. Pelo apartamento, pelos ingressos, por confiar em nós. E não percam tempo se preocupando. Divirtam-se – agradeceu Manu, tentando engrossar a voz e falar difícil.

- Que linda! Fiquem tranqüilas, estou indo para Angra convencido de que a única criança aqui sou eu, por ter achado que vocês eram crianças. Tchau e até domingo, então! Juízo, hein?

- Antes de ir, preciso dividir com vocês uma última coisa, que aprendi num workshop na Índia. Quando brigarem ou discutirem, em vez de irem cada uma para um canto, emburradas, se abracem forte. Mesmo que sem vontade. Mesmo que vocês queiram voar no pescoço uma da outra e sair dando tabefes. Mesmo que estejam com aquele ódio de ranger os dentes. Aí fiquem abraçadas em silêncio até a raiva se dissipar e o amor voltar. Dá sempre certo. Pode demorar um pouquinho, mas dá.

- Que fofo! – exclamou Gabi.

O conselho foi bonitinho mesmo, mas é bom que fique claro: nenhuma das três achava que poderiam acontecer brigas sérias. Eram amigas há muito tempo. Muito amigas.

- É maravilhosa essa Babete, não é, gente? Mas fala pelos cotovelos! Caramba! Vamos, tagarela?

- Vamos. Mas olhem, se nadinha do que eu fale der certo, já sabem é só apelas para os anjinhos e gnominhos da guarda que eles ajudam vocês. Boa sorte! Beijããããão! – despediu-se Babete, enquanto era carinhosamente puxada para fora do apartamento por Davi.

Gnominhos? Arrã.

Seria preciso um batalhão de gnomos e anjinhos para conter tanta alegria quente que subia pelo peito delas. Depois que a porta bateu, as três se entreolharam com um sorriso enorme no rosto e, antes mesmo de correrem para o quarto do Davi para se jogar na imensa cama de casal com um pote de sorvete na mão e o controle da TV na outra, não resistiram e explodiram em gestos, pulos e poses vitoriosas.

A empolgação, é claro, terminou em música, ou melhor, com os grito:

- Ei, ei, ei, o Davi é o nosso rei! E variações não menos chatas: - Esso, Esso, Esso, o Davi comprou ingresso!; Igo, igo, igo, o Davi é nosso amigo!; Ara, ara, ara. Ele foi com a nossa cara!; Or, or, or, o Davi é o melhor!; Ana, Ana, Ana, estamos sozinhas em Copacabana!

Ouviram uma batida na porta. Gelaram. Pararam na hora a cantoria para a Gabi ir ver quem era. Nem precisou olhar no olho mágico, pois as três logo reconheceram a voz que vinha do outro lado e dizia algo mais ou menos assim:

- Meniiinas! Ih, ih, ih, nós ainda estamos aqui!, porque ô, ô, ô, não chegou o elevador! – E ainda: - Orta, orta, orta, dá pra ouvir tudo através da porta!

É... ico, ico, ico, as três pagaram mico.

Logo elas, que queriam tanto se fingir de adultas, maduras e independentes. Inacreditável. Mas sabiam que o pior já havia passado, e que aquele sonho bom estava só começando.

Acabaram rolando de rir das musiquinhas de Babete e, quando perceberam, estavam grudadas, unidas por um abraço apertado daqueles. Abraço, não, um upa. Upa de melhor amiga para melhor amiga, de irmã para irmã, de menina feliz para menina feliz.

Depois de baixar a poeira de tanta satisfação, Ritinha correu para a geladeira para checar as tais "bobagens gostosas", Manu voou para a janela para ver a movimentação na estrada principal do Sofitel e Gabi foi logo procurar onde metera o CD do Slavabody, para que elas pudessem dar a última treinada nas coreografias, ver se as letras estavam todas devidamente na ponta da língua, essas coisas. Ouviram até de madrugada, ás alturas. Cantando, dançando, rindo, fazendo bagunça. Sonhando acordadas naquele apartamento que era só delas até o dia seguinte.

Acabaram a comemoração por volta das duas da manhã, exaustas, na cama king size de Davi. Dormiram de roupa mesmo, com pipoca espalhada por todo canto. Continuaram a sorrir enquanto dormiam. Vai ver sonhavam com o show. Ou com os tais gnominhos, quem sabe? Ou com Slack Tom Tompson, Alexander Ray Bolf, Julius Tiger e Michael Lazdakson, o que é bem mais provável.

E pensar que aquele era apenas o comecinho do fim de semana mais aguardado de suas vidas.

A cidade maravilhosa

Ao nascer do sol, Manu, que tinha o sono mais leve das três, acordou com a claridade que entrava pela janela - na empolgação da noite anterior, as meninas esqueceram a cortina aberta. Quando levantou-se para fechá-la, Gabi acordou.

- Que foi?

- Vou fechar a cortina para dormir mais um pouco. Ainda são seis da manhã.

- Que fechar o quê! Deixa eu ver o sol nascer! - disse Gabi enquanto se levantava correndo.

- Rápido, então, para não acordar a Ritinha! Ela é um doce, mas vira a pessoa mais grossa e chata do mundo quando é acordada, você sabe.

Gabi ignorou solenemente o que Manu acabara de dizer e soltou, boquiaberta:

- Ai, que coisa linda! Vamos abrir a janela só um pouquinho para eu sentir o cheiro do mar? Por favor!

- Depois você sente, cuidado com a Ritinha!

- Depois não tem graça, o dia não vai estar amanhecendo como agora. Deixa de ser mala, Manu, se a Ritinha acordar, a gente canta para ela dormir. Além disso, amanhã eu provavelmente dormirei até tarde, já que estarei cansada por causa do show e não vou ter outra oportunidade dessas tão cedo. Ande, deixe eu abrir.

- Tá bom, tá bom - cedeu Manu, para logo mudar de assunto - Gabi, você tem noção de que o show é hoje? Hoje...

Ritinha começou a se mexer na cama.

- Eu sei, foi isso o que eu acabei de dizer. Com licença, vou abrir, quero sentir a maresia - irritou-se Gabi, enquanto fazia força para abrir a janela.

- Ai, sua chata, ande logo, então, antes que ela acorde comece a dar patada na gente.

- Meu Deus, muito obrigada por esse momento! Manu. sente esse cheiro delicioso de mar! Que maravilha viver! Decidi: vou à praia.

Praia? Como assim? Não ficou combinado que elas não sairiam de casa até a chegada da mãe de Davi?

- Enlouqueceu? Lembra o que prometemos para a Babete? A gente só sai depois que a dona Eulália estiver aqui para ir com a gente.

- Deixe de ser desmancha-prazeres, Manu! Que mal tem eu pegar o elevador, descer e atravessar a rua? A preocupação da Babete era que a gente saísse para longe e não para a praia, que é quase dentro do apartamento - rebateu Gabi.

Ritinha mexeu-se mais uma vez na cama. E aquele começo de discussão matinal não ia nada bem. Desce, não desce, desce, não desce...

- Eu se fosse você não iria. Vai que acontece alguma coisa.

- Que coisa? Deixe de ser cricri! Vou botar meu biquíni.

- Sabe o que eu acho? Que é uma grande burrice. Mais tarde você vai estar cansada por ter madrugado e não vai aproveitar o show.

- Que cansada que nada! Até parece que não me conhece. Minha pilha não acaba nunca! E você acha que tem alguma chance de eu não aproveitar o show?

- Quem é que está berrando desse jeito, hein? – resmungou Ritinha da cama.

- Ninguém não é só a Gabi, que está se trocando para ir à praia – Manu tirou o corpo fora.

- Eu sou quero ver o nascer do sol. A Manu que está implicando - revidou Gabi na lata.

- Não acredito que vocês acordaram para ver o nascer do sol! Isso tem todo dia lá em Resende!

- Não bonito como aqui, lesada! - alfinetou Gabi.

- Lesada é quem me chama! Dá para vocês fecharem a janela agora antes que eu perca o sono? Que meninas chatas! Por que vocês não vão ver o dia amanhecer lá na sala? Me deixem dormir! - reclamou Ritinha mais uma vez.

- Manu, você trouxe aquela sua canga cor-de-rosa? É que quero improvisar um vestido juntando a minha canga amarela com a sua rosinha. Vai ficar show - quis saber Gabi, ignorando solenemente o comentário mal-humorado da amiga. I

- Shhhhhhhhh! - fez Ritinha.

- E você vai à praia de vestido improvisado? Acho que as carioca não vão à praia assim, não. Acho que a moda agora é um shortinho e uma camiseta, tudo muito discreto. Não viu na novela?

- Ssssshhhhhhhhh! Cala a boca aêêê! Poxa, gente! - resmunga Ritinha novamente.

- Eu não ligo a mínima para o que diz a moda e para o que os outros pensam ou deixam de pensar de mim. Não estou nem ai se elas vão de shortinho. Eu faço a minha moda e na minha moda vestido improvisado é tudo de bom. Mas se você não quer me emprestar a canga, não precisa. Eu pego a da Ritinha.

- A minha não, eu só trouxe uma. Que folga! Pega da Manu, que trouxe sete não sei por que cargas d'água, já que nós viemos para ficar só três dias. Três dias!

- Aí! Não falei que a Ritinha ia virar bicho? Você é muito amiga mesmo, Gabi! Vai para a praia e me deixa sozinha aqui com essa versão do mal da Bela Adormecida. Pode deixar que me lembrarei disso quando você precisar de mim.

- A Ritinha é brava, mas não morde. Não é, Ritinha? Vou tomar café.

- *Por* que vocês continuam falando alto? Por quê? – reclamou a caçula do grupo, enquanto pegava, sonolenta, o relógio para ver a hora - São seis e dez da matina e vocês já estão infernizando meus ouvidos! Eu quero dormir para poder aproveitar o show! Dá para ter um pouquinho de respeito? Era só o que faltava, acordar cedo no dia do show! Que burrice!

- Burrice, não! Eu gosto de acordar cedo, é diferente - I defendeu-se Gabi.

- Num sábado, no dia do show que você tanto espera? Não acredito que eu, a mais nova, sou a mais inteligente do grupo.

- A Bela, quer dizer, A Mala Adormecida chamou a gente de burra, olhe aí, Manu!

- Posso ser mal-humorada de manhã, mas pelo menos meus pais não são separados.

- O que você está querendo dizer? Nós somos uma família muito feliz, tá?

- É, claro. E o Super-Homem está sobrevoando o nosso prédio agorinha, olhe!

- Ritinha, pega leve. Já fechei a cortina; volte a dormir, senão daqui a pouco sou eu quem vai perder o sono... – implorou Manu.

- E você acha que eu estou pegando pesado? Ela me chamou de Mala Adormecida!

- Arrã. Gente, não estou nem um pouco a fim de brigar. Vamos parar com isso? Desculpe se eu acordei você, Ritinha. Vou para a cozinha tomar café - cortou Gabi.

Que clima horrível logo nas primeiras horas do dia D!

- Tipo assim, desculpe também, cara. Boa-noite – disse Manu, enquanto se cobria novamente e se ajeitava com o travesseiro.

- Boa-noite? Agora que vocês me acordaram com essa falação, acham que eu vou conseguir dormir? Vou ver se eu como alguma coisa lá com a Gabi - chiou Ritinha, já se levantando para escovar os dentes.

- E vai me deixar aqui sozinha?

- Ué, não toma café da manhã quem não quer.

- Eu não quero acordar agora. E como você fica estúpida de manhã, coitado do seu futuro marido!

- Estúpida? Tenho a maior dificuldade para dormir e, pior, vocês sabem! Mas mesmo assim ficaram tagarelando futilidades praticamente do meu lado. Me acordaram, óbvio! Agora vou tomar café, depois volto para botar meu biquíni.

- Ah, Ritinha, você também?! Não! A gente prometeu que não ia sair!

-Mas a praia é praticamente a continuação do apê, Manu, Só descer e atravessar a rua.

- Acho que eu sou a única responsável de nós três, viu? Eu fico mal de não cumprir a promessa que fiz para a Babete.

- Eu não prometi nada.

- Mas eu prometi! E por nós três!

- Então. tá. Beleza. Não precisamos brigar por isso. Daqui a pouco a gente vem aqui ver se você quer ir à praia também - contemporizou Ritinha, antes de se dirigir à cozinha.

Tudo em paz novamente. Amizade das boas é assim. As amigas brigam e dois segundos depois fazem as pazes sem nem lembrar o motivo da briga.

Manu achava uma irresponsabilidade, mas entendeu a vontade das amigas de ir à praia. Sabia que era a primeira vez das duas no Rio e sabia, principalmente, que um mar assim, tão pertinho, é praticamente irresistível, ainda mais para meninas de Resende. Depois de muito pensar, concluiu que não seria o fim do mundo. Difícil imaginar que Babete ficaria zangada ou se sentiria traída se soubesse que elas foram dar um mergulho. Uma amante da natureza como a Babete? "É, claro que ela vai entender" bater o martelo, antes de tentar dar uma segunda chance ao sono.

Rolava de um lado para o outro na cama enorme do Davi. Ritinha, por sua vez, voltou para o quarto meio sonolenta depois do café, com vontade de fazer mais uma naninha gostosa. Deitou-se, fechou os olhos e nada. Tentaram por algum tempo, mas não conseguiram dormir de novo.

Manu e Ritinha sabiam que Gabi se divertia naquele momento na praia, sozinha, e não gostavam nada de se sentirem excluídas da diversão. No final das contas, ela seria a que aproveitou o Rio por mais horas, já estaria com uma imensa vantagem sobre as duas. Sem contar que sabiam que a "amante do sol" se gabaria disso para todo o sempre, enchendo seus ouvidos.

Enquanto isso, Gabi - em êxtase naquela praia de mar mansinho, enfeitado por redes e pequenos barcos de pesca - aproveitava sua própria companhia. Gostava de ficar sozinha, meditando. Era cedo, a orla estava pouco movimentada. Grande parte de Copa ainda dormia. Mas ela nunca estivera tão acordada. Não queria nem piscar para não perder nenhum segundo daquele momento incrível.

Sentada na areia, bem pertinho do mar, pensava longe. Imaginou como seria o dia do Slavabody, se eles ainda estavam dormindo, o que eles tomariam de café da manhã, se eles planejavam um bis para o show. Aquela manhã parecia mágica. Cenográfica. E a menina do Pará com alma resendense era parte daquele cenário.

Sonhou de olhos abertos com Michael Lazdakson. Ele vinha na sua direção, com uma calça de pijama bem larga e nada por cima, cabelos longos e loiros ao vento e brilho no olhar fascinante. O artista queria sentir a temperatura do mar e olhar Copacabana com calma, sem ser reconhecido. Não demorou para avistar Gabi, sentadinha bem na beira.

Olhou para ele, que sorriu. Ela sorriu de volta e ele se aproximou, prendendo os longos e brilhantes cabelos loiros para fazer charme. Ele estendeu o braço para tocar seu rosto, disse que sua pele era linda, abaixou-se para sentar ao lado dela, perguntou seu nome, tocou levemente seu braço e...

- Não acredito que você está aqui fazendo xixi! Acha que sentar perto do mar disfarça? Sua sorte é que não tem ninguém vendo.

Não, não era Michael. A mão em seu ombro era feminina e a voz, bem familiar. Não precisou nem olhar.

- Que susto, Ritinha! Claro que não! Que horrível o que você acabou de dizer! Que nojento! Que troglodita! Que chata!

Iih... as coisas não corriam às mil maravilhas, como devia ser. Será que elas estavam nervosas por conta da ansiedade para chegar logo a hora do show?

- Não vou ficar aqui se vocês forem continuar se espetando. Não lembram o que a Babete falou? Não pode ter clima ruim entre a gente, senão a viagem vai ser um cocô! - observou, Manu

- Uououou! Eieieeeeeiii! Alooouuu! Eu estou tentando meditar, me transportar para outro lugar, ir ao encontro do azul e vocês, em menos de dois minutos que estão aqui, taparam o meu sol e disseram palavras de energia péssima, com "cocô" e "xixi"! Assim não dá! Como é que quer que eu não fique nervosa, hein?

- Acho que você está andando muito com a Babete – implicou Ritinha.

- E qual é? Você não estava meditando coisa nenhuma, eu conheço você de outros carnavais. Aposto que estava pensando em encontrar, assim, por acaso, os meninos do Slavabody. Confesse. Sua fisionomia parecia muito alegrinha para quem apenas tentava "encontrar o azul", seja lá o que isso signifique – debochou Manu.

Gabi ficou meio sem graça. Como Manuela sabia? Isso que dá crescer junto, estudar na mesma escola, morar perto e conviver diariamente há dez anos. Ficou vermelha e com isso admitiu que a Manu estava certa. As três pediram desculpas uma para a outra e foram para longe do mar, para que pudessem "se concentrar melhor". Precisavam de um plano. Na noite passada preferiram ficar de barriga para cima, fazendo bagunça, ensaiando as coreografias e as músicas e mais o que dava na telha, a bolar os tais planos de que Babete tanto falava.

- Vamos parar de nos separar! Vamos fazer tudo juntas, isso é que é bom! - sugeriu Ritinha.

- Tá bem, gente, já me desculpei. Só não queria forçar vocês a fazer uma coisa que só eu queria. E vocês sabem que eu gosto de ficar sozinha. Nunca pensei que isso fosse causar um problema entre a gente.

- Meninas, viajar junto é muito difícil, é o que os meus pais vivem dizendo - alertou Manu.

- Quando meus pais começaram a falar isso, não demorou um ano para eles se separarem - comentou Gabi.

- Mas não é o caso dos meus pais, que falam isso desde que eu tenho dois anos. O que eu quis dizer é que a gente não pode ficar brigando. Todo mundo tem defeito, mas a maioria das pessoas disfarça esses defeitos e, muitas vezes, eles só são descobertos durante uma viagem. E está fora dos meus planos descobrir que é chato viajar com vocês. Eu penso em viajar com as minhas melhores amigas até ficar bem velhinha. Vamos botar uma coisa na cabeça: é normal dar umas patadas de vez em quando uma na outra, mas não podemos exagerar.

O que Manu acabara de dizer era a mais pura verdade. É claro que estresses aconteceriam, mas climas e brigonas estavam totalmente fora de questão. Não podiam mais acontecer e pronto.

- Claro, mas agora você me deixou culpada por ter criado o primeiro estresse da viagem hoje de manhã - choramingou Gabi.

- Nada disso, o primeiro estresse foi meu, que acordei mais de mau humor do que nunca - admitiu Ritinha.

- Pirou? E eu, então? Nunca fui tão chata quanto ontem, cruz credo! Quis ouvir Almost Brothers umas 30 vezes seguidas e vocês loucas para treinar as letras das outras músicas. Mas eu aaaaamo essa, vocês sabem - desabafou Manu.

- É, tinha me esquecido disso. Foi horrível mesmo - implicou

Ritinha.

- Foi in-su-por-tá-vel. Você ganhou, Manu! Foi a responsável pela coisa mais chata da viagem até agora! - disse Gabi, rindo.

As três acabaram gargalhando. Afinal, não era todo dia que competiam para ver quem era a mais inconveniente, mimada e estressada do grupo.

- Bem, agora que a poeira baixou, vamos por partes. Pense no seguinte: a gente fica um pouco na praia, depois sobe, toma banho, se arruma e fica esperado a dona Eulália. Já que ela é tão legal, podíamos pensar numa estratégia de aproximação do Slavabody que incluísse ela.

O papo continuou, mas em pouco tempo pensar em "estratégias de aproximação" ficou chato, chato, chato. Afinal, estavam na praia de Copacabana, loucas para aproveitar o sal, o sol e o azul do céu. Não resistiram e correram para o mar, que parecia uma piscina, de tão manso. Fizeram a maior bagunça, nadaram, correram, dançaram, cantaram, gritaram, rolaram na areia, jogaram bolas de areia molhada umas nas outras... tudo bem, não tinha ninguém vendo aquele mico mesmo.

Quando cansaram, foram para as cangas. Pra ficar mais confortável, fizeram suas bolsas de travesseiro, Manu olhou no relógio e viu que dava tempo para descansar

mais um pouco. Ainda eram oito e meia da manhã. Olharam para o hotel, viram que tudo continuava calmo como antes. Reforçaram o protetor solar recostaram a cabeça, fecharam os olhos e relaxaram sob a luz do sol.

Acabaram pegando no sono. Tiraram um cochilo gostoso daqueles cheio de preguiça. Até babaram. Dormiram felizes, com o mar pertinho, o barulho das ondas, aquela praia linda praticamente inteira para elas. Perderam a noção do tempo.

Gabi acordou com uma algazarra esquisita.

- Gente, olhe lál

Ritinha e Manu se levantaram num sobressalto. Direcionaram o olhar para o hotel e viram o que não queriam: dezenas de fãs do Slavabody haviam se aboletado de mala, cuia, mochila e cantil na porta do SofiteL Enquanto elas dormiam na praia, uma horda de tietes esperneava e dava chilique para chamar a atenção dos hospedes famosos. Arrumaram tudo e voaram em direção ao hotel. Ainda era cedo, faltavam algumas horas para a chegada de dona Eulália.

Quando chegaram perto é que deu para ver que a coisa era grande. Uma enorme grade em formato de ziguezague separava Slack Tom Tompson, Alexander Ray Boff, Michael Lazdakson e o fanatismo das meninas. Só hóspedes e profissionais credenciados da imprensa eram autorizados a passar pelo cerco.

Precisavam urgentemente botar um plano em ação.

Mas o que fazer? Ainda não tinham conseguido pensar com calma? A grande dúvida era como, em pouco mais de uma hora, a porta principal do hotel passara do vazio absoluto para ponto de encontro de fãs histéricas de todas as idades com faixas, cartazes, flores, presentes, cartas quilométricas, máquinas fotográficas, bloquinhos de autógrafos. Todas tinham exatamente o mesmo sonho de Manu, Gabi e Ritinha.

Só que haviam chegado primeiro.

O trio de amigas tinha de pensar rápido, a cada minuto que passava mais gente chegava e se instalava na porta do hotel.

- Por que uma de nós não finge um desmaio? Lembra que a Babete falou que é tiro e queda? - sugeriu Manu.

- Eu faço! Eu faço! Eu, eu, eu, eu, eu! - disparou Gabi, pulando com o braço direito erguido.

- Ai, graças a Deus você quer fazer isso, eu não pagaria esse mico por dinheiro nenhum! - comentou Ritinha.

Manu e Gabi não entenderam aquele ataque súbito de sinceridade. Como assim "mico"? Estavam ali com o único objetivo de tentar conhecer de perto o Slavabody, os meninos mais lindos e disco-disco do planeta. E para conseguir isso nada era mico.

- Ops! Não acredito que pensei em voz alta de novo. Droga! Vive acontecendo isso comigo ultimamente, não sei por quê - explicou Ritinha, com um sorriso amarelo, ao perceber a cara de bunda das duas amigas.

- Mico? É mico, sim, e daí? Eu e a Gabi não temos vergonha de nada e queremos muito ver de perto os nossos cantores preferidos. O que há de mal nisso?

- Eu sei, mas é que eu nunca ia conseguir fingir um desmaio. Nunca fiz teatro na vida...

- Pois eu faço teatro no colégio e sei fingir muito bem, tá? Vamos? – desafiou Gabi.

As duas fizeram que sim com a cabeça e seguiram a corajosa do grupo. Desviaram da pequena multidão que se formava e foram em direção à porta da frente, caminhando ao lado da grade. Gabi já fazendo caras e bocas de quem está prestes a desmaiar. Não sem antes dar as últimas dicas para as amigas:

- Vocês podem falar que estão desconfiadas de uma insolação, já que o sol está forte e eu, burramente, não trouxe protetor solar.

- Mas você trouxe! - corrigiu Ritinha.

- Claro que sim, mas é para falar que eu não trouxe! Digam também que ontem passamos o dia inteiro na praia e hoje fomos de novo, talvez por isso eu esteja tão mal.

- Nem sei o que é insolação, fique você sabendo – confessou Ritinha.

- Shhh! E você quer que a gente diga isso para quem? - perguntou Manu.

- Fará o segurança que vai socorrer a gente, ué! E insolação acontece quando a gente fica muito tempo sob o sol e acaba passando mal, com enjôo, essas coisas. Pelo menos foi o que eu li numa revista - esclareceu Gabi.

Tudo entendido, seguiram em frente, com a cara e um naco de coragem. Foram meio que amparando a amiga, que fazia de tudo para parecer tonta, enjoada e com sol demais no rosto.

Chegaram próximo à porta principal do hotel. Gabi se jogou no chão. Manu e Ritinha gritaram, pedindo ajuda. Imediatamente um bando de pessoas estava à volta da "desmaiada", que se contorcia nas pedras portuguesas da calçada.

- Menos, menos, por favor. Isso é um desmaio, não um ataque epiléptico - sussurrou Manu ao pé do ouvido da exagerada.

Gabi atendeu a amiga. Ficou apenas imóvel enquanto era alvo de olhares curiosos. Tanta gente à volta dificultou que o "teatro" fosse visto pelas únicas pessoas que realmente importavam: os seguranças. Ritinha percebeu e tratou logo de dispersar a multidão.

- Olha lá, gente, aquele peladão na janela não é o SlackTompson?

Enquanto o povo dava gritinhos histéricos e corria para tentar avisar o saradão, elas arrastaram Gabi pelos braços para mais perto dos seguranças. Arrastaram, isso mesmo, você leu certo. Discretinhas, né?

Quando chegaram perto de suas "vítimas" continuaram a encenação. Voltaram a despertar a atenção de algumas tietes ao redor e, enfim, de um segurança bem parrudo, que se aproximou e foi logo perguntando:

- Só quero saber uma coisa: onde estão os pais de vocês?

- Em casa.

- Em casa? Sei... então vamos tomar o pulso e tirar o tênis dela para ver a gravidade do problema.

Nenhuma das três entendeu nada. Tirar o tênis?

- Será que acham que ela desmaiou por causa do próprio chulé? - sussurrou Ritinha no ouvido de Manu.

- Shhh!

Curiosa como ela só, Gabi estava louca para abrir os olhos, para se mexer, para saber o que acontecia à sua volta naquele momento, mas não podia.

- O pulso está ok, agora vamos tirar o tênis. Será que a nossa dodói sente isso? - perguntou ele, enquanto começava a fazer cócegas no pé de Gabi.

Nesse momento caiu a ficha: Gabi teria de se controlar muito para não mexer o pé e nenhuma outra parte do corpo.

- Acho que ela não está sentindo nada... e se eu fizer mais rápido?

Gabi estava enlouquecida, morrendo de cócegas, mas não podia ceder. Permaneceu imóvel por mais alguns segundos, mas o segurança deu um golpe baixo.

- E se eu fizer com uma pena, bem de leve? – perguntou, enquanto retirava do bolso uma pequena e delicada peninha branca, pronto para fazê-la deslizar pelo pé número trina e quatro de Gabi.

Começou. De baixo para cima, bem devagar.

-Ai, aí, não, pára, pára, pára, pára, pára, pára, pára, por favor! - implorou Gabi, às gargalhadas.

A risada cosquenta logo se fechou para dar lugar a uma de tacho, muito sem graça, assim que ela constatou o inevitável: o segurança não tinha gostado nada do teatrinho.

- Meus parabéns, mocinha. A última se entregou assim que eu tirei o sapato dela. Você resistiu bravamente.

-A última? - sucumbiu Gabi à curiosidade.

- É, só hoje, você é a quinta que finge desmaio. Tem sido assim desde que esses meninos chegaram. Sem contar com os inúmeros trotes que recebemos de meninas que pedem para amigos mais velhos ligarem e falarem inglês. Aí eles se fazem de

empresários interessados numa conversa de trabalho com a banda. É mole? Essas jovens não têm mais o que inventar...

- E aí? Dá certo? Vocês transferem para o quarto deles?

- As primeiras ligações os recepcionistas até passaram, mas depois do décimo "empresário" telefonar em uma hora, nós começamos a achar estranho. Então fomos conferir com os músicos, que são muito simpáticos. Nem reclamaram com o hotel. Pelo contrário, pediram desculpas pelos trotes, acredita? Os gringos são todos muito humildes, sabe? Tudo gente boa.

- Ai, meu Deus! Qual deles é o mais legal? O Michael é o mais simpático, né? Manu, Ritinha, vocês ouviram?

O segurança sorriu, mas deu meia-volta e afastou-se a passos largos e sem mais conversa, tinha muito trabalho a fazer.

As amigas não estavam exatamente felizes com o desempenho de Gabi, mas coitada da menina! Não tinha condição de continuar com o fingimento. Ela nunca sentira tanta vontade de gargalhar na vida. O cara era muito, muito bom de cócegas. Praticamente um profissional, verdade seja dita. Cócegas deviam fazer parte do seu treinamento. Ele tinha até uma peninha para isso!

Saíram sob os olhares recriminadores dos adultos e de admiração das adolescentes. Manu chegou a ouvir, enquanto Gabi se levantava, uma senhora dizer “Ainda bem que as mães dessas pequenas não estão com elas, para não ver essa vergonha, esse vexame". Que lástima. Sentiram vontade de enforcar a Babete naquele momento. Que conselho furado!

Uma menina que devia ter seus quinze, dezesseis anos soltou algo do tipo:

- Não acredito que vocês tentaram o ultrapassado golpe do desmaio. Que micão! De onde vocês são, hein? De que planeta?

- De Resende - respondeu baixinho Manu.

- Ah, bom! Agora entendi! A minha mãe usou essa tática pela última vez num show do Jerry Adriani, décadas atrás. Vocês estão desatualizadas, não?

- Quem deu essa dica para gente foi a Babete Labareda, a maior fã fanática de todos os tempos, fique você sabendo! - estilou Gabi.

- Uau! E vocês realmente confiam numa pessoa com esse nome? Ela é de Resende também? - desdenhou a menina.

- Vamos embora, gente. Essa garota está é com inveja por não ter tido coragem de tentar! - ordenou Manu.

- Ai, que meda, que meda! Como estou magoada! Ai, au, ai! – ironizou a garota.

A "atriz" do grupo era a menos chateada. Estava triste por não ter convencido o segurança, mas feliz por ter convencido algumas pessoas, pelo menos. Manu e Ritinha, por outro lado, eram o retrato da desilusão. Sua primeira tentativa de chegar perto dos Slavabody Disco-Disco Boys tinha dado totalmente errado e isso não era nada animador. Resolveram voltar para o apê do Davi e esperar a dona Eulália.

A praia agora já estava cheia de vida, com ambulantes gritando seus pregões engraçados, cabecinhas brancas se divertindo com peteca, rapazes musculosos jogando futevôlei, mulheres com biquínis mais comportados do que elas imaginavam, crianças fofas em suas piscinas infláveis, gente de todas as cores, tipos e etnias. Aquela praia, além de linda e famosa, era para lá de democrática. Ricos e pobres formavam uma deliciosa mistura naquela imensidão de areia, naquela cidade pela qual elas estavam caidinhas de paixão.

Ao pisarem no apartamento, ouviram o telefone tocar. Ritinha correu para atender.

- Oi, mãe. Tudo certo aqui, e por aí? A Babete? Foi comprar pão, leite, tudo fresquinho para o nosso café da manhã. Acordamos tarde. Dona Eulália? Ah, ela ainda não chegou, mas deve estar chegando. Então tá, mãe, te amo. Está tudo ótimo. Pode deixar que quando eu voltar do show ligo pra você. Beijo! Ritinha ficou apreensiva. Será que sua mãe percebera que Babete não estava lá?

- Claro que não! Você fez o que tinha de fazer, senão ela ia ficar preocupada à toa. Além do mais, a culpa não é sua. A Babete que quis ir para Angra e deixou a gente

sozinha. Vou aproveitar e ar logo para a minha mãe - resolveu Manu. Ela e Gabi telefonaram para casa e também omitiram dos pais fato de estarem sozinhas. O combinado era só contar em Resende. Juraram que ligariam de novo depois do show, quando chegassem ao apartamento do Davi. As mães queriam saber detalhes e dormir tranqüilas. Depois de conversarem com as famílias, Gabi observou:

- Vem cá, essa luzinha vermelha aqui na secretária já estava piscando quando a gente saiu?

- Acho que não. deve ser recado novo. Vamos ouvir, pode ser a Babete ou a dona Eulália – sugeriu Manu.

- E se for para o Davi? Não vai ser falta de educação?

- Esta secretária é igual á da minha casa, a mensagem não vai ser apagada se a gente ouvir. Deixe comigo que eu entendo disso – disse Ritinha, já apertando o play.

- Oi, Manuela, oi, Rita de Cássia, oi, Gabriela. Aqui é Eulália, vocês ainda devem estar dormindo. Não vejo a hora de conhecer vocês, mas prestem atenção: meu carro teve um pequeno problema e eu estou na estrada esperando o conserto. Vou me atrasar um pouco, mas nosso show está de pé, não se preocupem. Assim que consertarem o carro, eu parto para o Rio. Um beijinho para vocês todas, tá?

As meninas ficaram cheias de duvidas. Que tipo de problema houve na estrada? Em que lugar, perto de Minas ou já perto do Rio? Quando tempo levaria o conserto?

Olharam no relógio e viram que já passava das onze. Voaram para o banheiro para tomar banho e perderam a hora embaixo do chuveiro. Lava, esfrega, enxágua, ensaboa, lava de novo, brinca com a espuma, joga água. Uma hora e meia depois, de cabeças molhados e cheirosíssimas, estavam prontas para o show que mais esperavam. .

E nada de dona Eulália. Começaram a ficar preocupadas.

- Calma, gente, se tivesse acontecido alguma coisa, ela ligaria. É meio-dia e meia ainda – argumentou Manu.

- Mas e se o celular dela estiver sem bateria? – questionou Gabi.

- Ela liga de um telefone público, é só parar num posto.

Simples. Mas nada de dona Eulália ligar. Nada de dona Eulália chegar. Nada! O relógio começou a andar mais rápido. Não demorou muito para dar uma hora, uma e dez, uma e vinte, uma e meia da tarde. Aquela altura, as três mordiam-se de preocupação. Cadê a mulher, meu Deus? Manu, como sempre, tentou acalmar os ânimos.

-Vamos esperar mais um pouco, gente; já, já ela aparece.

As testas se franziam mas a cada segundo, a cada minuto. Mas, se a situação não fosse inquietante ao extremo, as três certamente já teriam gritado: "O, dona Eulália, cadê você? Eu vim aqui só para te ver!"

Mais duas horas se passaram. E nada. A barriga agora roncava, sonhava com comida. Precisavam almoçar. Dona Eulália que as desculpasse, mas decidiram por unanimidade descer e procurar ali por perto um restaurante B.B.B.L (bom, bonito, barato e limpinho) para traçar um P.F (prato feito).

Enquanto caminhavam, simplesmente não conseguiam relaxar. Onde estava dona Eulália? O show era às nove da noite e das planejavam sair de casa às cinco da tarde, no máximo.

Mesmo tensas com a demora da mãe de Davi, não deixaram de perceber que estavam no coração da Cidade Maravilhosa, sem pai, sem mãe, sem Babete, só com elas mesmas. Andando sozinhas pela orla, saindo para almoçar. Que chique! Tarde bacana, que ficaria na memória por um bom tempo, quiçá para sempre, Olhavam para cima, para os prédios, hotéis, ônibus, vans, procuravam famosos; deram a maior bandeira de que eram turistas. E daí? O Rio continua lindo, continua sendo...

Dois quarteirões depois, acharam um B.B.B.L e traçaram feijão, arroz, peixe grelhado e batata frita. Devoraram a comida. Afinal, precisavam ser rápidas, queriam voltar logo para o apê para saber se dona Eulália já se encontrava lá ou se, pelo menos havia telefonado para dizer que estava chegando. No restaurante, um carinha de mais ou menos dezesseis anos começou a lançar uns olhares sedutores para Manu. Ela gostou e olhou de volta. Ficou nisso, um fazendo charme para o outro. O menino sequer chegou

perto dela para puxar conversa. Não era daquela vez que Manuela sairia da A.M.E.M. (Associação das Meninas Encalhadas Mesmo). Mas quem liga? Slack Tom Tompson estava a apenas alguns metros dali e, enquanto não aparecia nenhum menino menos tímido na área, ele continuava firme no posto de dono do seu coração.

Depois do rango, antes de voltarem para a casa do Davi, deram uma nova espiada na porta do hotel. Lotado. A multidão havia aumentado. Assim como a profusão de cartazes em inglês e também os sotaques. Tinha de tudo: gente que falava cantando, gente que falava acentuando as vogais, gente que puxava nos erres.

De repente, um momento mágico: a porta da garagem se abriu e uma van saiu de lá cantando pneus. Dentro, o fenômeno da vez, o mais vendido, o mais tocado, o mais imitado, o mais idolatrado! Eles, eles mesmos: os Slavabody Disco-Disco Boys. Tchanã!

Algumas sortudas bem posicionadas ganharam sorrisos e acenos dos integrantes do grupo famoso. Outras acabaram se machucando naquele empurra-empurra de tiete. Umas cinco ou seis meninas caíram no chão na correria e se feriram levemente. Não demorou muito para uns grandalhões afastarem a muvuca e levarem as machucadas para dentro do hotel. Depois que a van partiu, Gabi, Manu e Ritinha ficaram desoladas.

- Droga! Não acredito que a gente não viu nossos lindinhos cara a cara - comentou Gabi, cabisbaixa.

Mas nem tudo estava perdido. Babete havia dado muitas outras dicas de aproximação e o trio queria pôr pelo menos alguma em prática.

Não restava mais nada a fazer, a não ser ir para o apartamento encontrar dona Eulália. Manu tinha certeza de que ela já estaria esperando as três, sentada no sofá. Que nada. O que as esperava era uma nova mensagem na secretaria.

- Olá, queridos, Eulália novamente. Vou falar rápido porque bateria do meu celular está acabando. Infelizmente o problema do meu carro é bem mais sério do que eu pensava. Ele terá de ser rebocado de volta para Ubá e o guincho ainda não chegou. Por isso meninas, precisamos combin...

Nããããão! Um sinal de ocupado interrompeu a mensagem. Ao que tudo indicava, a bateria do celular da mãe de Davi a deixara na mão. Mas o que ela ia dizer? Precisamos combinar o quê? O quê? Ela iria? Não iria? Chegaria atrasada? Telefonaria de outro lugar? Que angústia!

- Vamos ligar para a dona Eulália! - sugeriu Ritinha.

- Não ouviu que a bateria dela estava acabando? - irritou-se Gabi.

- Não interessa, vamos tentar! - revidou Manu, enquanto passava a mão no telefone para ligar. - Não acredito, está dando "fora da área de cobertura".

O relógio, que não tinha nada a ver com isso, era implacável - tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque. O desespero tomava conta da sala de Davi - tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque. De um lado para o outro, as três começaram a andar - tiquetaque, tiquetaque -, pensando o que fazer - tiquetaque, tiquetaque -, para quem ligar, para onde ir – tiquetaque. Precisavam chegar cedo ao Maracanã. E já eram quatro da tarde. Quatro e dez, quatro e vinte, quatro e meia.

Tentaram Babete, mas seu celular também estava fora de área de cobertura. Tiquetaque, tiquetaque -, quatro e quarenta – tiquetaque, tiquetaque – quinze para as cinco – tiquetaque, tiquetaque – cinco para as cinco. E o tempo fechou no apartamento com vista para o mar.

- Temos de fazer alguma coisa. E rápido, porque já são... cinco da tarde! Gente, são cinco horas! – espantou-se Manu.

- Não acredito! – desesperou-se Ritinha.

- Vamos perder o show! – gritou Gabi.

De repente, o atraso de dona Eulália começou a botar todo o sonho por água abaixo. E estava tudo combinado, não podia dar errado depois de tanto esforço para convencer os pais! O plano era sair às cinco em ponto, parar o carro na garagem de uma amiga da mãe do Davi, que morava ao lado do Maracanã, e correr pelo gramado assim que os portões fossem abertos, para tentar ficar na fila do gargarejo à espera do show.

Tiquetaque, tiquetaque - cinco e dez, cinco e vinte, cinco e meia. Caramba! Cadê a dona Eulália?

- Não dá mais para esperar. Ou a gente vai neste minuto ou desiste. Eu, sinceramente, estou muito a fim de ir - advertiu Manu.

Oh-oh! Como é que se sai de uma situação dessas?

- Eu vou ligar para a minha mãe - avisou Ritinha.

- Você perdeu a noção, Rita de Cássia! Sua mãe vai enlouquecer, ficar preocupadíssima, e ainda vai dizer para as nossas mães o que está acontecendo - repreendeu Gabi.

- E vai obrigar a gente a ficar aqui até decidirem o que fazer - complementou Manu.

- Eles podem se reunir e escolher alguém para vir pegar a gente e levar para o show - disse Ritinha.

- Se você tivesse pensado nisso antes, seria ótimo. Mas agora não dá mais tempo. Até eles chegarem aqui, já vai estar na hora do show e nós não vamos ver nada, não vamos ficar no gargarejo. Isso na melhor das hipóteses, porque com trânsito, estrada e tudo o mais, correríamos um sério risco de eles não chegarem a tempo e de perdermos a chance de ver o show - rebateu Manu.

- Além do mais, nossos pais deixaram a gente ir, lembra? - argumentou Gabi.

- Dãããã! Com a dona Eulália, né, sua cabeça-de-vento? Desculpe, mas não gosto disso.

Ritinha estava cada vez mais tensa com a situação, mais do que as outras duas, que tinham uma relação melhor com os pais, mais aberta, com mais diálogo. Mas, que fique claro, todas ali odiavam a idéia de omitir dos pais o detalhe de que pretendiam ir ao show sozinhas. Aliás...

- Será que nós conseguimos ir sozinhas até o Maracanã? - questionou Ritinha.

- Claro que sim! O que de ruim pode acontecer? Olhei lá para baixo ainda há pouco e vi que tinha um monte de gente indo para o show, fazendo o mesmo trajeto que vamos fazer. Vai ser moleza - disse Manu, tranqüilizando a amiga.

- Vamos ao show, vai dar tudo certo e, quando a gente chegar em Resende, contamos para os nossos pais o que aconteceu - sugeriu Gabi.

- Ou não. Pode ser um segredo nosso para sempre – instigou Manu.

- Claro que não! E a dona Eulália? Você acha que ela ia concordar em enganar nossos pais? Eu voto por contar, se bobear, eles vão ficar orgulhosos com a nossa atitude, com a nossa maturidade - ponderou Gabi, querendo convencer Ritinha.

- Meu pai, com orgulho de mim? E por uma coisa dessas? Taí uma coisa difícil. Ele não deixa eu ficar sozinha nem em casa, imagina no Rio de Janeiro. Ele vai achar muito lindo realmente.

- Ritinha, amada, nós vamos dizer para eles o que aconteceu;

"Pai, mãe, vocês sabem, era a nossa única chance de ver o show.

Por isso, nós fomos obrigadas a mentir que a Babete estava lá com

a gente e a omitir de vocês o incidente com o carro da dona Eulália." Eles vão entender! Nós também odiamos fazer isso, sabemos que é errado, meu coração está do tamanho de uma noz, mas se não fizermos, não vamos ver o Slack, não vamos ouvir nossos ídolos ao vivo! E estamos com os ingressos na mão!

Ritinha ficou pensativa. As amigas esforçavam-se para convencê-la de que o melhor a fazer era descer e ir para o Maracanã. E tinha de ser rápido, porque o tempo passava. Ritinha estava indecisa, encucada, confusa.

- E a dona Eulália? - perguntou a caçula do grupo.

Era inevitável, mais uma vez as circunstâncias as levariam para um caminho que abominavam. Mas, àquela altura, não tinham outra alternativa a não ser:

- Já sei! Vamos deixar um bilhete para tranqüilizá-la. Eu escrevo.

"Dona Eulália, como a senhora não havia chegado até as cinco e meia, fomos ao show com os pais de umas meninas que conhecemos aqui na frente do hotel e ofereceram carona. Por favor, não ligue para os nossos pais, não queremos preocupá-los. Conversamos mais tarde.

Assinado: Manu, Ritinha e Gabi."

- Não acredito! Vamos mentir para uma senhora gente boa que topou ajudar a gente e que nós nem conhecemos! - manifestou-se Ritinha.

- É pegar ou largar. Eu estou muito a fim de ir a esse show - afirmou Manu.

- Eu também. Não vim para o Rio para ficar trancada num apartamento - concordou Gabi, antes de levar as mãos à cabeça e continuar: - Rita de Cássia, nós não temos culpa, não estamos fazendo isso porque queremos, mas porque precisamos. A culpa é do carro da dona Eulália e da festa-surpresa da Babete!

- Já entendi, já entendi, pare de repetir isso!

- E aí? Vamos? Ou quer ficar sozinha aqui? Você decide - desafiou Manu, enquanto estendia o braço junto com Gabi, com as mãos sobrepostas. Faltava a de Ritinha, para fechar o triângulo. Ela pensou, pensou. E decidiu.

- Vamos logo, então, a gente está perdendo tempo - declarou, pondo suas mãos em cima das de suas amigas.

Contaram até três, deram um "u-hu" básico e jogaram os braços para cima, soltando as mãos com um grito, como time de vôlei antes de uma partida. Prontas para viver uma aventura, sentiam-se a versão feminina dos Três Mosqueteiros e levariam a sério o lema "uma por todas, todas por uma".

Fizeram um pipi rápido, pegaram as mochilas com artigos de primeira necessidade e conferiram se estava tudo lá. Pães e biscoitos, canga, para não botar o bumbum em lugares sujos e melequentos, gloss, glitter, escova de cabelo, hidratante, repelente, piranhas, casacos, um par de sapatos extra, balas e chicletes variados,

bloquinhos para autógrafos, canetas coloridas, revistas de palavras cruzadas, gibis da Mônica e do Chico Bento, purpurinas coloridas e sacos de confete; sim, estava tudo lá.

- Pronto. Agora podemos ir - decretou Manu.

Respiraram fundo, abriram a porta e chamaram o elevador. Quando ele chegou, entreolharam-se. Era a última chance para desistir. Mas pensaram, exatamente nesta ordem: Slavabody ao vivo, dentro de apenas três horas, ingresso de graça na mão, Maracanã.

Entraram e apertaram o térreo.

Decididas a cuidar uma da outra e a não se preocupar com a ausência de dona Eulália (afinal, tinham certeza absoluta de que

tudo daria certo), deixaram as dúvidas para trás e partiram rumo

ao maior estádio do mundo para realizar o sonho de cantar junto com os ídolos, num megashow já visto nas principais capitais do mundo.

Os corações batiam forte. Eram meninas de Resende, nunca tinham vindo ao Rio (exceto Manu, que mal conhecia a cidade) e estavam sem adultos por perto, preparando-se para embarcar numa aventura. Uma inesperada aventura. A três. Sozinhas sabe-se lá por mais quantas horas.

Desceram, deram boa-tarde ao porteiro, atravessaram a rua e seguiram.

A quantidade de fãs indo para o show era enorme. No trajeto, uma alegria infindável. Meninas de todas as idades davam gritinhos, carregavam cartolinas com dizeres apaixonados, choravam e cantavam as músicas dos meninos mais famosos e disco-disco do planeta.

Quando chegaram ao Maraca, ficaram boquiabertas. Com a multidão, com o bando de camelôs que vendia água, cerveja, sucos e espetinhos de carne suspeita, com os cambistas anunciando ingressos que custavam os olhos da cara, com os adolescentes perdidos que procuravam os pais, com as namoradas de olho no relógio à espera dos namorados, com os ônibus de vários lugares do país abarrotados de tietes histéricas...

Claro que o trio de amigas sabia que o Maracanã é o maior estádio do globo, quem não sabe? O que não imaginavam era que fosse assim, tãããão gigante. Ali, bem de pertinho, olhando pára cima, só conseguiam ver um pequeno pedaço daquele imenso disco voador e sentiram-se três formiguinhas.

Trocaram olhares cúmplices, sorriram, tomaram coragem e se meteram no meio da galera de mãos dadas. Apertaram bem, para não se soltarem. Depois de um empurra-empurra danado, finalmente conseguiram entrar. Ritinha queria comprar um refrigerante e só depois ir para o gramado, sugestão imediatamente negada por suas amigas.

Correram o quanto puderam e, de repente, perceberam que, enfim, estavam lá, bem perto do palco, prestes a assistir ao show dos meninos mais adorados do universo teen. Mais duas horas e eles estariam cantando, dançando, pulando e rebolando até embaixo, numa superprodução de milhões de dólares, criada com o único objetivo de levar ao deleite as milhares de adolescentes que lotam os shows do Slavabody mundo afora.

Em pé, de mãos dadas, olhando para tudo e para todos e meio atordoadas com o gigantismo do estádio e a gritaria em volta (e também com os últimos e inesperados acontecimentos), descobriram em pleno gramado do Maracanã, que sonhos podem mesmo se tomar realidade.

O show

Agora aboletadas no chão e com as mochilas em volta demarcando o espaço conquistado, as três passaram o tempo cantando as músicas que ouviriam muito em breve. Só vinte minutos haviam se passado, mas parecia uma eternidade. Compreensível. Afinal, elas não viam a hora de gritar no Maraca "Islééééquiii, eu te aaaamoooo! Islééééquiii, eu te aaaamoooo!

Brincaram de forca, adedanha, adoleta, "o trem maluco quando sai de Pernambuco vai fazendo chique-chique até chegar no Ceará", jogaram paciência, buraco, completaram palavras cruzadas, contaram as estrelas que começavam a despontar no céu e... nada! O tempo simplesmente não passava.

Prepararam sanduíches com os frios e pães que levaram e lamberam os dedos. Até que no quesito "Guloseimas" não fizeram feio.

Quando faltava menos de uma hora para começar o show...

- Gente, estou com vontade de fazer xixi. Vamos ao banheiro? - pediu Ritinha.

- Banheiro? Isso lá é hora de ficar com vontade de ir ao banheiro, Rita de Cássia? - perguntou Gabi.

- O quê?! Você quer que a gente largue este lugar maravilhoso para fazer xixi com você? Tá maluca! Não sabe fazer sozinha, não é? - acrescentou Manu.

- Falem mais alto. Acho que o senhor surdo sentado no último degrau da arquibancada não ouviu - alfinetou Ritinha, irritadíssima.

- Eu sinceramente, nunca achei que você fosse querer nossa companhia para ir ao banheiro num dia como hoje. Fazer isso na escola, normal, beleza; toda menina vai ao banheiro com uma amiga. Mas aqui? – reclamou Gabi.

- É. Aqui. Qual o problema? Vocês acham que só porque a gente está aqui eu não ia ficar com vontade de fazer xixi? Vocês querem que eu controle o meu xixi, é isso? Xixi é coisa muito séria, a gente não pode prender xixi, minha mãe vive dizendo que faz muito mal prender xixi – retrucou Ritinha, indignada. – Vocês não vão comigo, é isso? E se eu me perder?

- Que se perder, o quê? Vai logo, boba, daqui a pouco começa. Aproveita e compra um cachorro-quente para mim? - implicou Gabi.

- Não sou boba! E não acredito que vocês não vão comigo! Eu sou a mais nova e a mais medrosa, como assim eu não posso contar com a companhia das minhas melhores amigas para ir ao banheiro?! Que é que está havendo? Vocês não gostam mais de mim? - insistiu Ritinha, já com os olhos marejados.

Manu e Gabi entreolharam-se. Não queriam sair dali e perder aquele lugar fantástico. Ao mesmo tempo achavam injusto não acompanhar a caçula do trio ao toalete. Que dilema! O problema que a decisão tinha de ser tomada rapidamente já que agora o relógio parecia andar cada vez mais rápido e a excitação crescia a olhos vistos no estádio. Quanto mais o tempo passava, mais escandalosas e histéricas as fãs ficavam. Decidiram no par-ou-ímpar quem iria. Manu acabou perdendo e levantou-se de cara emburrada. Pediu mil vezes para Gabi tomar conta direito do lugar, que as pessoas podiam achar que ela estava sozinha e invadir o espaço delas, essas coisas.

Depois de soltar um “Yes!” bem baixinho, em comemoração ao fato de não ter sido sorteada para ir com Ritinha, Gabi pegou seu walkman e deitou com a cabeça apoiada na mochila de Manu. Fechou os olhos e começou a viajar, a imaginar como seria sua reação ao ver os ídolos de pertinho. Será que eles conseguiriam notá-la no meio da multidão? Será que ela conseguiria comunicar-se com os meninos? Ela já se imaginava dando aquele assobio altíssimo e agudo que todo mundo em Resende adorava. Sua marca registrada. Agora chegara a vez de o Maraca ouvi-lo e consagrá-lo. Para Gabi, a melhor hora para soltar o seu superassobio era no intervalo entre uma música e outra. Quem sabe conseguiria chamar a atenção dos gringos? Ai, ai... cabeça de tiete só tiete entende, né não?

Enquanto isso, Manu e Ritinha andavam em silêncio, emburradas, à procura do banheiro mais próximo. Deixar o gramado não foi tarefa fácil, o caminho até a parte em que ficavam os banheiros era longo, cheio de empurra-empurra, espreme-espreme, um tal de "com licença" para cá, "desculpe" para lá. Assim, aos trancos e barrancos, as duas iam avançando, esbarrando em várias pessoas e tropeçando em tantas outras. Ritinha chegou a tomar um banho de guaraná de uma menina estabanada.

Manu demonstrava irritação e não conseguia parar de pensar que na volta teriam de fazer o mesmo trajeto mala. Que programa de índio ir fazer xixi com a Ritinha! Depois do perrengue, saíram, enfim, do gramado e logo avistaram um banheiro. Na verdade, avistaram uma fila comprida, bem comprida, que parecia não ter fim nem hora

para acabar. Como rir é o melhor remédio, deram uma trégua ao mau humor para tecer comentários sobre como deve ser maravilhoso ser homem numa hora dessas, fazer xixi em qualquer lugar, em pé, sem aperto, na rua, na estrada, na praia. Tudo bem que é simplesmente um nojo homem que faz em qualquer lugar, em pé, sem aperto, na rua, na estrada, na praia. É prático, mas é tão irc!

A intenção de relaxar foi ótima, mas como a fila andava a passo de cagado, o bom humor foi acabando aos poucos (favor não pensar bobagem, caro leitor. Cagado é uma designação comum a diversas espécies de répteis de água doce, da ordem dos quelônios. Répteis beeem vagarosos, daí a expressão).

- Não acredito que o mundo resolveu fazer xixi na mesma hora que você! Ninguém merece! Porque você não veio antes hein?

- Por que eu não sei controlar o xixi. E, para o seu governo ninguém sabe segurar xixi. O xixi é independente, o xixi vem quando quer, quando bem entende, até parece que você não sabe! Eu se fosse você aproveitava para fazer também, só para garantir.

Deu para perceber que animadas elas não estavam. Para completar, não eram poucas as meninas que saíam reclamando da falta de papel e de higiene do lugar.

- Eu odeio banheiro sujo. Vamos tentar outro? - sugeriu Ritinha.

- Endoidou? Nem pensar. Pura perda de tempo. Fica aqui que vou pegar papel na lanchonete. Lá deve ter algum. E vê se não faz cara feia.

Manu foi e voltou. A fila até que tinha andado bem, pelo menos. Ritinha estava mais próxima à porta do banheiro. Apertadíssima, enquanto esperava sua vez, se contorcia toda.

- Vai se preparando. Ouvi a mulherada dizer que lá dentro tem ainda mais fila, na porta dos sanitários e até para lavar as mãos! - cutucou Manu.

O clima ruim entre as duas foi quebrado com a chegada de um grupo de meninas que carregava, com pressa, muita pressa, uma loirinha com cara de doente, à beira de um desmaio.

- Com licença, gente! Saiam da frente! Minha amiga está passando mal, muito mal mesmo. Acho que botaram um negócio na bebida dela, ela precisa vomitar! - gritou uma das garotas, que deviam ter uns dezesseis, dezessete anos, não mais que isso.

Com pena da loira e de suas amigas aflitas, a mulherada recuou e deu passagem. Logo depois a fila andou mais um pouquinho. Mais um pouco. E Manu e Ritinha finalmente conseguiram entrar. Correram para um sanitário sem porta, o único sem fila na frente. É que a situação de Ritinha era tão preta que ela nem ligou de fazer xixi de porta aberta, ou melhor, num lugar que nem tinha porta para fechar.

A descarga não funcionava e um cheiro nada agradável vinha da privada, do ralo, sabe-se lá de onde. Precisou se concentrar para xixar, tampou o nariz e fez um loooongo e duradouro pipi. Que alívio! Tem coisa melhor do que fazer pipi quando se está apertado? Depois foi a vez de Manu que, ao terminar, escutou vozes ao lado.

Parecia que muitas pessoas ocupavam aquele mínimo espaço
vizinho. Xereta que só ela, não hesitou e subiu na privada para
bisbilhotar o que estava acontecendo. Ritinha, que tentava fazer
paredinha para que ninguém visse a amiga xixando, não entendeu nada. Só disse:

- Manu, sua maluca, desce daí!

E percebeu que a fisionomia da amiga mudara. Muito. Agora o rosto de Manu expressava nojo, repugnância, raiva, decepção.

As cinco meninas que tinham entrado às pressas no banheiro eram, na verdade, umas tratantes. Rolavam de rir e faziam comentários horríveis, do tipo:

- Como aquelas antas acreditaram na gente?

- Enganamos todas e nem estávamos tão apertadas.

- Fernanda Montenegro que se cuide! Nasce uma atriz: eu!

- Até parece! Fui eu que convenci as otárias da fila.

Indignada, Manu ficou sem ação e sem palavras num primeiro momento. As tais meninas gabavam-se por ter mentido. E vamos combinar que era uma mentirona. Daquelas de ruborizar qualquer mãe, qualquer irmã, qualquer um. Enquanto olhava o

quinteto mentiroso estupefata, de olhos arregalados. Manu, que já estava irritada mesmo, sentiu seu pavio curto terminar de

queimar. Resolveu arregaçar as mangas e tirar satisfações.

Aos poucos, a atenção naquele corre-corre do banheiro se voltou para ela, que, equilibrando-se na privada, na ponta dos pés, botou o dedo em riste e disparou, em altíssimo tom:

- Vocês acham que mandaram bem fingindo que sua amiga estava passando mal? Uma mentira dessas só para usar o banheiro? Vocês brincaram com a solidariedade e com a boa vontade das pessoas, que gentilmente abriram passagem porque acharam que se tratava de um problema sério! Só que nem apertadas vocês estavam! Por que não foram honestas e enfrentaram a fila como todo mundo? Eu estou com um nojo danado de vocês! Se eu fosse irmã de alguma, estaria muito envergonhada!

Num pulo, Manu desceu de volta para o chão, sob o olhar ainda incrédulo de Ritinha e aplausos entusiasmados da mulherada presente.

- Nunca vi você assim! Adorei, mas por que você falou daquele jeito? Nós mentimos também. No bilhete para a dona Eulália e para os nossos pais, dizendo que a Babete estava com a gente - observou Ritinha.

- Shhhhhh! - rebateu Manu. - É diferente! Nós fomos obrigadas a mentir. Pela Babete e pelo carro da dona Eulália. Elas não, mentiram por opção, só para furar fila e se dar bem! Como diria Babete, com pose de filósofa; "uma coisa é uma coisa. Outra coisa é outra coisa." Manu saiu da discussão com ares de vitoriosa, aplaudida, admirada por sua coragem. Enquanto caminhava na direção da pia com o peito estufado, o nariz empinado e um sorrisinho orgulhoso no canto da boca, as cinco pinóquias abriram a porta do sanitário em que estavam com toda força. O barulho calou o burburinho feminino que havia se formado.

- Vem cá, garota! Quem você pensa que é para falar com a gente assim? A rainha da Inglaterra? Fala sério, uma pirralha querendo cantar de galo! Você não se enxerga, não? - espetou a que aparentava ser a mais velha do grupo. Gluuuup!

Todos os olhares no banheiro voltaram-se para Manu e

Ritinha.

- Quem VOCÊ pensa que é mentindo desse jeito? O pior é que você não está com a menor pinta de que está arrependida. Só me diz uma coisa, valeu a pena? - rebateu Manu, para delírio da galera, que reagiu à pergunta com gritinhos de incentivo do tipo "u-huuu! Aê, lourinhaaa!".

E... dava para sentir que um "barraco" daqueles estava se armando.

- Obvio que valeu. Eu e as minhas amigas mijamos muito e estamos nos sentindo bem melhor. Não é, meninas? - disse a sarada do grupo.

- Mijaram? Eca! Você é um daqueles homens mal-educados, por acaso, para dizer essa palavra chula? Que menina mais sem noção, mais sem linha! E quer saber? Acho que não foi só xixi, não. Alguém aí deve ter comido repolho podre no almoço, porque esse cheiro de esgoto entupido veio do pum de uma de vocês! - devolveu Manu, na lata.

Gargalhada geral. Até a servente que retirava o lixo parou para ver o arranca-rabo que se formava. Parecia uma torcida de futebol: umas batiam palmas, outras davam gritinhos de incentivo. Olhavam as mentirosas com hostilidade. A maioria ali estava visivelmente do lado de Manu. Eram quase cinqüenta versus cinco.

Seria moleza.

- Nossa, que engraçado, olhe como eu estou morrendo de rir - debochou a adversária. - Posso falar uma coisa? A gente está com uma galera lá fora que não vai demorar um minuto para fazer um estrago nessa sua cara de patricinha - ameaçou a mais velha.

Dessa vez Manu sentiu medo. Medo de verdade. Poxa vida, logo a cara, que ela tanto prezava? Mas, ainda assim, conseguiu ironizar:

- Ai, que meda! Olha como eu estou tremendo, olha!

Ritinha preparava-se para dizer para a amiga "Não provoca,

não provoca...", quando a sarada pulou com tudo para cima de Manu e começou a puxar com força seus cabelos louros, lisos, longos, cheirosos e cultivados há anos com muito carinho.

- Meu cabelo, não! Largue meu cabelo, sua oxigenada de quinta! - gritou Manu, enquanto revidava à altura nas madeixas da pinóquia.

Nesse momento, uma mulher mais velha e meio fortinha tomou as dores de Manu e também resolveu voar para cima de outra do grupo metido a esperto. Pronto. Agora não tinha jeito. Uma briga danada estava só começando. Como nos filmes, todas as pessoas em volta entraram na confusão e, em pouco tempo, o banheiro estava de ponta-cabeça. Foi uma baixaria: cabelo para tudo quanto é canto, botões pelo chão, unhas quebradas, esmaltes descascados, roupas rasgadas. Enfim, uma peleja que o Maraca demoraria um bocado para esquecer.

Para Ritinha, que não era nada chegada numa briga, sobrou outra menina, a popozuda do grupo, que partiu para cima dela, de repente.

- E você? Vai ficar aí chupando dedo, sem fazer nada, dando uma de covarde? Não é mulher para entrar em briga, hein? Hein? Que papelão... sua amiga se descabelando e você aí olhando tudo com essa cara de bunda.

Ela nem sabe muito bem como aconteceu, mas quando se deu conta estava se engalfinhando com a tanajura, ou bunda de mate, como Ritinha se referiu a ela várias vezes durante a briga. Sim, porque briga de mulher precisa de falação, senão não é briga de mulher; é de homem, que luta calado, sem espetar o adversário. Tsc, tsc, tsc, tolinhos.

O arranca-rabo durou mais um bom tempo, mas estava tão generalizado que Manu e Ritinha conseguiram fugir do banheiro pé ante pé, ajeitando o cabelo e a roupa e conferindo os arranhões que ganharam na confusão. Depois de dez passos rumo ao gramado, foram surpreendidas por dois seguranças enormes.

- Vocês vêm comigo! - ordenou o mais carrancudo deles.

Hã? Oquê?

Ritinha bem que tentou apaziguar:

- Mas o que vocês querem com a gente? Acho que vocês estão nos confundindo com outras pessoas...

-Vocês brigaram no banheiro, não venha de conversinha pra cima de mim.

- Ih, o senhor pegou as pessoas erradas. A gente nem sabe o que rolou lá dentro! - defendeu-se Ritinha.

- É mesmo? E esse arranhão no seu rosto?

- Ah, seu moço, deixe disso. Tem uma amiga nossa sozinha, eu disse sozinha, esperando a gente no gramado. O senhor não pode dar um desconto? Agora, com licença - pediu Ritinha, tentando escapar do cerco dos dois trogloditas.

Não teve conversa. Os grandalhões não deram a menor trela para ela e continuaram levando as duas para algum lugar que desconheciam, mas também não estavam nem um pouco a fim de conhecer. Saíram sob o olhar de curiosos.

Distanciavam-se cada vez mais do barulho das fãs que lotavam o estádio. Num certo momento, Manu olhou para trás e viu que outras meninas envolvidas no arranca-rabo também estavam sendo levadas para sabe-se lá onde. Depois de muito gastar a sola dos sapatos, o grupo de garotas e seguranças chegou a uma enfermaria.

- Vocês só saem daqui com anuência do médico. Comportem-se! - avisou um dos grandalhões para a agora quieta trupe de tietes encrenqueiras.

Anuência? Anuência?! Ritinha ficou preocupada:

- Será que é um tipo de exame? Será que dói, Manu? - sussurrou para a amiga.

- Não tenho a minúscula idéia, Rita de Cássia - respondeu Manu, tensa. - Como é que a gente foi fazer uma besteira dessas?

- Se meu pai descobrir que eu fui pega numa briga, estou ferrada.

Quando as cerca de trinta meninas aportaram na enfermaria, umas outras setenta já esperavam, espremidas, por atendimento. A ansiedade estava no ar. Um enorme concerto internacional estava para começar do lado de fora e ninguém ali queria perder.

Dez minutos se passaram e todas continuavam à espera de um enfermeiro. Quinze minutos, e Ritinha começou a olhar no relógio. Trinta, e Manu já estava roendo as unhas, hábito que lutava para perder havia anos. Quarenta, e as duas e mais todos ali presentes perdiam as esperanças de ver a apresentação dos bofes norte-americanos do começo ao fim. Uma hora, veio a inveja de Gabi, que devia estar lá berrando como todas as milhares de fãs

que lotavam o maior estádio do mundo.

Uma hora e um minuto, dava para ouvir claramente: o show havia começado. Ritinha e Manu se abraçaram forte, sem saber o que pensar, o que dizer, meio abobadas por não estarem vendo os meninos que tanto amavam. A enfermaria se encheu de tristeza; outras meninas que também esperavam por atendimento desandaram a chorar, a chamar pela mãe, a implorar para serem liberadas.

Duas horas e meia depois, tentavam se esconder dos repórteres que se amontoavam na porta da enfermaria em busca de notícias sobre feridos, desmaiados etc. Manu seria a próxima a passar pelo crivo do médico quando escutou uma voz familiar.

-Ah, moço, me deixe entrar! Por favor! Rodei esse Maracanã todo, já me perdi, já me achei, mas ainda não encontrei minhas amigas! E não saio daqui sem elas.

Era Gabi, louca atrás de Ritinha e Manu, que não demoraram para gritar seu nome. Aliviada, correu ao encontro das duas.

- Conte tudo, tudo! Com riqueza de detalhinhos, pode começar - implorou Manu, depois do longo abraço triplo que trocaram.

- Contar o quê?

- Como foi o show, ué! As músicas, as roupas, como eles falaram "obrigado", o que eles conversaram com a platéia, as coreôs, os efeitos especiais... queremos detalhes, de-ta-lhes, só isso! - completou Ritinha.

- É! Conte! Por favor! - concordou Manu, também ansiosa para saber as novidades.

As garotas em vote começaram a se esticar para tentar ouvir a descrição do show que haviam perdido. Saber em primeira mão como foi o concerto pop mais esperado do ano já sena um consolo.

- Que show? Que coreografias? Que roupas?! Vocês estão loucas? Acham que com vocês duas desaparecidas eu ia ficar sossegada vendo os meninos cantarem como se nada tivesse acontecido, como se vocês estivessem do meu lado? Fique, super preocupada, entrei em todos os banheiros, bati em todas as enfermarias e, agora, graças a Deus, finalmente encontrei minhas melhores amigas! Que bom que vocês estão bem.

As três se abraçaram novamente. Dessa vez com os olhos cheios d'água. Depois de se desgrudarem, Gabi quis saber tintim por tintim por que Manu e Ritinha tinham ido parar naquele lugar lotado de médicos, enfermeiros e tietes machucadas/descabeladas/desoladas.

- Depois de séculos na fila enorme do banheiro, a gente viu uma coisa horrível. Umas meninas ridículas entraram e...

Manu explicou tudo. Tudinho. Gabi ouvia atentamente, quase sem acreditar que suas amigas haviam se metido numa roubada dessas. Não demorou para um médico parar perto delas. Deu uma olhada rápida nos minúsculos arranhões da dupla e... em um minuto estavam liberadas.

- Ei, ei, ei! Peraí, seu doutor! É SÓ ISSO? Isso é o que o senhor chama de examinar? E a tal da anuência, cadê? Agora eu quero a minha anuência, não saio daqui sem ela! Pode até doer, que se dane! Eu perdi o show do ano só para o senhor dar uma olhadela, de longe, nos meus arranhões? Não mesmo! Pode começar a me examinar direitinho! E com anuência, faça o favor! - disparou Ritinha.

- Não, Ritinha! Deixe disso, não vamos brigar de novo! Vamos embora - argumentou Manu. Saíram da enfermaria de cara amarrada. A única coisa que confortava as duas era que as meninas que mentiram e começaram toda a briga no banheiro também não tinham visto o show.

O trio de amigas deixou o estádio de braços dados, ainda sem entender como uma coleção de erros foi de repente acontecendo e estragando tudo. O estresse na hora de ir ao banheiro, a crença o fato de não terem marcado um ponto de encontro caso se perdessem... deram uma de amadoras. Babete ficaria decepcionada quando soubesse.

Enquanto caminhavam pelas ruas da Tijuca para o ponto de ônibus mais próximo, ouviam ao lado um sem-número de pessoas tecendo comentários sobre o show na maior empolgação. Aí, o coração não agüentou. A tristeza bateu forte e Manu deixou escapar uma lágrima. Estava tudo acabado. Nada mais poderia ser feito. A única coisa a fazer era ir para o apê do Davi, tomar um banho daqueles e se jogar na cama para esquecer para sempre aquela noite.

Cabisbaixas, tomaram o ônibus e assim seguiram até Copacabana.

Sem uma palavra.

A falta de sorte

Quando chegaram ao prédio do melhor amigo de Babete. Gabi - que quis se responsabilizar pelo chaveiro com as chaves da portaria e do apartamento desde o começo, por considerar as amigas avoadas - deu de procurá-lo dentro da mochila e nada de achar.

Procura dali, procura daqui, mexe aqui fora e remexe lá dentro. Nada. Num rompante, resolveu virar a mochila de cabeça para baixo e derrubar tudo no chão. Manu e Ritinha ficaram meio sem ação, mas depois do choque inicial resolveram começar a procurar em suas próprias mochilas. E nada de achar.

- Calma, gente. Está aqui em algum lugar, tenho certeza, certeza absoluta! - disse Gabi, enlouquecida.

- Veja se o porteiro está aí! Não vamos ficar aqui fora, ao relento. Deve ser perigoso - pediu Manu.

- Que perigoso, o quê? Devem ter redobrado a segurança nesta área por causa do Slavabody. Quanto a isso, pode ficar tranqüila - apaziguou Gabi.

Elas nem sabiam se o prédio tinha porteiro à noite, mas mesmo assim tocaram o interfone insistentemente. Ninguém apareceu.

- Vamos ligar para a Babete. O celular dela estava fora da área de cobertura mais cedo, mas ela deixou os telefones da casa de

Angra com você, não foi, Manu? - lembrou Gabi.

- É... acho que foi. Quer dizer, foi. Foi, sim. Mas... deixei lá em cima, sobre a mesinha-de-cabeceira...

- Gente, gente, gente! Assim não é possível! Vocês estão querendo dizer que estão sem os contatos da Babete e sem as chaves?! O que é que vai ser de mim, meu Deus?! Não acredito que eu estou sozinha no Rio de Janeiro com essas irresponsáveis! Nós agora somos praticamente umas sem-teto! – Ritinha deu ataque. - O que é que vamos fazer agora, alguma das duas pode me responder?

- Calma. Ritinha! É só ligar para o apartamento do Davi, eu decorei o número. A dona Eulálía deve estar lá. Ela desce e abre a porta para a gente. Vamos recolher as coisas e procurar logo um orelhão - decretou Gabi, aliviada por achar a solução para o problema que ela mesma criara.

O orelhão ficava ali pertinho, na esquina. Fizeram cinco tentativas, todas atendidas pela secretária eletrônica.

- Ai, meu Deus, cadê a dona Eulália? Será que ela já está dormindo? Era só o que faltava! - desolou-se Manu.

As três ficaram sem palavras. Parecia castigo! Tudo de errado acontecendo com elas.

Voltaram para o prédio e tentaram o interfone novamente. Nada. Não resistiram. Sentiram medo pela primeira vez. Muito medo. Medo pela insegurança, medo por não terem para onde ir, por estarem sozinhas num lugar que não conheciam, sem

ninguém para pedir colo, para protegê-las. Medo que fez o estômago virar e as mãos suarem frio.

O que fazer numa situação dessas? O que Babete faria? O que seus pais fariam? Aliás, que saudade deles! E que arrependimento. Queriam estar no quentinho de suas camas, embaixo do edredom comendo pipoca, com a mãe a poucos metros de distância.

Falando em mães... as três tinham prometido ligar para elas assim que chegassem do show! E agora? O que fazer?

- Vamos ligar do orelhão e falar que já chegamos no Davi e que estamos morrendo de sono. Assim a gente mente pouco e consegue desligar rápido – sugeriu Manu, angustiada.

- Não, eles vão perceber na hora que estamos falando de um telefone público – desanimou Gabi.

- Ah, não! Não acredito que vou ter de mentir para os meus pais de novo - desabafou Ritinha. - E se a gente não ligar, dizer que esqueceu? Aí não é mentira.

- É loucura! Não podemos fazer isso de jeito nenhum. A gente precisa telefonar. Ou ligamos e mentimos ou eles vão ficar desesperados, preocupadíssimos, sem saber onde estamos, se estamos bem, se estamos seguras. Não vão nem dormir! -repreendeu Manu.

- Mas eu não estou bem. E nem segura! – choramingou Ritinha.

Por ironia do destino, mais uma vez as três se viam obrigadas a mentir. Mas dizer o quê? Que estavam no apartamento do Davi com a dona Eulália? Pelo menos uma das mães iria querer falar com ela, agradecer por ter cuidado da filha. E ai? O que mais inventariam?

- Isso está virando uma bola de neve! - gritou Ritinha.

-Eu sei, eu sei - concordou, triste, Manu.

- Eu odeio a idéia de mentir para a minha mãe - confessou Gabi.

-Eu também! - fizeram coro Ritinha e Manu.

- Nunca fiz isso, me orgulho por ela ser minha mãe e minha melhor amiga - reclamou Gabi. - Mas... não dá para contar a verdade. Não agora.

- Por quê? - insistiu Ritinha, inconformada.

Manu reagiu na hora:

- Porque não tem condição! Ao vivo a gente explica, olhando nos olhos deles, por que a gente mentiu. Vamos falar que sabemos que é errado, coisa e tal, mas que não tinha outro jeito. Se a gente contar por telefone, vão entrar em pânico só de pensar nas filhas sozinhas no Rio a essa hora da noite, sem ninguém tomando conta. E, pior, não vão poder fazer nada! Vão ficar para lá de angustiados e muito, muito mais bravos! Por isso, não é uma boa idéia contar a verdade agora, entendeu?

- É, Rita de Cássia! Amanhã a Babete chega, voltamos para Resende e lá contamos tudo. Aposto que eles vão ficar menos chateados vendo que nós estamos bem e que tudo acabou dando certo. O que me preocupa é o que vamos dizer para eles. Minha mãe me conhece, vai perceber que algo estranho está acontecendo... - preocupou-se Gabi.

- Não vai, nada! Tive uma idéia - cortou Manu.

Dividiu a tal idéia com as amigas e elas, depois de muito debater e relutar, acabaram concordando. Foram para o orelhão outra vez, respiraram fundo e ligaram. Manu foi a primeira.

- Oi, mãe! Tudo bem? Aqui tudo ótimo, acabamos de voltar do show. Foi, mãe... foi lindo, bem como eu esperava. Eu sei que você está feliz por mim, mãezinha, obrigada - disse, tentando disfarçar a voz de choro. - Vou falar rápido porque a Gabi e a Ritinha também querem ligar para casa e estamos só com um cartão, no orelhão em frente ao prédio do Davi. Parece que o telefone dele pifou, quando atendemos, fica mudo. Não conseguimos escutar nada, então nem adianta ligar para lá. A dona Eulália? E, mãe, ela é muito gente boa, mas estava superapertada depois do show, subiu correndo para fazer xixi. E nós estamos roxas de sono, loucas para subir também. Beijo, amanhã a gente se vê. Também amo você.

Manu desligou com um nó no peito, parecia que tinha uma melancia pendurada no seu pescoço puxando os ombros e a cabeça para baixo. Que situação horrível! Sua mãe na maior boa-fé, na maior confiança, crente de que tudo esta saindo como o planejado, e ela mentindo descaradamente. As outras duas muito nervosas, também ligaram para as suas casas repetindo a história inventada e, apesar de todos os pais terem acreditado, a tristeza entre elas só aumentava.

Pior, quando acabaram lembraram um detalhe: ainda precisavam decidir para onde ir. A rua estava escura e dava ainda mais vontade de chorar, berrar, se esgoelar, subir pelas paredes. Era muita falta de sorte..

- A gente não pode ficar aqui. Não em ninguém por perto – reclamou Manu.

- Vamos para onde? Não é melhor insistir até acordar o porteiro? - sugeriu Gabi.

- Mais do que a gente já insistiu? Não podemos ficar aqui de braços cruzados, simplesmente!

- E para onde você quer ir? - quis saber Ritinha.

- Por que a gente não vai para praia? - propôs Manu.

- Viajou! Dormir na areia nem pensar! Deve ser gelado e esquisito. Além disso, vou achar que de noite o mar vem me pegar. Não, sem condição - reagiu Ritinha na lata.

- Vamos fazer uma coisa? O que vocês acham de a gente ir para a porta do hotel? Aposto que ainda tem um monte de tietes acampadas lá. Se não, a gente pode dormir naqueles banquinhos logo em frente, perto daquele ponto de taxi e das mesinhas de pedra com tabuleiros de dama. Pelo menos vai ter mais luz e mais segurança. Que tal? Convenci? - propôs Gabi.

- Claro que não. Dois minutos atrás você estava certa de que aqui, nesta esquina, era seguro ficar por causa do Slavabody. E falou isso com uma certeza irritante. Agora tai, cheia de medinho - desabafou Manu. - Eu não tenho a menor vergonha de mudar de opinião, tá? Pelo contrário, me orgulho disso. Fiquei com medo agora mesmo, e daí? Acho melhor a gente sair daqui e pronto! - rebateu Gabi.

Depois de um momento se estranhando, as três decidiram ir para a porta do Sofitel. Parecia mesmo a melhor solução. Foram andando de mãos dadas. Manu, friorenta como sempre, botou a canga nas costas para se proteger do vento e da maresia.

Chegaram ao hotel, onde várias fanáticas estavam de tenda armada, dormindo, exaustas. Todas com um único objetivo: estar perto dos ídolos. Já as três amigas queriam apenas paz e tranqüilidade, sentiam-se confortáveis com o fato de dormir com seguranças em volta, velando seu sono, cuidando para que nada de errado acontecesse.

Ali, pensaram mais uma vez no cheiro delicioso de lençol-lavado-há-pouco-tempo que encontrariam quando chegassem em casa. O travesseiro. Hummm... o travesseiro. Ia bater um remorso daqueles quando chegassem em Resende.

Devagar, caminharam em direção ao canto com a maior taxa de adolescentes por pedra portuguesa. Estenderam as cangas e se deitaram no chão mesmo, como as outras em volta, com a mochila fazendo as vezes de travesseiro. Estavam no Rio de Janeiro sozinhas na rua, sem uma cama para dormir. Perto do Slavabody, sim, mas e daí? Estavam tão desoladas que nem isso servia de consolo.

Ritinha, Gabi e Manu se esforçavam para fazer pensamentos positivos, mas...

- Deu tudo errado! Tudo! Nem ver o show de longe a gente conseguiu! – Manu foi a primeira a resmungar.

Não vimos o show por sua causa, senhora brigona! Precisava armar um escarcéu no banheiro? Foi tudo culpa sua! – rebateu Gabi, sem papas na língua.

Falou mesmo. A irritação e o cansaço eram enormes e, nessas horas, a gente fala sem pensar.

- Sem contar que você podia ter pedido para os seus pais darem dinheiro para você se hospedar no hotel, como muitas riquinhas fazem – alfinetou Ritinha, entrando na discussão e deixando o choro de lado.

- Não me chama de riquinha que eu odeio! E se eu tivesse pedido dinheiro para os meus pais, seria só pra mim e a gente não estaria vivendo tudo isso.

- Tudo isso quê, cara pálida? Isso aqui virou a maior roubada em que eu já me meti. A roubada do século – devolveu Ritinha.

- Calma, gente. Vamos falar baixo! Não vamos acordar as outras! – repreendeu Gabi.

- Calma nada! Você se ofereceu para cuidar das chaves e olhe no que deu! Perdeu todas! – exasperou-se Ritinha, atacadíssima.

- E pior, nem sabe onde – completou Manu, também com os nervos á flor da pele.

- Claro, se uma pessoa sabe onde perdeu, então não perdeu, burralda! Para mim, vocês é que são as verdadeiras culpadas por esse sufoco que a gente está passando. Eu só perdi o show porque fui atrás de vocês, suas ingratas! – esperneou Gabi.

Pronto. Que clima ótimo criaram. De novo. Ficar sem discutir era impossível para essas três amigas. Algumas meninas que dormiam começavam a se mexer. Afinal, descansar em volta do trio estava ficando difícil diante de tanta tagarelice emburrada. Manu sabia que não era hora de brigar e tentou mudar para um assunto mais pacifico.

- Acho que agora vamos ficar bem. Nada de pior pode acontecer.

- Pelo amor de Deus, vire essa boca pra lá, Manu! – reagiu Ritinha.

- Não vai acontecer nada! Acham que por acaso vai acontecer alguma coisa com a gente na frente desse hotel, onde está hospedado o grupo mais famoso do mundo? Sem chances! – discursou Gabi.

- Aí, aí! A mesma frase que você falou minutos atrás. Mesmíssima! Vira o disco! – espetou Manu. – A gente vai voltar para casa amanhã, ficou sozinha no Rio, andando com as nossas pernas. Foi maneiro, no fundo. Melhor do que passar mais um fim-de-semana em Resende, igualzinho a todos os outros que já passamos.

Com isso, o baixo-astral acabou dando trégua. Eram aventureiras, afinal de contas. Um pouco atrapalhadas, avoadas, esquecidas e brigonas, mas aventureiras. E naquele momento, com os ânimos acalmados, começaram a considerar seriamente a possibilidade de tirar uma soneca. Era mesmo o melhor a fazer.

Menos de dez minutos haviam se passado, quando escutaram uma voz que dizia, bem baixinho, algo como "Ei meninas! Vocês estão acordadas?". A voz se aproximava aos poucos, mas ninguém acordava. As tietes em volta pareciam estar no milésimo sono, nenhuma se manifestou para responder. As três decidiram ficar de olhos fechados, esperando que o dono da voz fosse embora logo para que elas pudessem, enfim, descansar.

Um grupo de fãs fanáticas, instalado bem ao lado delas, começou a conversar com o tal homem. Aos poucos, outros grupos de meninas esparramadas pelo chão começaram a despertar. Logo todas ao redor estavam acordadíssimas, inclusive as resendenses. Não demorou muito para que descobrissem do que se tratava.

- Parabééééns! Parabéns por estarem acordadas! Atenção, tchananañã! Vocês podem estar prestes a ganhar passagens para São Paulo, com direito a acompanhante, para ver o show do Slavabody Disco-Disco Boys com todas as mordomias pagas, inclusive um jantar com todos os integrantes da banda! Tudo patrocinado pela rádio Teen Pop Rock Sampa! Só preciso de respostas corretíssimas para duas perguntas sobre o Slavabody. Acertando, vocês também ganham na hora um kit com camisetas, bonés, fotos e agendas autografadas pelos meninos. Vocês topam? - anunciou, num fôlego só, um lourinho espevitado, com um gravador na mão.

- Siiiim! - respondeu o grupo, eufórico.

Agora de olhos bem abertos, as três permaneceram imóveis, mas com os ouvidos atentos e curiosos.

- Pergunta número um, atenção: qual é a comida preferida do Slack? Pergunta número dois, qual o nome do porco de estimação que o Tiger tem em sua mansão de Los Angeles? Vocês têm cinco segundos. Cinco, quatro, três...

- Lasanha! Lasanha! E o nome do porquinho é Piggy Disco Boy - respondeu a mais desinibida do grupo.

-As respostas estão... atenção, um momento de suspense... cooorrrreeeetaaaas! Vocês ganharam, meus parabéns! - comunicou o serelepe locutor, que vestia jeons e camiseta da rádio.

Enquanto as meninas ao lado se abraçavam na maior choradeira, Manu gritou:

- Estamos acordadas também! Aqui, moço. por favor! Pode fazer outra pergunta, vamos saber responder qualquer uma!

Gabi também tentou:

- Além do mais, aposto que se eu contar a nossa historia. você vai querer nos levar para São Paulo também. Acredita que a gente perdeu o show por causa de...

- Ô gatinhas... mil desculpas, tá? Mas agora já foi, tá? Por pouco vocês não foram as vencedoras, tá? Não fiquem tristes, tá? A gente achou que vocês estavam no maior sono tá? Fica para próxima, tá?

Tá! Tá! Tá! Tá! Cara mais chato! Claro que estavam triste. Tristíssimas. Afinal, ganhar passagens para São Paulo seria maravilhoso, sem contar que melhoraria o clima daquele dia todo errado. O episódio acabou com o que restava das forças das forças das meninas. Sem ânimo sequer para resmungar, resolveram se entregar aos braços de Morfeu, o deus do sono e dos sonhos.

Encolhidas, as três tentaram não pensar mais na coleção de erros que tinham cometido. Queriam que tudo não passasse de um pesadelo sem graça. O vento que vinha do mar não dava folga e, por mais que elas se encolhessem, o frio continuava maltratando. Apertaram-se para dormir grudadas umas nas outras, na tentativa de espantar a baixa temperatura e também o baixo-astral. De repente...

- Boa-noite, boa-noite.

As três arregalaram os olhos com o coração na mão, na esperança de que o cara da tal rádio tivesse mudado de idéia e estivesse lá para dar a viagem a Sampa para elas também. Mas alegria de tiete dura pouco. Que equipe de rádio paulista, que nada!

- Juizado de menores! Atenção! Juizado de menores! Todo mundo levantando, por favor! Todo mundo acordando!

Juizado de menores? Essa não!

- Gente, acorde! - ordenou Manu.

- Acordar? Você acha que alguém consegue dormir com esse homem com voz de alto-falante berrando? Só digo uma coisa: meu pai vai me matar se a gente for parar no xadrez! - enfezou-se a já emburrada por natureza, Ritinha.

- Que é que é isso?! A gente precisa se benzer! - interveio Gabi. - Eles não vão nos levar para a prisão só porque estamos aqui. Ou será que vão?

- Ai, meu São Judas Tadeu, minha Santa Rita de Cássia, minha Santa Bárbara, meu São Jorge, meu Santo Expedito. Minha Nossa Senhora Desatadora dos Nós, quem virá para o Rio tirar a gente da cadeia? A gente vai dormir ao lado dos bandidos? Será que tem cela especial para criança? Deus meu, será que vão levar a gente para um presídio de segurança máxima? Será que minha mãe conhece algum advogado que não seja careiro? - apavorou-se Ritinha, aos berros.

- Era só o que faltava! - desabafou Manu.

Olharam para os lados e notaram que suas vizinhas de porta de hotel já obedeciam à ordem do pessoal do Juizado de Menores. Muito a contragosto, começaram a se levantar e, quando deram conta, perceberam que cinco homens estavam ali e não dois, como haviam imaginado. Foram de grupinho em grupinho fazendo perguntas, pedindo carteira de identidade e sabe-se lá o que mais.

- Eu quero minha mãe! - choramingou Ritinha.

- Cale a boca, chata! - ordenou Manu.

- Pensamento positivo, gente. Pensamento positivo. Vamos pensar em coisas alegres. Vamos lá: gangorra, jabuticaba suculenta, palhaço, navio... - tentou Gabi, sem sucesso. - Vamos cantar, então. Bem baixinho, todo mundo. "Ilá Ilá Ilaríê! Ô! Ô! Ô! Ilá Ilá Ilariê Ô! Ô! Ô!"

- Shhhh! - fizeram ao mesmo tempo as outras duas, à beira de um ataque de nervos com aquele "momento Xuxa" nada apropriado.

Gabi. Ritinha e Manu não tinham a menor noção de como deveriam reagir, de qual seria a cena do próximo capítulo. Não conseguiam entender direito no que aquilo tudo podia dar. Um dos homens totalmente calvo, com barriguinha protuberante e terno e gravata de gosto duvidoso aproximou-se delas

tom solene:

- Boa-noite, senhoritas. Como está a vida? Tudo certinho?

- Tudo, tudo certinho, sim senhor- responderam as três educadamente, com cara de boas meninas e voz um tanto trêmula.

- Eu sou o juiz da Vara da Infância e Adolescência, Miro Montalban, vocês naturalmente me conhecem da televisão. Hum... não? Como não? Bom, não precisam ficar com medo de mim. Qual a idade das mocinhas?

Silêncio total. Juiz? Juiz?! Glup. Não tiveram nem coragem de tentar mentir a idade. Em dois tempos, doutor Miro matou a charada.

- Menores, hã? Hum... estão sem acompanhante adulto? Seus pais não têm idéia de que vocês estão aqui, no relento, acertei? Hum... foi o que pensei. Peguem suas coisas e dirijam-se para aquele microônibus. Hum... nós vamos levá-las para casa. Hum.. agora - decretou, pouco antes de virar-se para o lado para interrogar um outro grupo que, como nossas três amigas, o esperava com um sorriso amarelo no rosto.

- Seu juiz! Ô, seu juiz! Como assim? - Manu foi a primeira a manifestar-se.

- Poxa, seu juiz, muito obrigada pelo interesse em nos proteger, mas vossa excelência não precisa se preocupar com a gente, nós moramos a alguns passos daqui. Naquele prédio, ó, é só virar o pescoço um pouquinho que o senhor vê. Logo ali na esquina. Está vendo? - complementou Ritinha.

- Ah, quer dizer que vocês moram naquele edifício luxuoso na avenida Atlântica, mas preferiram passar a norte na porta, dormindo no chão, sem conforto nenhum? Hum... muito coerente isso, mas eu gostaria.de checar. Posso bater na casa das senhoritas para falar com um responsável?

Estavam mais que fritas. Estavam torradas, esturricadas, queimadas. Quanto mais o tempo passava, mais aquele pesadelo parecia não ter hora para acabar.

- É que... é que... preciso contar, meninas. Mas não brigue comigo. hein, ô, seu juiz? A gente perdeu o chaveiro com todas as chaves. Foi o que aconteceu. Pronto, falei. Ai, que alívio! - entregou Manu.

- Perderam a chave? Tsc, tsc, tsc, que coisa horrível... hummm... o que vocês sugerem, então? - retrucou o doutor Miro Montalban, enquanto coçava o queixo.

- Que o senhor nos deixe ficar aqui - respondeu com naturalidade Ritinha, antes de se aproximar do juiz para um breve tête-à-tête. - É só fingir que não viu a gente. Pense comigo: aqui é seguro, tem vista para o mar e os caras do hotel são muito gente boa, mineiríssimos, sabe? Eles tomam conta de todo mundo aqui. Pode ir tranqüilinho para casa que nós vamos ficar bem. Vá descansar. Tem perigo não, precisa se preocupar não, seu Miro – disse Ritinha.

- Doutor, filhinha, doutor Miro, sim? Querida, você acha mesmo que consegue enganar um juiz com 30 anos de magistrado? Muito ingênua, muito ingênua mesmo. Vou levá-las para casa. E já! Andem, para o ônibus! Chega de conversa para boi dormir!

- Seu juiz, acho que o senhor não ia querer levar a gente depois que soubesse onde a gente realmente mora - reagiu Manu.

- Hã?

- É que esse apartamento aqui perto é de um amigo. A nossa casa, mesmo, é meio longe, sabe? - complementou Gabi.

- Onde, exatamente? - inquiriu o juiz, já impaciente.

- Beeeeem longe acrescentou Ritinha.

- Onde? - insistiu o juiz, mais seco ainda.

- Em Resende - respondeu Manu, baixinho.

- Hum... iihh... hum... é... longe mesmo.

Ao ouvirem aquela resposta, chegaram a esboçar um sorriso. Tiveram a sensação de que a noite não terminaria tão mal como imaginavam. Afinal, Miro Montalban não

estava com a menor cara de que toparia encarar uma estrada àquela hora da madrugada.

- Bem, então esperarei até amanhã para levar vocês em casa. Faço questão de conversar com seus pais ou responsáveis pessoalmente. Onde já se viu... - decretou o juiz.

Pronto. Aquele, sim, era o ponto final de um dia inacreditavelmente desastrado, mal aproveitado. Um dia para ser deletado. Quando se preparavam para ir para o ônibus, catando cangas e pertences no chão, uma luz forte, muito branca e insistente, surgiu bem em cima delas. Não, infelizmente não eram os anjinhos e gnominhos da Babete vindo ajudá-las numa nuvem iluminada.

- Doutor Miro, doutor Miro, por favor, uma declaração para a imprensa sobre mais esta blitz do Juizado de Menores! As crianças não vão poder ficar aqui, é isso? Para onde serão levadas? Tem algum telefone para os pais obterem informações sobre as filhas? - perguntou uma repórter, seguida de um mar de jornalistas, que apareceram não se sabe de onde, todos falando ao mesmo tempo, uma confusão.

De repente, não mais que de repente, várias luzes de equipes de teve foram acesas de uma só vez. E a noite virou dia na porta do hotel.

A torcida do trio, óbvio, consistia em fazer pensamento positivo para o Juiz não aceitar dar entrevista naquele inicio de madrugada. Afinal, não queriam, ou melhor; não podiam, em hipótese alguma, ser vistas na televisão dormindo na rua, na frente de um hotel. Deram as mãos e pensaram em coro: "Ele é tímido, está cansado e não vai falar com a imprensa! Ele é tímido, está cansado e não vai falar com a imprensa! Ele é tímido, está cansado e não vai falar com a imprensa!"

Mas de nada adiantou. Sua excelência a-do-ra-va uma câmara e estava cheio de amor para dar.

- Pode filmar, claro. Mas peça para o cinegrafista me pegar desse lado, meu perfil direito é um horror, nada fotogênico. E, já sabem, ninguém pode mostrar o rosto

das meninas, elas são menores - ordenou ele, com a desenvoltura de quem dá entrevista pelo menos duas vezes por semana.

Um alívio para as resendenses, que imediatamente comemoraram com um "Yes!" bem baixinho.

Doutor Miro Montalban caprichou para aparecer. Ajeitou a roupa, endireitou a gravata, abriu e fechou a boca várias vezes, pigarreou, inflou o peito e começou:

- E um absurdo meninas menores de idade dormindo na calçada a essa hora da noite, por causa de um bando de artistas estrangeiros que não sabe, nem nunca vai saber que elas existem. Pois o Juizado de Menores sabe! Essas crianças são muito importantes para nós!

Enquanto isso, o trio continuou na onda de pensamentos positivos. Desta vez Gabi, a mais mística do grupo e a que começou com essa história de "pensamentos alegres", disse a frase que viraria mantra na cabeça das meninas logo em seguida: "Não fale da gente! Não fale da gente! Não fale da gente! Não fale da gente!”

- E para onde as crianças serão levadas? - quis saber um outro repórter.
- Lugar de criança é na escola e na casa dos responsáveis, brincando e estudando, estudando e brincando. As que moram por perto nós deixaremos em suas casas. As demais, como esse trio aqui, que são de outros municípios, vão comigo para o Juizado de Menores. De lá eu entrarei em contato com os pais e pedirei que venham buscá-las amanhã.

Nããaão! Não podia ser! Aquele juiz tinha de calar a boca rápido! Recomeçaram com os pensamentos positivos, dessa vez numa velocidade maior do que de carro de Fórmula I. Manu repetia mentalmente, sem parar: "Não fale que a gente é de Resende! Não fale que a gente é de Resende! Não fale que a gente é de Resende!" e Ritinha, por sua vez, dizia baixinho "Não fale mais da gente! Quero minha mãe! Não fale mais da gente! Quero minha mãe!".

- E como o senhor se sente ao ver crianças que nem moram na cidade dormindo na rua, jogadas ao relento? Onde estão os pais dessas crianças, doutor Miro? - questionou uma repórter enxerida.

- Isso eu já não sei responder, querida. O fato é que elas estão aqui e eu vim tirá-las da rua. Basta por hoje, está tarde e essas meninas precisam dormir dignamente.

- Obrigada, excelência, já, já entra no ar.

Um segundo de silêncio e...

- Yesssl Escapamos! Acabou a entrevista! - comemoraram as três, baixinho.

Ritinha não segurou a curiosidade e perguntou para a repórter:

- Vai passar em que jornal?

- Ah, em todos, se duvidar. Só se fala nesse show!

- Caraça! - exclamou. - Então, dona repórter, não se esqueça do que o juiz falou. As nossas caras não podem aparecer!

A Preocupação era totalmente cabível. Os pais descobrirem pelo juiz que elas dormiram na rua já seria uma lástima, se Resende inteira ficasse sabendo pela tevê seria o mico da década, do século, do milênio.

- *Não* precisa se preocupar, temos aquele recurso de compor que deixa tudo nublado. Tchau e boa sorte - despediu-se a jornalista.

Era o que bastava para elas saírem de lá certas de que, pelo menos na tevê, não apareceriam. Foram para o microônibus.

Assim que ele partiu, Ritinha perguntou para as amigas:

- Mas, afinal, o que é que é Juizado de Menores, hein?

- Prisão de crianças, ora - brincou Manu, apesar do nervosismo.

- Meu Deus do Céu! E isso mesmo, então? Não falei? Estamos perdidas! Como assim?! Vamos ficar presas por quantos anos?

- Calma, Ritinha! Eu estou brincando! Você achou que eles iam fazer mingau com a gente? Pare de viajar! Não ouviu o juiz falar? Ele vai ligar para os nossos pais.

Aquela última frase ecoou solitária na mente das amigas. Só então caiu a ficha e as três concluíram: estava tudo acabado. Os pais saberiam de tudo, elas tomariam a maior bronca de suas vidas, ficariam de castigo, seriam privadas de um monte de coisas. Onde estava Babete naquela hora, para dizer como se escapa de uma roubada tamanho família?

O ônibus lotou com garotas vindas de vários bairros do Rio e de outros municípios. Tinha gente de Queimados, São Conrado, Vilar dos Teles, Botafogo, Tijuca, Pedra de Guaratiba, Xerém e outros lugares de que elas nunca tinham ouvido falar.

A cada parada do microônibus, novo sermão do doutor Miro Montalban. Ele não era fácil. Não só acordava os pais ou responsáveis como os obrigava a aparecer na porta. Aí falava, explicava, gesticulava até cansar. Das poltronas, as meninas assistiam à cena do lado de fora em silêncio. Os olhos tristes agora ostentavam olheiras e o suor das mãos misturava-se com as lágrimas que enxugavam do rosto.

Mesmo não tendo de encarar as mães naquela noite sabia que mais cedo ou mais tarde passaria pelo (pavoroso) momento de ver os pais levarem um pito tamanho família de um Juiz.

E como gostava de dar bronca o doutor Montalban!

Com os olhos vermelhos, de choro e de sono, Ritinha deixou escapar em voz alta o que passava por sua cabeça:

- Esse juiz vai brigar com o meu pai. E por minha causa! Imagine o que vai sobrar para mim depois. Papai é turrão, pavio curto. Quando está com raiva, vocês sabem, é um trator. Que medo está me dando!

- Calma, Ritinha, não fique assim - consolou a amiga Gabi. Na quinta parada, a maioria das meninas já havia caído no sono, inclusive o trio mais azarado de Resende. Devem ter levado, por baixo, umas três horas sentadas naquelas poltronas. Suas bundas já estavam quadradas.

No fim da excursão forçada, sobraram no ônibus Ritinha, Manu, Gabi e mais umas seis gurias que também moravam bem longe. Chegando ao Juizado, onde doutor Miro já

havia avisado que passariam o resto da madrugada, acordaram com flashes de câmaras fotográficas.

Alguns fotógrafos, cinegrafistas e repórteres com seus microfones, celulares e gravadores brigavam para chamar a atenção do juiz, que, por incrível que pareça, não deu a menor pelota, para alívio das meninas. Afinal, além de não quererem pagar mico em rede nacional, não suportariam a idéia de aparecerem na televisão descabeladas, amassadas, desajeitadas e sem gloss.

De repente, quando os seguranças do juizado tentavam controlar os jornalistas para que o juiz e as meninas pudessem descer, uma mulher berrou:

- Eu quero a minha filha! Cadê a minha filha?

No mesmo instante, câmaras, microfones e afins voltaram-se para a direção da voz, vinda de uma mãe que corria esbaforida. Ninguém entendeu nada. Mas, da janela, Ritinha avistou o inesperado e congelou.Era a mãe de Gabi.

Logo atrás, vinha o pai de Gabi. Mais atrás, a mãe de Manu. E sua própria mãe. A confusão estava armada. E elas não tinham saída.

- Ah, não pode ser! Nossos pais estão aí fora! E agora? O que a gente faz? Estamos encurraladas, não temos nem para onde fugir! - desesperou-se Ritinha.

- Quê? Como? Não pode ser verdade! Como eles vieram parar aqui? - estrilou Manu.

- Nossos Pais?! Não acredito! Minha mãe vai me esfolar viva, vai tirar minha máquina de costura e me proibir de ir ao cinema. Querem apostar quanto?

- Duvido que ela faça isso com você, Gabi. Mas a minha mãe... acho que vai me entregar para o meu pai para ele me dar unas palmadas de chinelo no meio da rua. Nem me machucam, mas, se for em praça pública, vou ficar trancada em casa de vergonha pelo resto da vida! - Ritinha entrou em pânico.

- Ai, gente, calma! O que está me intrigando é como eles nos descobriram. O juiz nem perguntou o telefone das nossas casas...

Com os olhos arregalados, as três aguardavam a próxima cena daquele filme inacreditável. O que aconteceria a seguir? O que seus pais fariam? Eram tantas as questões a serem esclarecidas... a resposta da última veio logo. As mães, alucinadas, histéricas, irritadas, já haviam avistado as filhas e começaram a bater no ônibus e a gritar o nome delas.

- Abaixe esse microfone. Tire essa luz daí! - Ritinha tentava se comunicar com os repórteres, esquecendo que de nada adiantaria, já que uma janela que não se abria a separava deles.

Encurraladas, Manu, Gabi e Ritinha afundavam-se cada vez mais nas poltronas. Não conseguiam encarar os pais de jeito nenhum. O juiz decidiu saltar. Sua intenção, como ele mesmo anunciou para as meninas, era conduzir os pais à garagem do Juizado e controlar a algazarra.

Não foi possível. Quando a porta do veículo se abriu, 0 magistrado foi empurrado sem dó nem piedade pelas mães das meninas, que invadiram o ônibus aos berros, seguidas imediata-mente pelos repórteres que faziam plantão na porta do Juizado, já que as últimas atitudes do doutor Miro andavam repercutindo bastante.

Os jornalistas empurravam uns aos outros em prol da melhor imagem. Teve até cinegrafista escalando o microônibus para filmar a ação do teto. Aquilo ia sair em todos os jornais, em todas as revistas, em todos os canais de televisão. A pergunta que não queria calar ainda era "Como nossos pais descobriram?", e partiu de Manu assim que sua mãe se aproximou.

- Primeiro, foi a dona Eulália, que telefonou uns dez minutos depois de você. Queria pedir desculpas por não ter conseguido chegar ao Rio, disse que o problema com o carro foi tão grave que ela teve de voltar para Ubá. Havia tentado falar conosco antes, mas não tinha conseguido. Também estava muito preocupada porque não conseguia falar com vocês no apartamento. E no telefonema você tinha me dito que ela não podia falar comigo porque estava apertada! Francamente, Manuela! Liguei na mesma hora para a Iara e para a Cecília. Depois liguei para o celular da Babete, que, na minha

iludida imaginação, era quem tinha ficado tomando conta de vocês. Pois atendeu alguém que eu nem conheço e me disse que ela estava em Angra! Em Angra!

Maria clara parecia muito, muito, muito brava. Manu nunca tinha visto a mãe assim.

Fiquei chocada por vocês terem ido ao show sozinhas, numa cidade que não conhecem e que anda tão perigosa. Quanta irresponsabilidade! Você ia se ver comigo quando chegasse em casa, mas pelo menos eu achava que vocês estavam seguras, dormindo no apartamento do Davi. Nunca, nunca esperava que filha estivesse dormindo na rua que nem mendiga, sem a menor segurança.

- E tem mais uma coisa - intrometeu-se Iara, a mãe de Gabi, também irada -, vocês apareceram no plantão da Globo. Quer dizer, vocês não. Suas roupas. Eu percebi logo que era a Gabi por conta do casaco "Eu Amo Resende", que ela mesma bordou. Londres, minha filha, pode esquecer. Só quando você puder pagar. E com o seu trabalho, não é com mesada, não.

Gabi arregalou os olhos e suplicou:

- Não, mãe! Eu, você e o papai estamos economizando há tanto tempo! Meu sonho é ir para Europa quando fizer quinze anos! Meu maior sonho...

- Sonho adiado, filha. Sinto muito. A culpa é sua, você cavou isso. Por que você não se mobiliza para costurar para fora? Não gosta tanto de inventar moda? Assim, quem sabe, você ocupa a cabeça decentemente em vez de correr atrás de celebridades fabricadas.

A bela baixou os olhos e pôs-se a chorar baixinho. Sentia-se humilhada, maltratada, injustiçada.

Já a mãe de Manu, Maria Clara, 42 anos, bronzeada artificialmente, duas lipoaspirações e três horas diárias de malhação, para lá de sarada, emendou:

- E eu reconheci você pelo relógio que lhe demos no Natal passado. Era um de edição limitada da Nike, que compramos na viagem aos Estados Unidos. Que vergonha Manuela! Que vergonha!

Cecília, por sua vez, soube que Ritinha estava na sua frente, na tevê, quando observou o par de meias lilás com um rombo imenso nos dois pés, um pouco acima do tornozelo.

- Só a minha filha seria capaz de guardar - e usar! – uma meia nesse estado de calamidade, com vários outros pares na gaveta. Esta é a Ritinha, senhoras e senhores! Ela escolheu, por livre e espontânea vontade, trazer para uma viagem uma meia furada há anos. Onde foi que eu errei, meu Deus? - lamentou-se, enquanto puxava a orelha de Ritinha para todo o Brasil assistir.

- Ai, mãe! Menos, por favor, menos! Vamos conversar isso sem um monte de pessoas em volta? E você não sabe que esta é a minha meia da sorte? Eu só uso em ocasiões especiais, por isso quis ver o show com ela.

- Sabe o que seu pai quer? Confiscar seu skate por tempo indeterminado e tirar o som do seu quarto para você nunca mais ouvir música em casa. E ainda disse que vai destruir todos os seus CDs e tudo o que for desse grupo idiota, inclusive os pôsteres, as fotos e os recortes que você coleciona. Ê fanatismo besta!

Ritinha ficou passada. Aquilo era mais do que castigo. Era tortura, humilhação, pior do que o pior pesadelo. Ficar sem skate já seria duro. E ficar sem ouvir música em casa? Música era sua maior paixão. Ouvia quando estava alegre, quando estava triste. Ritinha se debulhou em lágrimas, no maior berreiro. E sua mãe lá, impassível.

As três não conseguiam acreditar que foram capazes de dar tanta bandeira. Também, quando iriam imaginar que seriam filmadas e apareceriam no Plantão da Globo com roupas e acessórios que entregariam o ouro aos bandidos, quer dizer, aos pais?

Os fotógrafos e cinegrafistas pareciam cada vez mais animados. Tanto que a luz na cara e o calor começaram a beirar o insuportável microônibus. Os jornalistas queriam saber tudo, tu-di-nho, desde se elas tinham namorado até qual era a média de cada uma na escola.

- Como surgiu a idéia de vocês dormirem na rua? – perguntou uma repórter.

- E por que alguém usaria meia furada tendo outras na gaveta? – quis saber um careca espremido pela muvuca.

- Isso não é da sua conta, seus enxeridos! – respondeu Ritinha, com o nariz igual a um pimentão de tanto chorar.

- Por que fizeram isso com a gente? Por quê? Como podem ser tão mal-agradecidas? Nós damos a vocês tanto amor, tanto carinho e é isso que vocês nos dão em troca? Não adianta, filhos só dão valor para os pais depois que eles morrerem. Fazem questão de tratar a gente como um pano de chão sujo – fez dramalhão mexicano a mãe de Gabi.

- Calma mãezinha. A gente vai explicar tudo em casa, prometo. Mas a culpa não foi nossa! Juro! Estamos muito arrependidas!

E estavam mesmo.

Mas sabiam que além de arrependidas estavam em apuros. E, pior, começaram a colocar a culpa umas nas outras. Tudo muito sussurado, claro. Não queriam chamar ainda mais a atenção.

- Não acredito que você trouxe para o Rio um par de meias furado. Que pateta você é, Ritinha! - implicou Gabi. á

- E você, que é toda metida a fashion e trouxe um casaco breguinha, bordado? Quem é a pateta aqui? - rebateu Ritinha, muito enfezada.

- Calem a boca! Não vamos brigar, né?- apaziguou Manu. – Mãe, repórteres, seu motorista, seu juiz... acho que a gente não tem nada a declarar agora.

- É! Nós não temos nada a declarar! Nadinha! – berraram Gabi e Ritinha em coro.

Em vão. Na mesma hora, a mãe de Manu aproveitou a presença das câmaras e soltou o verbo:

- Pois eu tenho, sim, senhoras! - reclamou Maria Clara, enquanto ajeitava o cabelo e caprichava na pose e no bico.

Manu apavorou-se com o que estava por vir. O clima não podia ser mais tenso. Maria Clara continuou?

- O que vocês fizeram foi imperdoável, muito feio mesmo. Traíram nossa confiança e, já vou avisando, vai ser praticamente impossível recuperá-la! Nós estamos decepcionados com vocês. Podíamos esperar qualquer coisa, menos uma traição dessas. E para ver um show! Que absurdo! - discursou, cheia de desgosto no olhar. - E a senhora, dona Manuela, vai ter de se explicar muito direitinho para mim e para o seu pai. Mas desde já está cortada a mesada! E roupas de grife, querida, nunca mais! Nunca mais, ouviu bem? Outros castigos virão, mas a gente pensa neles na estrada. Agora ande, levante. Vamos para casa, ande! Elas já podem ir, não é, doutor Miro?

Manu não conseguiu sequer reagir. Estava tão triste que não tinha forças para falar. Mal conseguia respirar, essa é a verdade. Parecia que ia explodir de tanta vergonha. Já seria duro passar por tudo isso no anonimato, imagina em rede nacional! Por mais que se esforçasse para não deixá-las cair, as lágrimas venceram a batalha e começaram a rolar pelo seu rosto, uma atrás da outra.

Acabou assim o maior sonho das meninas de Resende. Tinham pago um mico enorme na tevê, o maior mico de suas vidas. Parecia um desses programas em que roupa suja se lava no estúdio de televisão. Vergonha era pouco. Estavam humilhadas. Sentiam-se como a mosca que pousou no cocô fedorento do cavalo do bandido condenado.

Foi difícil driblar a multidão de jornalistas para sair do ônibus. Todos queriam tirar mais fotos, fazer mais perguntas, um horror.

Quando finalmente conseguiram saltar - devidamente por doutor Miro Montalban, exausto e quase dormindo em pé àquela altura - caminharam sob o espocar dos flashes rumo á caminhonete do pai de Manu e ao carro da mãe de Gabi.

No longo trajeto, o silêncio reinou por muito tempo. Até Ritinha tentou se justificar. Explicou que só contaram as mentiras para não deixar as mães nervosas, para não preocupá-las Sua mãe ignorou seus argumentos.

- A primeira coisa que vou fazer é ligar para essa Babete irresponsável. Se não fosse ela, nada disso teria acontecido. Como ela deixou vocês sozinhas no apartamento desse tal Davi? Por quê? - repreendeu Cecília.

- A Babete é maluquinha, sim, mas não teve culpa. Ela tinha uma festa-surpresa para ir em Angra - Ritinha tentou defender a amiga maluquete.

- Calada, Rita de Cássia! Eu não admito que você me responda para defender essa inconseqüente! Coisas horríveis podiam ter acontecido!

Toda vez que mães e filhas trocavam algumas palavras era a mesma coisa. Patada atrás de patada. Bronca atrás de bronca. Sermão atrás de sermão. Pito atrás de pito. Ao que tudo indicava, demorariam bastante tempo para esquecer o episódio.

Chegaram a Resende na manhã de domingo, o céu começando a clarear. Foi cada uma para sua casa, direto para o quarto. Os pais ficaram de pensar em mais castigos. Estavam tão, mas tão zangados, que queriam dar para as filhas uma lição inesquecível.

Trancadas no quarto permaneceram até a noite, com os olhos e o nariz inchados depois de tanto choro. Às oito, as mães suspenderam momentaneamente o castigo para que as filhas assistissem á televisão, o que pareceu a todas muito, muito estranho mesmo.

Ritinha que desde a chegada não trocara um olhar sequer com o pai, sentou-se no chão de sua sala, bem em frente ao aparelho de teve. Gabi, que durante as horas em que permaneceu trancada pegou sua caixinha de costura e bordou numa camiseta rasgada a frase “Eu vou ser independente um dia”, obedeceu, mas não olhou para os pais. Achava um exagero aquele castigo. Sentou-se de nariz empinado na sua poltrona de sempre, curiosa, louca para saber o que a mãe tanto queria que ela visse na telinha.

Manu, por sua vez, ficou no quarto revendo os recortes, que guardava sobre o grupo havia anos e chorou ao pensar que Babete também não seria poupada dos gritos do trio de mães enlouquecidas de raiva. Foi para a sala sem dar um pio.

Em pouquíssimo tempo, o silêncio deu lugar ao espanto. Não era todo dia que a manchete do Fantástico tinha um conteúdo tão familiar.

- Você faria qualquer coisa por um ídolo? Três meninas de Resende, no estado do Rio, estavam dispostas a fazer de tudo pela banda mais famosa do momento, os Slavabody Disco-Disco Boys. Mas nada deu certo para elas. Além de serem flagradas

pelo juizado de menores, dormindo na porta do hotel onde o grupo estava hospedado, levaram uma bronca dos pais em rede nacional. Conversamos com psicólogos, professores, autoridades, ídolos da garotada e com os pais das fãs para saber que amor é esse que leva adolescentes do mundo inteiro a cometerem as maiores loucuras. E descubra também o que a gente famosa já fez para chamar a atenção de um ídolo. Já, já, na nossa matéria de capa "Tudo por um pop star" – anunciou o apresentador do programa.

Glup!

As três ficaram sem palavras diante da televisão. Estupefatas, estatuas. Elas seriam assunto do Fantástico e, pior, seus pais sabiam de tudo e não contaram nada!

Agora, sim, o pior estava para acontecer. Resende, o Brasil, e, principalmente, as crianças do Educandário Professor José Fernandes de Oliveira Raposo Barros Matthias, colégio e, que estudavam (e chamavam carinhosamente de Zé), saberiam de tudo.

- Pode bufar o quanto quiser, mas, antes de vocês chegarem ao Juizado, uma equipe da Globo nos chamou num canto e pediu para nos entrevistar primeiro, antes dos outros repórteres que se acotovelavam perto da entrada. Queriam fazer uma reportagem sobre essas loucuras de tiete. Topamos na hora. E não me olhe com essa cara, achamos que vocês mereciam essa ficção - explicou a mãe de Manu.

A reportagem foi enorme. Não enorme, mas enorrrrme. Ganhou chamadas e mais chamadas no decorrer do programa e, antes de cada intervalo, anônimos de várias cidades brasileiras respondiam se realmente seriam capazes de tudo por um pop star. Além de entrevistas, a matéria apresentou, para total desespero das meninas, trechos do barraco que aconteceu dentro do ônibus, quando levaram uma baita bronca e puxões de orelha sob o foco de várias câmaras.

Quando o dominical acabou, Manu. Ritinha e Gabi passaram, finalmente, a ter noção da dimensão do que acabara de acontecer. Sabiam que seriam motivo de chacota

por muitos e muitos anos. Com essa constatação, veio a certeza: colégio, no dia seguinte, de jeito nenhum!

As mães, obviamente, sequer cogitaram a possibilidade de suas meninas não irem à escola. Fora de questão. E fim de papo.

- Você só pode estar brincando. A maresia deve ter deixado você tonta desse jeito, a ponto de me pedir para não ir à escola. Imagine! Ajoelhou tem que rezar - reagiu a mãe de Manu.

- Mas...

- Não tem mas, nem meio mas, Manuela! Você vai á escola e ponto final. Eu sou sua mãe e você me obedece, é assim que funciona! E será assim enquanto eu pagar as suas contas. Ande, se mexa, não quero que você fique parada na minha frente me olhando com essa cara de peixe morto. Vá para o seu quarto, vá!

Já na casa de Ritinha, o clima era mais ou menos o mesmo, só que um tiquinho pior:

- Vá para o quarto, Rita de Cássia! Está bom por hoje! Já me fez passar muita vergonha, vai ao colégio, sim, senhora! - decretou Cecília. - Eu espero que você esteja feliz com o resultado da sua mentira. Se o que você queria era deixar seu pai triste e decepcionado, parabéns. Ele demorou tanto para deixar você ir a esse show, não merecia essas mentiras, essas atitudes irresponsáveis... está tão chateado que não consegue se sentir bem na sua presença. Desculpe, filha, mas foi você quem procurou isso.

Ritinha saiu da sala e foi correndo para o quarto, derramando rios e rios de lágrimas pelo corredor.

Em sua casa, Gabi bem que tentou, mas não convenceu os pais com seus argumentos de que "errar é humano" e coisa e tal:

- Vocês sempre foram tão maneiros, são os pais mais legais que eu conheço! Vocês não erraram quando eram mais jovens? Vocês não podem fazer disso uma tempestade num copo d'água. Erramos, sim! Mas já pedimos desculpas. E você já foi fã

fanática, mãe... do Roberto e do Erasmo, do Tom, do Vinicius, da Elis, do Chico... Vai dizer que não foi?

Os pais ouviam atentamente. Sem demonstrar um pingo de pena.

- É hora de conversarmos sobre o castigo, a punição, sobre o esforço de vocês para nos convencer de que fizemos a coisa mais horrível e abominável do mundo. Até parece! A gente não estava se drogando, a gente não estava pichando muro, a gente não estava roubando, Deus me livrei A gente não fez quase nada de errado! A culpa não foi nossa, nós fomos obrigadas a mentir e a omitir alguns fatos para não perder a chance de ver os nossos ídolos de perto! Não tinha jeito, nós estávamos com os ingressos na mão! Quem já foi fã como você, mãe, sabe que amor é esse... - discursou Gabi.

Estava inspirada a danadinha. Mas a resposta de sua mãe foi um balde de água fria e começou com aquela frase intimidadora e um tanto irritante que todo mundo já ouviu muuuuito na vida.

- Já para o quarto! Muito bonito, mas não nos convenceu! Chega de nhenhenhém! Você tinha a obrigação de ligar para dizer o que estava acontecendo, Gabriela - irritou-se Iara. -- Amanhã acordo você às seis horas, como sempre. Mas sem chocolate gelado na cama. A partir de agora, nada de mordomia! E não perca mais tempo tentando nos convencer de que você e suas amigas não fizeram nada de errado. Dê um beijo no seu pai, ele vai embora daqui a pouco.

Gabi obedeceu com um beijo murcho e foi para o quarto cabisbaixa, assim como Ritinha e Manu, achando os pais as pessoas mais duras, injustas, cruéis, insensíveis e desumanas da face da terra.

No dia seguinte, para certificarem-se de que o trio não as enganaria mais uma vez, as supermães decidiram levar suas filhas de carro, já que até as bicicletas estavam confiscadas. Lá em Resende, ninguém ia de carro para a escola, só de bicicleta. Portanto, foi um certo mico chegar no colégio com a mãe. E naquele momento, elas fugiam de mico como gato foge de banho.

No portão, algumas dezenas de crianças esperavam as agora famosas alunas. Queriam fazer perguntas e, pior, tirar um sarro da cara delas, falar frases de mau gosto e implicar, apontar e cochichar até dizer chega. Também riam muito, como se nada no mundo fosse mais engraçado do que o trio. Era humilhante.

Ritinha chegou primeiro e atravessou correndo, de cabeça baixa, o túnel de mãos e gritos que se formara do lado de fora do colégio. Gabi preferiu implorar para a coordenadora deixá-la entrar pela porta dos fundos. Pedido atendido. Afinal, era totalmente compreensível a menina não querer passar ainda mais vergonha.

Manu, por sua vez, passou pela pequena multidão de cabeça erguida e com a certeza de que ela e as amigas eram, de longe, as pessoas mais corajosas da cidade. Portanto, não tinham nada do que se envergonhar. Tudo bem, não deu certo. E daí? Pelo menos tentaram.

Na hora do recreio, as três se encontraram na cantina e foram para baixo de uma árvore lanchar. A todo momento parava gente chata para perguntar como tinha sido, para fazer piadinhas sobre o assunto, para falar que os meninos do Slavabody não cantam nada, e por aí vai. Manu tentou fazer Gabi e Ritinha pararem de baixar a cabeça.

- Nós não fizemos nada de tão grave, meninas! Não demos sorte, só isso. E nossos pais já foram crianças um dia, também mentiram para os nossos avós, aposto. Nós provamos que conseguimos sobreviver sozinhas, passar a noite no escuro e no sereno, num chão frio. Aprendemos que devemos tomar mais cuidado com as coisas importantes, para não perdê-las e para não passar por perrengues.

- Ah, tá. Tá bem. Manu. Agora a piada do português, por favor, porque essa não teve graça - debochou Ritinha.

- É sério! Posso contar um segredo para vocês? Eu me sinto uma pessoa bem melhor depois desse fim de semana. E queria muito que vocês também se sentissem assim. Vocês são as amigas que eu mais amo nessa vida e odeio ver vocês tristes. Quero que vocês percebam, como eu, que essa viagem serviu para mostrar que nossa amizade é

mais importante do que qualquer ídolo. Dormimos e acordamos juntas, nos divertimos juntas, sofremos juntas, choramos juntas, sentimos medo juntas e nem conseguimos ver os Slack e companhia. Mas, em compensação, ficamos ainda mais amigas. Não acham?

- Muito bonito isso que você falou, mas eu não queria que as pessoas soubessem quem eu sou por causa de um mico! Um gorila, isso sim! - resmungou Ritinha. - Desculpe, gente. Estou nervosa, meu pai não está nem olhando na minha cara. Está com muita raiva de mim. Anda emburrado o dia inteiro e não fica no mesmo ambiente comigo de jeito nenhum. Se eu chego na sala, ele vai para o quarto; se eu entro na cozinha ele vai para o quintal, e assim por diante. Ele não quer nem jantar na mesa comigo e com a mamãe, que é uma coisa que de sempre prezou. Agora pede para levar a comida dele na cama. Parece até que assaltei um banco e estou fugindo da polícia.

-Ai, ai! Estou tão cansada... Vamos dormir na porta do hotel? Assim aumenta a chance de os Slavobregas saberem que nos existimos! - provocou um menino boboca que passou por elas.

- Manu! Você sabia que fica feia na televisão? – gargalhou outro menino, com o aval de outros três, antes de sair correndo.

Pouco depois, Danielle, a aluna mais sebosa e mais insuportável do colégio, chegou com seu séquito perto do trio e deu uma olhada esnobe de cima a baixo em cada uma delas para depois abrir a boca:

- Tsc, tsc, tsc. Não sei como conseguiram vir à escola depois que aconteceu. Eu estou com vergonha de estudar com vocês. Todo mundo está. Ninguém quer chegar perto das três otárias, já repararam? Vai que uma equipe de televisão está gravando? Aliás, eu ainda não entendi, o mico do século aconteceu por azar ou burrice, hein?

- Acho que foi burrice, Dani. Meia roxa furada? Camisa bordada com 'Eu Amo Resende'? Burrice total, Se isso não é burrice é o quê? Elas mesmas se entregaram para os pais! - completou Natasha, a melhor amiga de Danielle, e tão insuportável quanto.

- Minha mãe disse que quem corre atrás de ídolo é otário – concluiu Danielle.

- Escute aqui, ô sua...

Em vão. As sebosas já tinham dado meia-volta e lhes virado as costas. Elas estavam mal. Sentiam-se acuadas, acanhadas, amedrontadas com a crueldade dos colegas. Não era para menos. Parecia que as coitadas tinham uma doença contagiosa, gravíssima. Ninguém queria se aproximar delas, só mesmo para debochar. Situação constrangedora.

O sinal anunciou o fim do recreio antes mesmo que elas respondessem as afrontas. De volta à sala de aula, professores não paravam de aplicar sermões nos alunos por causa da "armação" de Ritinha, Manu e Gabi. Na saída, os alunos seguiam cruéis, atacando as amigas com mais agressões verbais.

Em casa, os pais continuavam os mesmos: distantes, frios, indiferentes. Cada uma foi para o quarto tentar dormir um sono no mínimo calmo, sem pesadelos. Gostariam de conseguir dormir por cinco, dez, quinze dias, anos, talvez. Só para as pessoas esquecerem que elas existiam. Precisavam dormir bem, sabiam que o dia seguinte seria tão ou mais duro do que aquele. Sentiram na pele o quanto crianças e adolescentes podem ser cruéis. Tinham de repor as energias para enfrentar com dignidade e cabeça erguida as provocações da maioria dos alunos.

Acordaram, tomaram café e seguiram para a escola. As piadinhas e hostilidade foram as mesmas e os professores ainda discursavam em prol da obediência e da lealdade aos pais.

Ao chegar do colégio. Manu, como de praxe, espalhou tênis e meias por todos os cantos, e trancou-se no quarto para ouvir música. No comecinho da tarde, o inusitado aconteceu.

O pai no trabalho e a mãe acabara de chegar da academia. O interfone tocou. Com Maria Clara no banho e Manu com o volume do som nas alturas. Ondina, a faz-tudo da família, atendeu. Foi correndo avisar á dona da casa quem estava do lado de fora, pedindo insistentemente para Manu descer.

- Dona Maria Clara! É a Babete querendo falar com a Manuela!

- Quê? – gritou a mãe de Manu do chuveiro.

- A Babete está ai fora! Quer porque quer falar com a Manu! – gritou novamente Ondina.

Manu não conseguiu entender tudo o que a empregada disse para sua mãe, mas ouviu o nome Babete. Até então ela não havia conseguido falar com a prima, a mãe a proibira de usar o telefone.

Levantou-se num pulo e correu para saber o que estava acontecendo. Sentia-se na obrigação de explicar para a prima os detalhes do desastre em que a viagem se transformara. Queria abraçá-la, pedir desculpas por ter perdido a chave do apê do Davi, tantas coisas...

Quando se aproximou da cozinha, a surpresa. Pingando, de roupão e toalha na cabeça, Maria Clara já passava um pito via interfone em Babete.

- Não insista, garota! Eu não quero mais saber de você conversando com a Manuela. Achei que tinha sido bem clara quando falei com você ontem. Esqueça a minha filha! E me deixe em paz! Por favor!

Ao ouvir a mãe, Manu ficou indócil. Pensou em furar o castigo e sair correndo rumo ao portão, ignorando as conseqüências de um ato como esse, mas pensou também em contar até dez para esquecer que sua prima queria vê-la. A segunda opção talvez fosse a mais acertada, já que Maria Clara não estava com a menos pinta de que permitiria uma nova aproximação entre Manu e a filha de sua irmã tão cedo. Mas não custava tentar.

- Mãe, eu preciso falar com ela, eu imploro!

- Nem pensar, Manuela! Tchau, Babete, tenho muitos afazeres.

- Mãe, por favor! Prometo que nem saio de casa. A gente fica conversando no portão. Eu devo uma explicação para ela!

- Que explicação, o quê? Para essa doida que deixou vocês sozinhas? Não senhora! Crianças não saem de casa quando estão de castigo!

- Mas foi você que me ensinou a dizer "obrigada" para as pessoas que me ajudam. Ela nos levou para o Rio, deu para todas nós de presente os ingressos do show e arrumou o apartamento do Davi para a gente se hospedar. Isso pode não dizer nada pra você, mas ela foi muito bacana, me ensinou a me virar naquela cidade enorme. Se não fosse a Babete, coisas muito piores poderiam ter acontecido e, além disso...

- Ai, tá bom, Manuela. Chega! Odeio drama! Você desce. Mas eu também! Espere que eu vou botar uma roupa.

As duas desceram em silêncio a pequena rampa que separava a casa do portão. Manu, sem conseguir encarar a mãe e com o olhar fixo para o chão, não via a hora de pedir desculpas para Babete.

Quando abriram o portão, Manu deu de cara com a prima, que estranhamente ria de orelha a orelha, ao lado de duas vans com vidros indevassáveis. Manu e a mãe ficaram cabreiras. E o Maneco, onde estava?

- Oi, tia Maclá. Oi Manu! Antes de você falar qualquer coisa, prima querida, tenho uma surpresa maravilhosa para você! Está preparada? Ih, acho que não. tenho certeza que você vai querer chorar ou fazer uma daquelas coreografias sem graças – brincou Babete, enigmática, pouco antes de dar um assobio alto e gritar, na direção da van:

- Chegou a hora de deixar a Manu de boca aberta, galera! Come on, boys! Hurry up!

O desfecho

Imediatamente depois do chamado para lá de entusiasmado, a porta da van se abriu como mágica. Primeiro saiu o Slack (o Slack! o ídolo dos ídolos, o melhor dos melhores, o papa do pop, o pop em pessoa!), vestindo um jeans rasgado com uma camiseta e um casaco preto bem largado. Depois, o Julius, barbinha por fazer (liiiiiiindo!), envergando uma calça cargo caqui e uma blusa de turista, com o calçadão de Copacabana e muitos coqueiros. Já Michael deu o ar da graça com camiseta verde-

musgo, jeans largão desbotado e uma bandana roxa que cobria parte da vasta cabeleira, seguido de perto por Alexander (a quem Babete já se referia, muito íntima, como Alex), todo de preto, com um tênis vermelho e caramelo.

Não eram sósias, não era pegadinha e muito menos piada da mais adorável doidinha de todos os tempos. Os Slavabody Disco-Disco Boys estavam em Resende, na porta da casa da Manu, em carne, osso, bandanas, óculos escuros e pose de celebridade. Ao alcance da mão.

Como a prima previu, Manu levou um choque. Ficou boquiaberta, os olhos arregalados, absolutamente imóvel. Claro que queria se jogar no colo deles, mas parecia ter criado raízes no portão de casa. Não conseguia expressar nenhum tipo de reação. Aos poucos, começou a chorar de emoção. Bem diferente da filha (e muito mais desinibida que ela), Maria Clara imediatamente abriu o portão, ajeitou o cabelo, subiu a saia, empinou o peito siliconado, caprichou no biquinho, pegou Manu pelo braço e foi na direção de Babete.

Mil perguntas passavam pela cabeça de Manu. Por que eles tinham ido á sua casa? Como chegaram lá? O que queriam com ela? E o que Babete tinha a ver com essa história inacreditável?

Quando chegou mais perto dos olhos azuis e de todo o resto de Slack Tom Tompson, ganhou dele um sorriso aberto, sincero finalmente desprendeu-se da mãe, deu um gritinho de fã e correu para tascar no cantor um beijo e um upa apertado daqueles. Chorou de soluçar abraçada ao astro dos astros e começou a soltar as perguntas para a prima, que respondeu assim:

- Calma, eu vou explicar. Eu estava voltando para casa quando parei para dar comida para o Maneco, já aqui em Resende - começou Babete que, diante do semblante confuso de Maria Clara, explicou: - Para botar gasolina no carro, tia! Vi as vans estacionadas, mas nem dei bola - Enquanto o moço abastecia, fui comprar um sorvete na lojinha do posto e, na volta, um cara da produção do Fantástico se aproximou para perguntar se eu sabia onde moravam as meninas que apareceram no programa do último

domingo, se eu tinha alguma referência, coisa e tal. Aliás, que mico, hein Manu? Mas depois a gente fala sobre isso.

Manu ruborizou com o comentário da prima. Mas o mico era passado e o presente estava tão mais interessante... Babete continuou:

- Bom, quando disse que era prima de uma delas, eles ficaram contentíssimos. Deixei o Maneco no posto e entrei numa van. Fomos até o heliporto buscar o Slack e os outros, que tinham acabado de pousar. São uns amores, viu? Viemos batendo papo, jogando conversa fora, falando da vida...

- Sua sortuda! Depois quero saber detalhinhos desse papo "vida" que vocês levaram, viu? Mas o que eles vieram fazer aqui? Quis saber Manu, quicando de ansiedade.

- Ah, eles são muito bonitinhos. A matéria do Fantástico foi luxuosa e deu tanto ibope, que a produção resolveu preparar um repeteco para a próxima semana. Por isso, trouxeram o Slavabody até você e suas amigas. Como eles estão de férias até o show de Sampa, não só toparam fazer a reportagem, como vão pedir para os seus pais perdoarem vocês em rede nacional, olha

que coisa mais linda de mãe, que toisa mais totosa!

- Que coisa linda, que nada! Isso se chama marketing, querida. Bom para o programa, que terá ainda mais audiência no próximo domingo, e bom para eles, que, por conta desse episódio com as meninas, vão vender mais alguns milhares de discos no Brasil, que é um mercadão para a indústria fonográfica. São espertos esses meninos, isso sim. Mas tudo bem - disse Maria Clara. - O que importa é o seguinte: estou abatida, Babete? Com rugas? Será que meu botox ainda está na validade? Não minta para a sua tia - completou, ao perceber que dois cinegrafistas da emissora carioca registravam tudo o que se passava.

Nesse momento, Slack pediu para Babete dar uma de intérprete. Ela pigarreou, fez cara de metida e começou:

- Slack diz que está honrado por ter três fãs especiais como você, Gabi e Ritinha. Para ele, ser amado desta forma é a coisa mais importante para um artista. Ele nunca achou que aqui no Brasil, tão longe dos Estados Unidos, poderia existir um grupo de meninas que até dormiria na rua pelo Slavabody, só para ficar mais perto deles. Agradece de coração o carinho e pede para a tia Maclá reconsiderar o castigo porque tem certeza de que você e suas amigas nunca mais vão mentir. Não é, Manu?

"Manu", Slack Tom Tompson disse "Manu"! O que quer dizer que sabia seu nome, melhor!, seu apelido. Se aquilo fosse sonho que ninguém a acordasse. Mas não era. Agora agarrada com Julius e de novo aos prantos, prestes a assoar o nariz na camiseta do coitado do gringo, rebateu na hora:

- Nunca mais vou mentir para os meus pais, nem para ninguém. Aprendi a lição, juro!

- E fala para ele que eu já perdoei! Pode dizer que o castigo não era sério, era só para ela não errar novamente. Ah. fala que eu sou fã da banda também? - gritou Maria Clara, com os olhos brilhando, doida para ser notada e mostrar mais uma vez na telinha o corpo sarado, malhado e lipoesculturado.

Babete ignorou o comentário da tia e continuou a traduzir o pop star.

- Ele está dizendo que o Brasil é um país sensacional e que eles têm algumas surpresas para o trio de tietes. Mas só vão contar o que é quando estiverem com você, Gabi e Ritinha juntas. Vamos passar na casa delas?

-Ai, meu Deus! Tem mais surpresa? Assim esses meninos me matam do coração. O que é, hein?

- Não sei, mas vamos logo pegar as duas!

- Tá! Vamboral Nossa, elas não vão acreditar! - empolgou-se Manu.

- Eu também vou! - decretou Maria Clara.

- Claro! Vamos! - disse Manu, estendendo a mão para a mãe.

Maria Clara só ficou tiririca da vida quando percebeu que deixara o celular no quarto e, portanto, não poderia ligar para todo mundo que conhecia para falar o que

estava acontecendo. Deu um berro para Ondina e comunicou que daria uma voltinha com a filha e já voltava.

Partiram rumo à casa de Gabi, onde rolou o mesmíssimo chororô. A mãe também se emocionou, mesmo não tendo muita noção do que aqueles branquelos esquisitos representavam para o universo teen. A adolescente abraçou e beijou demoradamente a bochecha de cada um dos integrantes, agarrou Manu, pulou e gritou de alegria, parecia uma perereca. Iara também entrou na van com a filha e sentou-se ao lado de Maria Clara para papear.

Ainda meio atordoadas com o turbilhão de novidades e emoções, Manu e Gabi comemoravam, histéricas. Gabi aproveitou a ausência da mais nova do grupo e perguntou:

- Babete, Babete, você não beijou nenhum deles na boca, né?

- Nenhum? É... hum... assim ó... quer dizer... bem... tá. Beijei dois - revelou, com cara de sapeca, falando baixinho para as mães não ouvirem.

- Dois?! Precisava ser dois? Quem? Quem? Ai, caramba, quem?! - quis saber Manu.

- O Slack

- Pausa! Pausa! Paaaausa! Quem?!

As duas não resistiram ao baque da notícia e soltaram um gritinho agudo, estridente, longo. O motorista da van chegou a dar uma freada, quis saber o que tinha acontecido lá atrás. A dupla pediu desculpas pelo transtorno e continuou o diálogo interessantíssimo. Os astros, óbvio, não entendiam lhufas do que elas conversavam, mas não paravam de sorrir, simpáticos.

- Ai, qual foi o outro? Qual foi o outro? Qual foi o outro? - Gabi estava curiosíssima, como se vê.

- Xi, carambolal Aí você me pegou! Gente, como é que é o nome do bofe? Esqueço direto... Ai, oba, lembrei, lembrei! Eu chamo de Alex para abreviar e porque é mais fácil, mas eu acho, veja bem, eu ACHO que é Alexandre.

- O quê? Você beijou os dois mais gatosl E não é Alexandre, doida! É Alexanderrrrrr! - disse Manu rindo.

- Como você não sabe direito o nome dele? Sabe lá quantas meninas no mundo gostariam de estar no seu lugar? Aí, que inveja. Daqui por diante quando me perguntarem se tenho um ídolo vou responder na lata: Babete, a sortuda! – empolgou-se Gabi.

Ô vidão! E pensar que a dupla, ainda por cima, estava de mãos dadas com os caras mais idolatrados e incensados do planeta. Fala sério! Mas as meninas queriam tanto saber mais da história da Babete que, sem querer, deram uma ligeira esnobada no grupo-sensação, deixando-os em segundo plano por alguns minutos.

- Posso falar uma coisa? Sinceramente eu até entendo que para vocês, eles sejam algo do outro mundo, mas, acreditem eles são só garotos. Típicos garotos americanos. Nos Estados Unidos dá para encontrar vários iguais a eles, na rua, nas faculdades, nas boates - discursou Labareda, sob o olhar incrédulo das amigas que, como tarimbadas fãs fanáticas, acharam aquela declaração insana, estapafúrdia. Mas a maluquete tinha mais para contar: - E querem saber? O beijo deles é bem assim, assim. Beeeem decepcionante. Resumindo: uma lástima.

Uma lástima? O beijo do Slack e o beijo do Alexander? Menos, Babete menos!

Acostumada a dar bitocas em boquinhas famosas, a prima de Manu tratava a situação com uma naturalidade espantosa. E emendou:

- Mas eu não quero nada com nenhum deles, fiquem tranqüilas. Foi só um beijinho de boas-vindas a Resende.

- Só um beijinho? Como assim "só um beijinho"? Deixa desdenhar, sua metida! – debochou Manu. - Agora vem cá, preciso perguntar uma coisa, o Davi ficou muito chateado com a gente pelo sumiço da chave?

Babete respondeu, irritadíssima:

- Não sei nem se quero saber nada que diga respeito a esse tal de Davi, briguei feio com ele.

- Não acredito! Por quê? Ele é tão legal! E vocês são tão amigos! – surpreendeu-se Gabi.

- Por quê? Porque em Angra ele aproveitou para perguntar o que eu achava da caça submarina. Eu disse caça submarina? Matar peixinhos por esportes! – descontrolou-se Babete. – Imagina se eu teria coragem de fazer uma coisa dessas? Fiquei uma fera. Não consegui nem falar com ele depois disso.

Aquela era Babete, vegetariana convicta, confirmando a fama de doidinha e de beijoqueira de famosos e fazendo suas amigas mais novas voltarem a rir escancaradamente.

Chegando à casa da Ritinha, as meninas, juntamente com Babete, fizeram a maior bagunça e os pais vieram imediatamente a porta. Seu Onofre, forte candidato ao posto de Pai Mais Turrão do Mundo, transformou-se na frente dos astros - e das câmaras de tevê. O que a vaidade não faz? Na frente de quatro celebridades internacionais e sabendo que apareceria na tela da Globo, não é que o durão amoleceu?

Em poucos segundos e com um sorriso forçado que deixava à mostra todos os dentes, ele se deixou convencer pelos Disco-Disco Boys e declarou, num discurso inflamado e emocionado, que queimar CDs e tirar o som da filha seria uma punição absurda, que ele já havia mudado de idéia.

- O skate está liberado. Queimar os discos eu não vou. Mas sem ouvir música em casa ela vai ficar, sim. Por pelo menos um ano decretou, tentando manter a pinta de pai bravo.

- Um ano é muito. Será que não dá para baixar? – pediu Slack, sempre traduzido pela beijoqueira.

- Baixa! Tananãi Baixa! Tananã! Baixa. Tananã! - berraram em coro Manu e Gabi

- Ai, ai, ai, ai... esses rapazes são muito bons de coração, não são, minha filhinha queria? – disse, olhando mais para a câmara do que para Ritinha. – Então, pronto. Está decidido. Vou deixá-la sem som por apenas seis meses e não se fala mais nisso.

Tudo bem, vá lá. Aquela decisão já era uma vitória e tanta para a caçula do trio de fãs. Ela e os pais foram convidados a entrar em uma das vans e seguiram para uma fazenda linda, cercada de flores coloridas e muito verdes, a vinte minutos de Resende.

Ao descerem da van, sol a pino e céu azul, as tietes foram presenteadas pelo Slavabody com CDs e DVDs, camisetas, pins, fotos e agendas autografadas. A produção do programa televisivo caprichou, levando o quarteto do Tio Sam para aquele local especial com um único objetivo: gravar cenas de tietagem explicita para mostrar para todo o Brasil. Desnecessário dizer que elas a-do-ra-ram. Só faltou gritarem: "É o Fantástico, oba! É o Fantástico, oba!"

As meninas agarraram a oportunidade Tiraram fotos com os ídolos, correram com os cabelos ao vento, rolaram na grama. Não podia ser mais... cafona. Parecia comercial de desodorante ou pasta de dentes, só faltava aquele efeito de câmara lenta.

Para surpresa, Julius Tiger, o preferido de Ritinha, pegou o violão e tocou uma música que acabara de aprender: Garota de Ipanema, dos geniais, imortais e inesquecíveis Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Foi liiindo! Ele entoou a pérola com um sotaque bem esquisito, mas muito fofinho. As meninas, óbvio, se derreteram.

Os cinegrafistas focalizavam à exaustão cada gesto, cada lágrima. E o melhor de tudo: jogada de marketing ou não, os meninos mais famosos do pop internacional pareciam em estado de graça. De verdade. Gostaram genuinamente do trio resendense. Sentiam-se nobres por receberem amor tão sincero e incondicional. Mas o que é bom dura pouco. Para fãs, então, pouquíssimo.

Ao sinal de um barbudo que comandava tudo, os profissionais rapidamente guardaram câmaras, fios, cabos e luzes. Pouco menos de uma hora depois da aparição triunfal, era chegado o momento de o Slavabody partir.

Logo soube-se que um helicóptero os aguardava num heliporto a poucos minutos dali para levá-los a Búzios. Que chique! Os gringos, com é de praxe, apaixonaram-se pelo Rio e, como filhos de Deus, queriam aproveitar ao máximo as miniférias que

tirariam em solo fluminense. Gente famosa é assim. Vive de helicóptero para cima e para baixo.

A despedida, não é difícil de imaginar, foi um dramalhão mexicano, com direito a abraços e beijos intermináveis e juras de amor eterno aos astros. Ritinha tremia de emoção e Manu chorava de soluçar. Gabi aproveitou o ensejo para se jogar mais uma vez nos braços de Michael e companhia. Precisava agradecer a visita dos ídolos à altura. E eram seus minutos finais com eles, não podia ficar horrenda, com cara de choro, na frente dos caras mais disco-disco do planeta. Além do mais, aquela provavelmente seria a primeira e última vez que ela veria a banda assim, tão de perto.

Em vez de tchau e até logo, o grupo de fãs despediu-se dos gringos famosérrimos de forma peculiar. Soltaram um nada tímido e, vamos combinar, nada criativo "Ah, ah! Uh, uh! O Slavabody é nosso! Ah, ah! Uh, uh! O Slavabody é nosso!".

A cara delas, né não?

- Quantas vezes vou ter de pedir para, por favor, pararem com essa mania de corinho? É insuportável! E eu não vejo nenhum motivo especial para corinho hoje - implicou Babete, - com uma piscadela, devidamente ignorada pelo trio de fanáticas mais empolgado do mundo.

Enquanto as vans se distanciavam - e era um tal de aceno para lá e aceno para cá - , Gabi. Manu e Ritinha orgulhavam-se por gostarem de astros tão comuns, tão dóceis, tão carinhosos, tão simpáticos, nada estrelas, nada esnobes, mesmo com as câmaras desligadas.

No taxi pago pela produção para levá-las de volta para casa, as três pulavam, falavam rápido, todas ao mesmo tempo. Choravam, riam, gritavam, urravam, comentavam. Só então Onofre e as mães presentes começaram a compreender o tamanho do amor que as filhas sentiam pelo grupo.

- As meninas podem dormir lá em casa, mãe? Por favor?! -. implorou Manu, agitadíssima.

Maria Clara consentiu na hora. Iara e Cedia encrencaram de início, mas acabaram cedendo à pressão e permitiram que Gabi e Ritinha fossem direto para a casa de Manu.

- Vocês merecem comemorar essa vitória - comentou Mana Clara.

- Oba, vamos dormir na Manu! Faz aquele brigadeiro com biscoito que só você sabe fazer, tia? - pediu Gabi.

- Claro, querida - respondeu a mãe de Manu.

Depois de encherem a pança com um jantar especial - estrogonofe com arroz e batata frita - as três ficaram finalmente sozinhas na ampla sala da casa de Manu. Devorando uma tigela de brigadeiro, não paravam de sorrir.

- Vocês acham que tudo isso é sonho ou realidade? – brincou Ritinha.

- É realidade. E muito melhor do que a gente sonhou – filosofou Gabi.

Ainda era difícil para elas acreditar em tudo o que tinha acontecido. Afinal, cá entre nós, a visita do Slavabody, se não estivesse devidamente registrada, pareceria uma mentirona daquelas, e ou não é?

- E o que vocês acham que nós aprendemos? Minha mãe insiste nessa pergunta, preciso arrumar uma resposta boa para me livrar logo - indagou Ritinha.

- Eu aprendi que mentira e omissão têm perna curta mesmo, não é só papo chato de mãe, não; agora, o mais legal foi ver que a nossa amizade é eterna. A gente se adora de verdade. Vamos ser amigas até ficarmos velhinhas, tenho certeza - retrucou Manu com a voz trêmula.

- Pois eu aprendi que sonhos nascem para fazer a gente feliz e que é preciso ter garra e força de vontade para lutar por eles e realizá-los - concluiu Gabi.

A lembrança de tudo o que haviam passado deixou as três para lá de felizes. Além de terem conhecido os dois lados dessa coisa de fama e estrelato - que andam tão na moda ultimamente - era muito gostoso olhar para trás, saber que passaram por tantos medos, problemas e lições de moral e saíram dessa aventura melhores do que antes. Melhores, mais espertas, mais atentas, mais desinibidas.

O trio se abraçou forte, muito forte. Sorriso que não saía do rosto, furacão no peito e estômago mexido, as fanáticas de Resende continuaram abraçadas por longos minutos. Um upa apertado, esmagado, com sabor de vitória. Não dava para resistir, aquela atuação berrava por um upa. E ele foi tão apertado que chegou a espremer algumas lágrimas para fora dos olhos das meninas.

Era uma vitória da sorte, que as abandonou por um tempo, mas resolveu se redimir. E vitória dos pensamentos positivos, que finalmente surtiam efeito.

- Peralál Será que essa confusão toda fez a gente crescer? Será que é isso que chamam de amadurecer? - indagou Gabi.

– Acho que não, minha mãe vive dizendo que crescer dói. E eu não estou nada doída - respondeu Ritinha, apertando os músculo do corpo e virando o pescoço de um lado para o outro.

Sorriram de novo e, nesse breve instante, as mulheres que começaram a nascer dentro delas se entreolharam com cumplicidade, com ternura. Mas logo as crianças que ainda eram falaram mais alto e elas voltaram a pensar, agir e comemorar como típicas adolescentes, ou seja, pulando, se abraçando, cantando...

Mais calmas, continuaram:

- E agora, o que vocês querem fazer? – perguntou Manu.

- Eu quero dar uma de estilista e criar umas camisetas maneiras para mandar para eles pelo correio. Já pensou se eles usam num show! - respondeu de bate-pronto Gabi,

- E eu quero revelar os filmes que tiramos com a banda! Vou botar todas as fotos ampliadas na minha cortiça. E você, Manu? - quis saber Ritinha.

- O que eu mais desejo? Ir à escola amanhã para poder contar para todo mundo o que aconteceu. Quero só ver quem vai tirar sarro da nossa cara!

Voltaram a comentar os autógrafos que ganharam, os beijos que haviam dado nos ídolos, as histórias que ouviram deles e também o fato de aparecerem, pela segunda

vez consecutiva, num programa tão visto como o Fantástico. Não é pouca coisa, não, hein? Parecia que elas eram as grandes estrelas dessa história, não o Slavabody.

- Gente, vocês repararam que vamos ficar ainda mais conhecidas? E tudo isso só porque dormimos na rua! – observou Manu.

- Ué, não tem gente que fica famosa pelo simples fato de ter uma bunda dura e exibi-la para quem quiser ver? Não é muito pior? – refletiu Gabi.

Nem mesmo Manu, que sonhava com as passarelas, cogitava a fama apenas pela fama. Ela queria se tornar uma modelo famosa, claro, mas pelo seu trabalho, pelo seu talento, pelo seu esforço. Seria uma injustiça danada se a notoriedade chegasse dessa forma esdrúxula. Afinal, ela achava um mico essas pessoas que vivem dizendo que seu próximo "projeto" é apresentar um programa-supercriativo-recheado-com-cultura-esportes-moda-lazer-culinária-curiosidades-jornalismo-ginástica-horóscopo-e-entrevistas – como nove entre dez celebridades instantâneas, que fazem qualquer coisa para se manter na mídia.

- Ah, mas nós não vamos ficar famosas, famosas. Em um mês ou menos, todo mundo já esqueceu o que aconteceu com a gente. Menos o meu pai. Agora ele está todo exibido, pode? – disse Ritinha.

- E a minha mãe? Pirou completamente. Ela não comenta nada, mas dá para ver os olhos dela brilhando só porque vai aparecer na televisão de novo semana que vem – divertiu-se Manu.

Seguiram nesse bate-papo por mais meia hora, aproveitando a companhia uma das outras. Mas a voz de Maria Clara quebrou o encanto:

- Meninas, vocês não vêm dormir?

Manu olhou para a mãe como se ela fosse a maior desmancha-prazeres do mundo. Maria Clara entendeu o recado.

- Tudo bem, vocês venceram. Mas não fiquem acordadas até muito tarde que amanhã tem aula, hein, senhoritas?

- Está bem, mãe! Nós já vamos, só mais um pouquinho... – pediu Manu.

Relembraram por mais algum tempo pequenos detalhinhos o encontro histórico e depois, enfim, de mãos dadas, subiram para dormir. Mal bateram na cama e desmaiaram de cansaço, depois de um dia tão repleto de momentos emocionantes.

No colchão macio e debaixo de lençóis cheirosíssimos, perceberam que não havia nada melhor do que dormir ao lado das melhores amigas, no conforto e na segurança de casa, pertinho dos pais. Felizes até o fundo da alma, sonharam com os anjos.

Os nomes dos anjos? Slack, Julius, Alexander e Michael, ora!

Mas você entende, né? Coisa de tiete...

Teste

Como Manu. Gabi e Ritinha, você também faria tudo por um pop star? Responda o teste abaixo e descubra que tipo de fã você é.

1) Você está na praia e vê o vocalista de sua banda preferida. O que você faz?

A – Comenta com a sua amiga, de forma blasé, "Ih! Olha lá o fulano".

B – Fica com vontade de pedir autografo, mas a vergonha fala mais alto.

C – Levanta e corre feito uma desesperada, espalhando areia para tudo quanto é iodo, pagando o maior mico só para pedir um autógrafo e dizer para ele que é sua fã número um.

2) Você está num restaurante e vê seu ídolo cercado de amigos numa mesa grande e animada. Você:

A – Não faz nada, imagina se você vai atrapalhar o cara num momento de lazer.

B – Por timidez, pede para um garçom com cara de gente boa pedir o autógrafo no seu lugar.

C – Vai até a mesa do ídolo, sorri para ele, manda beijos e pede um autógrafo. Se ele ou alguém reclamar, você diz, na lata: "Alou! Esse é o preço da fama, Darling!

3) Você não tem idéia de quem é o moreno sarado, mas ele está rodeado por meninas histéricas e chorosas que clamam por fotos e autógrafos. Você:

A – Pensa "que mico!" e reage como se o visse todos os dias.

B – Registra mentalmente o rosto e vai para a internet descobrir quem é para ver se te interessa um autógrafo dele.

C – Vai pedir mesmo sem saber quem é, só para ter na sua coleção.

4) Você está nojenta, suada, descabelada, sem gloss, acabou de voltar da academia e dá de cara com seu cantor preferido, arrumadinho, lindinho e cheiroso, com cara de banho. Você:

A – Nem cogita a idéia de se aproximar do cara, afinal, independentemente de ser famoso, ele é um gato. Esse encontro bem que podia ter acontecido num dia em que você estivesse mais bonitinha.

B – A alguns metros de distância, toma coragem e grita para ele: "amei seu último CD! Você está um espetáculo na capa!"

C – Ignora seu estado de calamidade pública, vai até ele e pede que ele assine "Eu te amo" na sua camisa encharcada, amassada e (sim senhora!) fedorenta. E daí? Todo mundo sua, ué!

5) Você está toda linda, maquiada, de salto alto, vestido chiquérrimo, indo para um casamento. No caminho, avista seu maior ídolo voltando de uma pelada, todo suado, com uma bola de futebol na mão, a camisa suja de terra e o corpo cheio de machucados e contusões. Você:

A – Nem pensa em se aproximar dele. Irc! Irc, irc, irc!

B – Pensa em pedir um autógrafo mas não tem coragem, você está muito, muito linda, mesmo. Além disso, vai que o sangue que escorre do joelho dele mancha seu vestido?

C – Corre para cima do coitado e dá nele vários beijos e abraços. Vai para o casamento prometendo a si mesma nunca lavar aquele vestido e, eufórica, conta para a festa inteira que a mancha em sua roupa é do suor dele. Afinal, eta suor famoso!

6) Perto do Natal, você vê o vocalista de sua banda predileta saindo de um shopping carregado de sacolas, esbarrando em tudo, sem enxergar nada a sua frente. Você:

A – Passa, ri da falta de jeito do cara e ainda pensa: "está fazendo pose de rico, aposto que não pagou nada por essas roupas todas. Artistas é sortudo, ganha coisa pra caramba."

B – Se oferece para ajudá-lo com as sacolas. E uma maneira discreta e gentil de se aproximar sem ser chata.

C – Esbarra nele "sem querer", só para derrubar suas sacolas, ajudá-lo a pegá-las e tentar fazer com que ele, enfim, descubra que VOCÊ é a menina especial que ele tanto diz que procura nas entrevistas.

7) Você está no aeroporto esperando sua melhor amiga, de volta ao Brasil depois de um ano de intercambio no exterior. Você está roxa de saudade dela e levou sua máquina fotográfica mesmo com uma única foto, só para registrar o reencontro de vocês. Mas eis que surge um pop star internacional na sua frente, que passou despercebido e irá embora dentro de segundos. Você:

A – Guarda a foto, amizade é muito mais importante do que qualquer ídolo.

B – Tira a foto de longe, para não incomodá-lo, mas depois se arrepende e pede desculpas aos prantos para sua amiga.

C – Ignora a sua amiga, corre até o pop star em questão e pede para tirarem uma foto sua com ele. Ah!, sua amiga também é fã e vai entender!

8) Depois do almoço, saindo de um restaurante, você encontra seu ídolo e vai falar com ele. Assim que ele abre a boca você percebe que ele tem um pedaço enorme de alface no dente da frente lhe sujando o sorriso. Você:

A – Não diz nada a ele, pega um autógrafo, sai rindo e ainda conta para todo mundo.

B – Avisa para ele discretamente.

C – Não faz nada, quanto mais feio ele aparecer em público melhor, menos fãs vão se interessar, menor a concorrência. Além do quê, para você, ele é lindo de qualquer jeito.

9) Você está numa festa ficando com um cara metido a roqueiro que você azara há séculos, e todos os seus amigos estão lá. De repente, entra seu ídolo cafona, o cantor brega pagodeiro romântico que abala suas estruturas, aquele de quem ninguém sabe que você é fã, só sua melhor amiga. Você:

A – Diz para o gatinho ao seu lado: "Que mico! Estamos na mesma festa que o fulano. E ele é bem mais feio pessoalmente."

B – Vai para perto do cara só pra ouvir o que ele pensa e conversa na intimidade, arrisca puxar um assunto básico, mas não demonstra que é sua fã;

C – Fica histérica, com o coração nas alturas, não resiste e vai falar com ele. Que se dane o gatinho e todo mundo. Sabe lá quando terá uma outra chance dessas?

10) Você começou a tocar violão por causa de um músico desconhecido. Saindo da aula, encontra com ele na fila de um supermercado. Você:

A – Não faz nada, afinal, várias pessoas devem dizer para ele todos os dias que começaram a tocar violão por causa dele.

B – Apenas comenta com ele, meio sem graça, que começou a tocar violão por causa dele. Logo fica vermelha e vai embora correndo.

C – Diz que só estuda violão por causa dele, tira seu instrumento da capa, toca os maiores sucessos dele e só para quando os seguranças confiscam a viola e te convidam a retirar-se do recinto.

Pontuação

Some cada ponto para cada resposta. A, dois para cada resposta B e três para cada alternativa C assinalada.

De 10 a 15 pontos

Fã discreta: você até tem seus ídolos, mas acha que a privacidade deles deve ser respeitada acima de tudo.

De 16 a 24 pontos

Fã contida: sua timidez segura sua euforia quando você encontra um ídolo. Você até fala com ele, dá um tchauzinho de longe, mas escândalo, definitivamente, não é com você. É mico.

De 25 a 30 pontos

Fã fanática: puxa! Você é fã mesmo! Do tipo que faria tudo por um pop star. Manu, Gabi e Ritinha certamente se orgulhariam de ser suas amigas.

Thalita Rebouças é carioca e tem 29 anos. Tudo por um pop star é seu terceiro romance voltado para o público jovem.

Jornalista, há dois anos deixou as redações para se dedicar á literatura. Através de seu site, WWW.thalitha.com, a autora mantém contato diário com adolescentes de todo o país, permanecendo, assim, sempre sintonizada com o que pensam e sonham os jovens brasileiros.